



Ano XXVIII

RAÍZES

54

São Caetano do Sul | Dezembro de 2016



25 ANOS

1991 • 2016





FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA

HÁ **25 ANOS**
PRESERVANDO
SUA HISTÓRIA



Partida de vôlei realizada entre as equipes de São Caetano do Sul e Itápolis, durante os Jogos Abertos de Piracicaba, realizados em 1958

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Nossa Capa

Paula Fiorotti

Como manifestação cultural, o esporte contribui para a construção da identidade de um povo. Em São Caetano do Sul, o investimento direcionado ao esporte de alto rendimento e ao desenvolvimento de programas comunitários, além da manutenção de centros esportivos, ao longo das gestões públicas, propiciou mudanças no comportamento do morador sul-são-caetanense, incutindo a cultura esportiva em seu cotidiano.

A cidade tornou-se referência quando o assunto é esporte, tendo diversos atletas, que vestem nossa camisa, sido premiados em importantes competições mundiais. Diante de tamanha importância para o desenvolvimento sociocultural local, e de um sentimento de identificação coletiva entre os moradores da cidade, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul registrou, nesta edição de *Raízes*, entre tantas pessoas, alguns personagens desta trajetória esportiva marcante.

Ex-atletas, dirigentes, técnicos e apaixonados pelo esporte ilustram as próximas páginas com suas histórias de dedicação, disciplina e comprometimento. E foi justamente pensando nessas características que a imagem da capa nos cativou. Um atleta em pleno movimento, no exato momento de sua ação, com coração, mente e corpo voltados a um único objetivo: o pódio. A prova de natação retratada fez parte da 74ª edição dos Jogos Abertos do Interior, realizada em 2010, na cidade de Santos. O fotógrafo Alexandre Yort, da Secretaria Municipal de Comunicação, nos apresenta um atleta, representante de São Caetano do Sul, em sua essência, no intervalo entre as braçadas, em busca de sua vitória.

Esperamos que esta imagem e que todos os relatos aqui apresentados, transmitidos por quem viveu e sentiu, possam ampliar os saberes sobre os esportes e seduzir cada vez mais pessoas a praticá-los e a observá-los, assegurando a São Caetano do Sul o primeiro lugar nas competições esportivas e nas de sua história.

RAÍZES

Ano XXVIII – Número 54
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2016

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

Guto Rodrigues
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)
EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL

Sonia Maria Franco Xavier (presidente)
Antônio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmellotti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira
João Alberto Tessarini
Marília Tiveron
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Ferreira Fiorotti
Renato de Alencar Dotta
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Eduardo Kazuyuki Koga
Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Ana Luísa Lage
Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Neusa Schilaro Scaléa
Priscila Gorzoni

Talita Scotá Salvatori

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO

E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Bruno Pellegrini Bellucci

Jussara Ferreira Muniz

Monica Iafrate

CTP E IMPRESSÃO

Agn's Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Neste número, buscando novas histórias relativas à formação e crescimento de nossa cidade, destacamos na seção *Em Foco* os personagens que estruturaram e propiciaram condições que favoreceram o desenvolvimento das diferentes modalidades esportivas na cidade e também os fatores que contribuíram para a formação de atletas em São Caetano do Sul.

Iniciamos com o levantamento de todos os centros esportivos e poliesportivos, criados para acolher e estimular o gosto pela atividade física, documentando a origem dos clubes municipais e as realizações dos prefeitos que, com grande visão de futuro, investiram em todos os bairros, para que a população encontrasse estímulo e meios para se engajar nas práticas esportivas com opções de lazer.

Ao percorrer os fios que teceram a rede de relações das diferentes modalidades esportivas, ouvimos os relatos de alguns personagens marcantes pela sua atuação: no atletismo, Zuleica Nabiah Dau de Freitas Sein; no vôlei, Marina Ivete Miotto Silva; no basquete, Vanda Rinalda Dal Col Tormar; no tênis, Cassia Thereza Lorenzini, e no judô, Mário Tsutsui, resgatando um panorama do esporte local, em diversos espaços e períodos.

Também foram ouvidos os depoimentos de Alberto do Carmo Araújo, mais conhecido como Giba, presidente da Liga Sancaetanense de Futebol do final da década de 1960 até o início dos anos 1980; do professor Nelson Perdigão, organizador das *Escolinhas Esportivas* em 1971; do professor Walter Figueira Júnior, que há 50

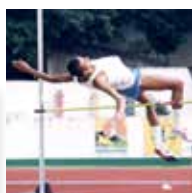
anos atua na área esportiva de São Caetano, e de Mauro Roberto Chekin, grande incentivador do esporte de alto rendimento.

Em *Memória*, afloram as lembranças de Narciso Ferrari sobre os primeiros escritórios de contabilidade da cidade. Em *História Oral*, encontram-se os relatos de um taxista e de um consertador de guarda-chuvas, profissão em extinção. Lá também está a história de um guarda civil municipal orgulhoso de sua profissão. Em *Cultura*, levantamos dois importantes questionamentos: *O que é arte contemporânea?* e *Por que visitamos museus?*. Em *Esportes*, retratamos a história do Saad Esporte Clube. Um artigo da seção *Regionais* conta a história do Moinho de Ribeirão Pires, que figura como o quinto mais antigo do Brasil e aguarda reconhecimento como patrimônio cultural do Estado de São Paulo.

Artigos, Curiosidades, Poesias e Crônicas e Personagem completam as seções desta edição, com textos que, cada um a seu modo, nos transportam a outros tempos, nos quais habitavam outras pessoas e imperavam costumes diferentes.

Externamos nossos agradecimentos a todos os articulistas, conselheiros, autores dos depoimentos, coordenadores dos clubes, doadores de fotos e toda a equipe da Fundação Pró-Memória. Especialmente, agradecemos à Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, que, de maneira gentil e competente, colaborou com nossos pesquisadores na elaboração do tema central deste número. Seja *Raízes 54* uma peça a mais na reconstrução do nosso passado, um legado fidedigno para os que se interessam por quem somos e como chegamos até aqui.

Em Foco



pág

8

São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte
ANA LUÍSA LAGE
E TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág

23

Seu Giba: uma carreira contundente no esporte e no jornalismo esportivo de São Caetano
MARÍLIA TIVERON



pág

28

Uma raquete na mão, um sonho na cabeça e uma cidade no coração
MARÍLIA TIVERON



pág

34

Marina do vôlei e de São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág

38

Mário Tsutsui e o judô de São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág

42

Mauro Chekin: uma vida de altos rendimentos
PAULA FIOROTTI



pág

46

Esportes, paixão pelo futebol e jornalismo
ANA LUÍSA LAGE



pág

50

Além do esporte, uma cultura do bem-estar social em São Caetano
ANA LUÍSA LAGE



pág

54

Vanda Rinalda Dal Col Tormar: um grande nome do esporte sul-são-caetanense
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág

59

Zuleica Sein: um exemplo vivo de motivação e amor à prática esportiva
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág

62

Memória Fotográfica Especial



pág 67
Memória

O início da contabilidade em São Caetano do Sul
NARCISO FERRARI

pág 69
História Oral

69 De São Caetano do Sul a Tabatinga, no Amazonas
PRISCILA GORZONI

71 Garoa, consertos de guarda-chuvas: um ofício peculiar ainda vivo em São Caetano do Sul
MARIANA ZENARO

75 As histórias inusitadas de seu Fuzeto
PRISCILA GORZONI

pág 78
Personagem

Alexandre: uma vida de amor à música
LEONILDA VERTICCHIO



pág 81
Cultura

81 Arte contemporânea sem fórmulas
NEUSA SCHILARO SCALÉA

83 Vamos ao museu?
NEUSA SCHILARO SCALÉA

pág 85
Curiosidades

O túmulo da menina Neves
PRISCILA GORZONI

pág 87
Artigos

Nem todo herói usa capa
LAURA SIMÕES DE SOUZA

pág 88
Esportes

Saad E.C.: campanha de 1974 na elite do futebol paulista
RENATO DONISÊTE PINTO

pág 92
Poesias e Crônicas

92 Bailes, emissoras de rádio e discos de vinil: os embalos da trilha sonora dos anos 1980
MARCOS MASSOLINI

97 São Caetano: alviverde ou alvinegro?
OSCAR GARBELOTTO E JOÃO TARCÍSIO MARIANI

pág 100
Regionais

Uma família, um moinho e uma cidade – A aventura dos Maciotta no Brasil
MARCÍLIO DE CASTRO DUARTE

pág 106
Memória Fotográfica
RAÍZES E RETRATOS | BAÚ DE MEMÓRIAS



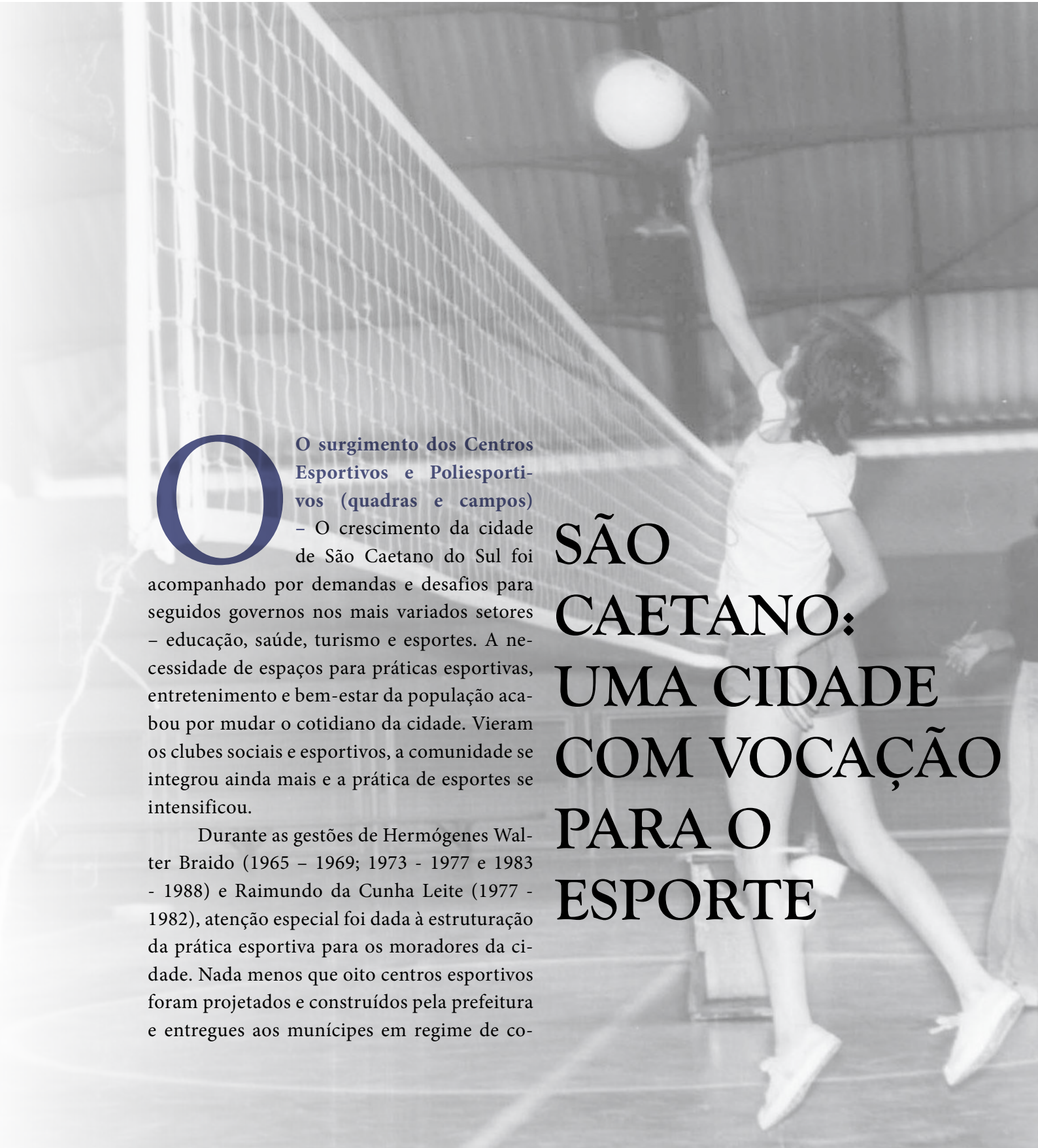
pág 121
Registro

Ana Luísa Lage e Talita Scotá Salvatori

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O surgimento dos Centros Esportivos e Poliesportivos (quadras e campos) – O crescimento da cidade de São Caetano do Sul foi acompanhado por demandas e desafios para seguidos governos nos mais variados setores – educação, saúde, turismo e esportes. A necessidade de espaços para práticas esportivas, entretenimento e bem-estar da população acabou por mudar o cotidiano da cidade. Vieram os clubes sociais e esportivos, a comunidade se integrou ainda mais e a prática de esportes se intensificou.

Durante as gestões de Hermógenes Walter Braido (1965 – 1969; 1973 - 1977 e 1983 - 1988) e Raimundo da Cunha Leite (1977 - 1982), atenção especial foi dada à estruturação da prática esportiva para os moradores da cidade. Nada menos que oito centros esportivos foram projetados e construídos pela prefeitura e entregues aos munícipes em regime de co-



SÃO CAETANO: UMA CIDADE COM VOCAÇÃO PARA O ESPORTE

modato (empréstimo gratuito da propriedade).

Essa prática tinha dois objetivos: oferecer atividades físicas com a implantação do Projeto de Desenvolvimento Esportivo (Planesporte) e proporcionar a cada associação esportiva a incorporação do espaço como sede. Porém, o cenário esportivo da época era composto por 66 times de futebol e, como não seria possível dar espaço a cada um nesse formato, foi feita fusão por meio da Liga Sancaetanense de Futebol.

O total de times unificados resultou em 22 equipes, sendo as outras 34 encerradas. Essas novas agremiações passaram a ter estruturas prontas e suas próprias diretorias, geralmente formadas por moradores do bairro e integrantes do time. Essas pessoas eram responsáveis pela programação, que incluía atividades esportivas e recreativas e muitos eventos para a comunidade.

Com medidas eficientes, o Planesporte impulsionou a iniciação esportiva junto a crianças e jovens, para desenvolvimento de diversas modalidades, o que renderia muitos frutos nas décadas seguintes – conquistas de títulos e medalhas. A partir desse marco, iniciou-se uma intensa atividade no esporte sul-

-são-caetanense e, ao mesmo tempo, deu reatuação para os clubes que haviam surgido.

Alguns anos mais tarde, no primeiro mandato de Luiz Olinto Tortorello (1989 - 1992), houve a implantação do Programa Esportivo Comunitário (PEC). A iniciativa, que funciona até hoje nos centros, é dividida

por três faixas etárias, chamadas de PEC 1, 2 e 3, que abrangem de crianças a idosos.

A proposta busca qua-

lidade de vida e também é porta de entrada para quem deseja seguir carreira esportiva. Ainda durante a gestão de Tortorello, quadras poliesportivas foram construídas e reforçaram a proposta esportiva da cidade, além de servir de apoio para aulas de educação física das escolas municipais.

Em paralelo, há o trabalho competitivo, desenvolvido com modalidades de alto rendimento, o que trouxe nada menos do que 17 medalhas olímpicas para atletas e ginastas do município.

Em 2010, os centros esportivos e poliesportivos da cidade foram municipalizados e, atualmente, toda a estrutura e programação estão sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Esporte e Turismo (Seest), coordenada por Maria Aparecida Benta Apone, secretária na gestão do prefeito



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Festival de Atletismo promovido no Centro Esportivo e Recreativo Vila São José, atual sede do Clube de Atletismo BM&FBOVESPA. Foto de 1999

Paulo Nunes Pinheiro. Toda a população tem direito a usufruir gratuitamente da infraestrutura dos centros esportivos e poliesportivos. Basta entrar em contato com a Seest, por meio do telefone 4228-2000, para obter informações e direcionamento à modalidade desejada.

Todas essas iniciativas provocaram mudanças comportamentais na cultura esportiva de São Caetano do Sul e, mais uma vez, provaram o quanto a população sul-são-caetanense é voltada para o esporte. De acordo com a Seest, mais de 11 mil pessoas praticam atividades variadas no município; como vôlei, futebol, basquete, ginástica, pilates, entre outras.

CENTROS ESPORTIVOS DE SÃO CAETANO DO SUL

CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E ESPORTE (CIEE) ALCINA DANTAS FEIJÃO – ÁGUIAS DE NOVA GERTY

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Inauguração do Centro Esportivo e Recreativo Águias de Nova Gerty. Da esquerda para a direita, observam-se: o vereador Gentil Monte, o prefeito Raimundo da Cunha Leite e o presidente do Águias de Nova Gerty, Antônio Santo Abate. Foto da década de 1970

Registrado como Centro Esportivo e Recreativo (CER) Nilson Monte (decreto nº 4.271), o Centro Integrado de Educação e Esporte (CIEE) Alcina Dantas Feijão – Águias de Nova Gerty (Rua Juruá, nº 50, travessa Nilson Monte, Bairro Mauá) começou a funcionar em 9 de outubro de 1973 (contudo, o registro é de

18 de novembro de 1976). Seu time, o Águias de Nova Gerty - que surgiu da fusão do Santos F.C., Esporte Clube Vila Gerty, Guarani F.C e Esporte Clube Torino de Vila Marlene -, passou a ocupar o local como sua sede. Após a municipalização, ocorrida em 2010, houve uma reestruturação e o Águias hoje conta com uma sala especial dentro do clube.

A estrutura ampla, de aproximadamente 20 mil m², é composta por dois ginásios poliesportivos, duas piscinas, campo de futebol oficial, salão de festas e sauna. Por causa de sua localização, o espaço é usado para aulas de educação física dos alunos da Escola Municipal de Ensino (EME) Professora Alcina Dantas Feijão.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) ARTHUR GARBELOTTO - FUNDAÇÃO

Nomes de peso da seleção brasileira de basquete, como Marlene José Bento, Delcy Ellender Marques, Simone Bittencourt de Oliveira, Vanda Rinalda Dal Col Tormar, Hortência de Fátima Marcari e Norma Pinto de Oliveira, a Norminha, já integraram a equipe de basquete feminino de São Caetano e usaram a estrutura do clube (localizado na Rua Ceará,

Acervo/Centro Esportivo e Recreativo Arthur Garbelotto



Campo de futebol, quadra poliesportiva, área para bocha e piscina compõem a estrutura do Centro Esportivo e Recreativo Arthur Garbelotto – Fundação, inaugurado em 15 de novembro de 1973. Foto da década de 1980

nº 509, Bairro da Fundação) para treinos e jogos.

O espaço, com atividades iniciadas em 15 de novembro de 1973 e, oficialmente, registrado em 29 de outubro de 1975, tem como time de futebol o Centro Recreativo e Esportivo Fundação (Cref). Focado nas atividades das categorias menores de futebol e futsal, o clube preparou, por exemplo, Silvinho, ex-lateral esquerdo do Corinthians. O local também sediou grandes campeonatos, como a Copa Fundação.

Em quatro décadas, o clube cresceu de modo expressivo. A estrutura inicial, com campo de futebol e área para bocha, foi ampliada, com a construção de quadra poliesportiva e piscina.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) CARLOS JOEL NELLY – SETE DE SETEMBRO

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Tradicional na região, o time Sete de Setembro F.C. participava de diversas disputas. Jogadores e comissão posam para foto. Foram identificados: Giba, Primo, Zé Perobo, Zeca, Rubens, Mauro, Mingo, Herminio, Luiz (massagista), Joãozinho, Serginho, Garça, Darci e Canhoto. Foto da década de 1960

Conhecido pelo futebol de várzea, o clube (localizado na Rua Nelson, nº 231, Bairro Mauá) iniciou suas atividades em 7 de setembro de 1949 e foi oficialmente registrado em 14 de fevereiro de 1968. O campo de futebol foi usado pelos times do bairro e pela Liga Sancaetanense de Futebol durante os campeonatos municipais, e hoje abriga, com sucesso, a realização da Copa Sete de Setembro.

O local oferece futebol amador para todas as

idades. Exemplos são as categorias sub-12, sub-16, juniores, principal, veterano e veteraníssimo. Quadra, campo e salão de festas formam os principais atrativos do local. Há também uma área reservada para a prática de gateball – esporte coletivo de taco.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) LUIZ BARALDI – GISELA

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vista aérea do Centro Esportivo e Recreativo Luiz Baraldi – Gisela. A estrutura é formada por piscinas, quadras poliesportivas, salas para aulas diversas e campo de futebol. Foto de 1991

Referência em campeonatos de futebol, o Gisela coleciona troféus e nomes de jogadores que ganharam destaque Brasil afora. Tudo começou em 1945, quando os integrantes da Sociedade Esportiva Gisela se reuniram em um porão, na Rua Pan, nº 32, no Bairro Boa Vista, em São Caetano. O objetivo era apenas um: desenvolver as estratégias para vencer todas as competições de futebol. Anos depois, em 28 de outubro de 1973, foi transformado em Centro Esportivo e Recreativo Gisela. Três anos se passaram quando, em 18 de novembro de 1976, o clube recebeu como sede o Centro Esportivo e Recreativo Luiz Baraldi (Rua Sebastião Diogo, nº 99, Bairro Boa Vista).

Duas piscinas, duas quadras poliesportivas, campo de futebol, salas para aulas, salão de festas e churrasqueira compõem a estrutura do local.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) MIGUEL MARCUCCI – ABREVB

A prática constante do futebol – tanto de salão quanto de campo –, assim como o basquete, o vôlei e o judô, rendeu títulos importantes ao Centro Esportivo e Recreativo (CER) Miguel Marcucci – Abrevb (Avenida

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O campo da Abrevb foi palco de treinamento de futuros campeões do futebol, a exemplo de Juninho Paulista e Lucas Rodrigues Moura da Silva. Foto da década de 1970

Presidente Kennedy, nº 2.300, Bairro Olímpico). E, também, contribuiu para o surgimento de atletas que hoje se tornaram ídolos, como o judoca e campeão olímpico Rogério Sampaio Cardoso.

Da fusão dos times Náutico F.C., Barcelona F.C e Nacional F.C, nasceu, em 28 de julho de 1973, a Associação Beneficente, Recreativa e Esportiva de Vila Barcelona (Abrevb). Registrado em 6 de janeiro de 1976 e inaugurado no dia 18 do mesmo mês, o clube passou a ter como sede o Centro Esportivo e Recreativo (CER) Francisco Fiorotti (decreto nº 4.167), mas é popularmente conhecido como CER Miguel Marcucci – Abrevb.

Com mais de 4 mil sócios, a estrutura inicial não era suficiente para acolher a todos. Até que, em sua segunda gestão (1997 - 2000), Luiz Olinto Tortorello incorporou ao Abrevb a estrutura do Clube Recreativo Esportivo de São Caetano (Cresc). Após as alterações, o

centro passou a ter, aproximadamente, 19 mil m², e oferecer à população quatro piscinas, ginásio poliesportivo e campo de futebol.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) PEDRO FURLAN – TAMOYO

Em 15 de maio de 1944, houve a fusão de dois times tradicionais na época, Juvenil Brasil e Juvenil Monte Alegre. Assim nasceu o Clube Atlético Tamoyo. Mesmo assim, sem campo fixo e sempre presente nas disputas de campeonatos municipais, o time necessitava de uma sede. Por fim, no dia 11 de novembro de 1973, por conta do Planesporte, houve uma nova união com o São Bento, que levou ao surgimento do Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, que passou a ocupar o Centro Esportivo e Recreativo (CER) Pedro Furlan (Rua São Paulo, nº 200, Bairro Cerâmica), oficialmente registrado em 7 de novembro de 1975.

Ginásio de esportes, campo de futebol, piscina e salas de judô, balé, ginástica e musculação formam a estrutura do centro esportivo.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Sede do Centro Esportivo e Recreativo Pedro Furlan – Tamoyo, estruturado com ginásio de esportes, campo de futebol, piscina e salas para aulas de ginástica. Foto de 1995

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) PROSPERIDADE – CESPRO

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Além de piscina, pista para caminhada e ginásio poliesportivo, o clube apresenta ampla quadra de areia, usada para prática de futebol e vôlei. Foto de abril de 2016

Da fusão dos clubes de futebol União Jabaquara F.C., Vila Prosperidade F.C., Sociedade Auxiliadora Mútua de Vila Prosperidade e Sociedade de Amigos de Vila Prosperidade, surgiu, pioneiramente, em 1972, o Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos de Vila Prosperidade (Creua). Anos mais tarde, houve a separação dos participantes e o espaço de entretenimento da comunidade passou a ser o Centro Esportivo Prosperidade (Cespro) João Morselli (decreto nº 4.121 e localizado na Rua da Garça, nº 121, Bairro Prosperidade).

Por causa das aulas das escolinhas de futebol de salão, vôlei e basquete, passaram por lá nomes de peso do esporte brasileiro. O local é estruturado com piscina, quadra poliesportiva – que leva o nome de João Morselli – e de areia, pista para caminhada e salas para aulas.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) SANTA PAULA – GONZAGA

Um espaço da cultura nipo-brasileira. Assim pode ser identificado o clube oficialmente registrado em 16 de março de 1990 como Centro Social José Tortorello (decreto

nº 6.247) e conhecido como Centro Esportivo e Recreativo Santa Paula – Gonzaga (Rua Luiz Louzã, nº 170, Bairro Santa Paula).

O local é sede da Associação Nipo-Brasileira de São Caetano do Sul (Bunka SCS), que tem o propósito de divulgar a cultura japonesa na região do ABC. Piscina, quadra poliesportiva, salas para aulas e salão de festas compõem a estrutura do clube. A própria associação promove atividades do universo oriental, nas categorias artes marciais (karatê, aikido e ninjutsu), dança (odori e shako dance), esporte recreativo (badminton), cultura (canto japonês, karaokê, Ikebana, taiko e mangá) e língua japonesa.

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Quadra do Centro Esportivo e Recreativo Santa Paula – Gonzaga onde são realizados treinos da equipe de vôlei de alto rendimento

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) VICTÓRIO DAL'MAS – SANTA MARIA

Um lugar que abraça as modalidades de alto rendimento é a melhor definição para o Centro Esportivo e Recreativo (CER) Victório Dal'Mas – Santa Maria (Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1301, Bairro Santa Maria). Tudo começou em 1973, quando houve a fusão dos times Estrela Vermelha F.C., Ponta Porã F.C. e Associação Atlético Alvorada, que deu origem à Sociedade Esportiva Recreativa e

Cultural (Serc) Santa Maria.

Anos depois, exatamente no dia 30 de abril de 1976, o clube passou a ter como sede a estru-

Foto/Ari Tonon (FPMSCS)



O primeiro campo de gramado sintético público de São Caetano do Sul foi inaugurado no local em 16 de agosto de 2015. Foto de abril de 2016

tura oficialmente registrada como Serc Francisco Locoselli (decreto nº 4.198), com campo de futebol nomeado Victório Dal'Mas.

Hoje, com foco no esporte competitivo, o clube oferece infraestrutura para o treinamento de diversas modalidades, com destaque para natação, basquete e futebol. Tudo graças à quadra poliesportiva, piscina e campo de gramado sintético.

ASSOCIAÇÃO DE GINÁSTICA DI THIENE (Agith)

Da união de pais e professores e com total apoio da Prefeitura Municipal surgiu, em 10 de novembro de 1993, a Agith (Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano, nº 1.301, Bairro Santa Maria). A finalidade era incentivar a prática de ginástica artística. Primeiramente localizada na Avenida Kennedy, nº 3.555, não demorou para a demanda dos alunos aumentar e o espaço ficar pequeno. Por isso, em 2011, as equipes ganharam uma área de treinamento dentro do Centro Esportivo e Recreativo (CER) Victório Dal'Mas – Santa Maria.

Todos os professores são especializados e

dão aulas para, em média, 300 crianças em iniciação, com idade entre 5 e 10 anos, e para 50 atletas em competições de alto rendimento. A ginástica artística feminina é composta por quatro aparelhos: solo, salto, trave e barras paralelas assimétricas. Já a masculina engloba solo, salto, barras paralelas, barra fixa, cavalo

Foto/Ari Tonon (FPMSCS)



A prática da ginástica artística no local, tanto feminina quanto masculina, é possível graças à disponibilidade de argolas, trave, barras paralelas, barra fixa e cavalo com alças. Foto de maio de 2016

com alças e argolas. Dos atletas que treinam no local, destaque para o ginasta e campeão olímpico Arthur Zanetti.

CENTRO EDUCACIONAL E ESPORTIVO (CEE) ERASMO BATISSACO – ASSOCIAÇÃO MORADORES DO BAIRRO MAUÁ

Da necessidade de se ter um grupo de pessoas para defender os interesses e as necessidades dos moradores do Bairro Mauá, surgiu, em 2 de julho de 1989, a Associação Moradores do Bairro Mauá, sob o comando de Dorival Fernandes.

Com sede em um salão alugado, as demandas de trabalho cresceram tanto que, em 15 de maio de 1991, a entidade foi presenteadada pelo prefeito Luiz Olinto Tortorello com a administração do Centro Educacional e Esportivo (CEE) Erasmo Batissaco – Associação Moradores do Bairro Mauá (Rua da Eternidade,

nº 13, Bairro Mauá). Aulas, shows, atendimentos à população e outros serviços passaram a ser promovidos pela comunidade.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do Centro Educacional e Esportivo Erasmo Batissaco – Associação Moradores do Bairro Mauá. Foto de 1991

O espaço, antes restrito a uma praça abandonada, ganhou vida com as atividades oferecidas pela instituição. Cercada de muito verde, a estrutura comporta quadra poliesportiva, parquinho, cancha de bocha e área ao ar livre para prática de xadrez.

CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E ESPORTE (CIEE) OLYNTHO VOLTARELLI FILHO – ALVI CELESTE

Acervo/Centro Integrado de Educação e Esporte Olyntho Voltarelli Filho – Alvi Celeste



Equipe da Sociedade Esportiva Recreativa Alvi Celeste na disputa de um amistoso contra o Corinthians, no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Foto de 1967

Registrado em 17 de dezembro de 1992 como Sociedade Esportiva Recreativa (SER) Waldemar Bucoff (decreto nº 6.957), o clube (localizado na Rua Domenico Botan, nº 91, Bairro Oswaldo Cruz) serviu de sede para a Sociedade Esportiva Recreativa Alvi Celeste, fundada em 28 de junho de 1957 – antes o grupo de amigos jogava em um terreno íngreme, próximo à Rua Oswaldo Cruz.

Os próprios associados foram os responsáveis pela construção do prédio, que hoje é usado tanto pela população quanto para aulas de educação física dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Olyntho Voltarelli Filho. O espaço apresenta estrutura formada por quadra poliesportiva, salão de festas e salas para aulas.

ESTÁDIO MUNICIPAL ANACLETO CAMPANELLA E COMPLEXO POLIESPORTIVO LAURO GOMES DE ALMEIDA

Inaugurado em 2 de janeiro de 1955, o Estádio Municipal Anacleto Campanella surgiu a partir da fusão do São Caetano Esporte Clube e do Comercial F.C., de São Paulo. Daí, nasceu a Associação Atlética São Bento. Para sediar a 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior, disputados entre 5 e 18 de outubro de 1964, o prefeito Anacleto Campanella construiu uma estrutura, inaugurada no mesmo ano, com o nome de Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida (Avenida Walter Thomé, nº 64, Bairro

Olímpico). O local era composto por pista de atletismo, campo de futebol, piscina olímpica e de saltos, ginásio poliesportivo, canchas para bocha, vestiários e alojamentos. O complexo conta, ainda, com o Ginásio de Esportes Professor Milton Feijão e o Conjunto Aquático Leonardo Sperate.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vista aérea do Bairro Olímpico, onde está localizado o Estádio Municipal Anacleto Campanella. Foto de 1968

O estádio, cuja capacidade é para 22.738 pessoas, passou por uma grande reforma em 1989. Em 2007, sofreu mudanças estruturais, para ser reinaugurado no dia 30 de maio de 2008. Em paralelo à preparação dos atletas e jogos realizados no local – a exemplo das equipes de futebol profissional do Clube Atlético Monte Alegre, Vila Alpina F.C., Transauro F.C., Saad Esporte Clube –, foi criada, em 4 de dezembro de 1989, a Associação Desportiva São Caetano. Contudo, a A.D. precisava se inscrever na Federação Paulista de Futebol e, para isso, a entidade exigia a inscrição de um clube que já tivesse disputa registrada em três campeonatos amadores. Para a concretização do clube, a Sociedade Esportiva Recreativa (SER) Jabaquara cedeu a razão social para inscrição da A.D. São Caetano, que tem o estádio como seu campo oficial.

Desde então, grandes nomes do futebol brasileiro passaram pelo time: Luiz Pereira, Serginho Chulapa, Silvio Luiz, Paulo Sérgio Oliveira da Silva, mais conhecido como Serginho, Adhemar Camargo, Vladimir, entre outros. A instituição também coleciona títulos e troféus nas copas João Havelange e Libertadores da América. A torcida fiel acompanha todos os jogos, com destaque para a organizada Bengala Azul, formada por aposentados e pessoas com mais de 60 anos.

CENTRO DE INTEGRAÇÃO EDUCACIONAL COMUNITÁRIO (Ciec) BENEDICTO DJALMA CASTRO – CLUBINHO

Fundado em 26 de setembro de 1992, na gestão de Luiz Olinto Tortorello, o Clubinho (Rua da Garça, nº 323, Bairro Prosperidade), como é conhecido, é um clube de lazer aberto à comunidade. Dispõe de cancha de bocha, salão de festas, quiosque, churrasqueira e recepção. Em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura (Secult) da Prefeitura de São Caetano do Sul, durante a semana, são disponibilizadas oficinas gratuitas de artesanato em tecido, pintura em tela, capoeira e zumba.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do Centro de Integração Educacional Comunitário Benedicto Djalma Castro no ano de sua fundação, em 1992. O Clubinho da Prosperidade possui infraestrutura de lazer aberta à comunidade

CENTRO DE LUTAS MIRIAM TERESA BIZERRA CORRÊA E PARQUE AQUÁTICO CARLOS ANTONIO BIAZZOTO – A.D. SÃO CAETANO

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Jogos Regionais de natação disputados na piscina do Parque Aquático Carlos Antonio Biazotto. Vale ressaltar que a profundidade da piscina atinge 2,15 metros. Foto de 1999

Inaugurados no dia 5 de julho de 1997, na gestão do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Centro de Lutas Miriam Teresa Bizerra Corrêa e o Parque Aquático Carlos Antonio Biazotto estão alocados dentro da estrutura da A.D. São Caetano (Av. Fernando Simonsen, nº 130, Bairro Cerâmica). O Parque Aquático Carlos Antonio Biazotto, que teve a piscina fechada em 2010, foi reinaugurado em 2012 e seu espaço cedido para a Prefeitura de São Caetano do Sul em forma de comodato. Em parceria com a Seest, oferece aulas gratuitas de judô, natação, karatê e boxe. O espaço é utilizado também para o treinamento esportivo das equipes de judô e natação de alto rendimento e para o treinamento de atletas paraolímpicos.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) ANTONIO BENEDETTI SOBRINHO – BOCHÓFILO SÃO JOSÉ

O primeiro clube de bocha de São Caetano do Sul, denominado inicialmente Clube

Esportivo São José (Rua Rio Grande do Sul, nº 1.083, Bairro Santo Antônio), foi criado em 12 de julho de 1963, por um grupo de pessoas influentes no meio social da cidade, que se reuniram na casa de José Benedetti para criar um clube dentro das exigências de entidades oficiais do jogo de bocha. Em uma das paredes do CER São José, está preservada uma placa de 1988, da comissão de festejos da administração de Hermógenes Walter Braido, em comemoração ao jubileu de prata do clube, que homenageia todos os seus fundadores: Antonio Benedetti Sobrinho (1º vice-presidente), Antonio Paiva e Silva (1º presidente), Antonio Zorzim, Antonio Garbelotto, Angelo Eugenio Benedetti, Adolpho Marani (1º tesoureiro), Carmine Antonio Iézzi, Carlos Fernandes (1º diretor social), Edson Zanon (2º tesoureiro), Giacomo Benedetti, Giuseppe Maccari, Humberto Piccolo, João Molinari, João Batista

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do Clube Esportivo São José, localizado na Rua Rio Grande do Sul, no ano de sua fundação. Foto de 1963

Coan, João Marchetto, José Esteves, José Mariano da Silva, Lazaro de Campos, Orlando Pegorin (1º diretor técnico), Orlando Hipólito, Pedro Romquezezi, Paulo Boaventura (1º

secretário-geral) e Sergio Zapparoli.

No ano seguinte, em 1964, ocorreu, em São Paulo, o primeiro campeonato estadual da modalidade, e o clube terminou em primeiro lugar. Com a conquista, sua popularidade aumentou e novas famílias passaram a frequentá-lo. Dentre elas, uma que se destaca é a família Escanho. Flora, Cleide e Cleuza Escanho foram, por muitos anos, as principais responsáveis por eventos sociais, tais como jantares dançantes, bingos beneficentes e até apresentações de escolas de samba, a fim de ajudar o clube a se manter. Cleide Escanho é reconhecida pelos frequentadores do clube como uma das melhores atletas da equipe feminina do Bochofílo São José, com seu nível técnico insuperável. Outros grandes jogadores foram: Vanderlei Gomes, o Gauchinho, que conquistou 24 títulos pela seleção paulista de bocha e 23 paulistas pelo Clube São José, e Edson Zanon, que fez parte de todos os títulos do clube. Além de ter sido um dos fundadores do São José, é o único integrante ainda vivo da primeira diretoria.

Em 22 de janeiro de 1975, o clube foi oficialmente denominado Centro Esportivo e Recreativo Antonio Benedetti Sobrinho, por meio do decreto municipal 4.039, na gestão de Hermógenes Walter Braidó. Durante os mais de 50 anos que foi dirigido por seus associados, o clube conquistou aproximadamente 160 títulos federados e 600 não federados, campeonatos paulistas, estaduais, brasileiros, estaduais mistos, além de ter alcançado, por quatro vezes, o título da Taça Brasil de Bocha, e um prêmio sul-americano.

Além da bocha, carteadó e sinuca, o clube também se destaca na ginástica rítmica. Em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, conta com uma escolinha específica, direcionada ao esporte competitivo.

CENTRO ESPORTIVO E RECREATIVO (CER) NATALE CAVALHEIRO / CLUBE DE ATLETISMO BM&FBOVESPA – VILA SÃO JOSÉ

O Estádio Distrital Natale Cavalheiro (Estrada das Lágrimas, nº 90, Bairro São José) foi inaugurado em 1968. Sua denominação

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Antiga estrutura do Centro Esportivo e Recreativo Vila São José, ainda com piscina e campo de futebol. Foto do início da década de 1990

deu-se com o decreto nº 2.914, de 28 de junho de 1967. Sede do São José Futebol Clube (criado em 1954), passou por uma fusão com o Flamengo Futebol Clube (1954) e o América Futebol Clube (1964), ocorrida em 14 de novembro de 1973, dando origem ao Centro Esportivo e Recreativo Vila São José.

Desde 2012, o terreno, que ocupa uma área de 31 mil m², é sede, em comodato com a Prefeitura de São Caetano, do novo Centro de Treinamento do Clube de Atletismo BM&FBOVESPA. Com isso, passou a contar com uma estrutura de última geração (ginásio *indoor* com pista de seis raias, salas de musculação, fisioterapia, psicologia, nutrição, sala dos técnicos e de imprensa, vestiários, banheiros, mezanino e praça) e, além da formação e preparação de atletas de alto desempenho, tem como objetivo a inclusão social. Mantém

características de curso formativo, permitindo a continuidade àqueles que não se sobressaíram para formar a equipe de alto rendimento, sob a responsabilidade da BM&FBOVESPA. O aluno experimenta suas habilidades, canalizando-as, posteriormente, na que mais se destaca, entre provas de corrida, lançamento, arremesso e salto. Essa parceria tem sido fundamental para manter alunos, atletas e infraestrutura, que, por sinal, é uma das melhores do mundo para o atletismo, alocando a primeira pista coberta do Brasil.

CENTROS POLIESPORTIVOS (QUADRAS E CAMPOS)

CENTRO POLIESPORTIVO ARMANDO LIMA E SILVA CORUJEIRA – EMEF LUIZ OLINTO TORTORELLO

Inaugurado em 17 de junho de 2004, durante a gestão do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Centro Poliesportivo Armando Lima e Silva Corujeira (Rua José Benedetti, nº 550, Bairro Cerâmica) foi construído em um terreno junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Luiz Olinto Tortorello. A quadra, que é



Fachada atual do Centro Poliesportivo Armando Lima e Silva Corujeira, da EMEF Luiz Olinto Tortorello. O espaço é utilizado para aulas de educação física e treinamento da equipe feminina de basquete de alto rendimento e equipes de base

utilizada pela escola para aulas de educação física, também é cedida para treinamento esportivo da equipe feminina de basquete de alto rendimento e equipes masculina e feminina de base.



Armando Lima e Silva Corujeira, patrono do centro poliesportivo

CENTRO POLIESPORTIVO DELENICE APARECIDA FONSECA OLIVEIRA – EE JOANA MOTA

Inaugurado em 8 de setembro de 2004, na gestão do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Centro Poliesportivo Delenice Aparecida

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Construção da quadra do Centro Poliesportivo Delenice Aparecida Fonseca Oliveira, utilizada atualmente para treinamento da equipe masculina de basquete de base e de alto rendimento. Foto de 2003

Fonseca Oliveira (Rua Espírito Santo, nº 1.530, Bairro Cerâmica) foi construído em um terreno junto à Escola Estadual (EE) Joana Mota, no entanto, trata-se de uma quadra independente da escola, sendo a Seest responsável pelo espaço. É utilizada para

treinamento esportivo da equipe masculina de basquete de alto rendimento e da pré-equipe masculina de basquete.

Delenice Aparecida Fonseca Oliveira, patrona do centro poliesportivo



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

nicipal de Esporte e Turismo, é cedida para o treinamento esportivo das equipes masculina e feminina de futsal (alto rendimento).

CENTRO POLIESPORTIVO MARLENE JOSÉ BENTO – EMEF PROFESSORA EDA MANTOANELLI

CENTRO POLIESPORTIVO JOAQUIM CAMBAÚVA RABELLO – EE DONA IDALINA MACEDO COSTA SODRÉ

Inaugurado em 20 de maio de 2000, durante a gestão do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Centro Poliesportivo Joaquim Cambaúva Rabello (Rua Capeberibe, nº 265, Bairro Barcelona) foi construído em terreno

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Joaquim Cambaúva Rabello, patrono do centro poliesportivo



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Inauguração da quadra do Centro Poliesportivo Marlene José Bento da EMEF Professora Eda Mantoanelli. Destaque na foto para o ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello, ladeado por Walter Figueira Júnior e Marquinho Tortorello. Foto de 1999

cedido pela prefeitura junto à Escola Estadual (EE) Dona Idalina Macedo Costa Sodré. A quadra, além de ser utilizada pela escola para aulas de educação física, conveniada ao clube São Caetano Futsal, fundado em 2 de janeiro de 2003, e, em parceria com a Secretaria Mu-

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Quadra do Centro Poliesportivo Joaquim Cambaúva Rabello. O espaço é utilizado pela EE Dona Idalina Macedo Costa Sodré para a realização das aulas de educação física, e cedido pela prefeitura, em parceria com a Seest e com o Clube São Caetano Futsal, para o treinamento esportivo das equipes masculina e feminina de futsal de alto rendimento

Inaugurado em 24 de outubro de 1999, durante a gestão do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Centro Poliesportivo Marlene José Bento (Rua Tibagi, nº 10, Bairro Olímpico) foi construído em terreno cedido pela prefeitura junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professora Eda Mantoanelli. O espaço, além de ser utilizado durante a semana para aulas de educação física da escola, também é, em parceria com a Seest, utiliza-

Marlene José Bento, patrona do centro poliesportivo



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

do para treinamento esportivo das equipes masculina e feminina de handebol de alto

rendimento nas categorias: cadete, juvenil, júnior e adulto. Nos fins de semana, o espaço fica reservado para jogos.

TÊNIS CLUBE DE SÃO CAETANO DO SUL

O Tênis Clube de São Caetano do Sul (Rua Justino Paixão, nº 367, Jardim São Caetano) foi fundado em 1º de fevereiro de 2000. Em 22 de junho de 2001, o então prefeito, Luiz Olinto Tortorello, por meio do decreto nº 8.276, concedeu ao clube, a título precário, gratuito e por tempo indeterminado, a permissão de uso do imóvel localizado na quadra formada pelas seguintes vias: Rua Justino Paixão, Estrada das Lágrimas, Rua Ribeirão Pires e Avenida Guido Aliberti. Após recebimento do terreno, além da necessidade de reconstrução das quadras, foram indispensáveis reformas, por meio das quais foram construídos vários departamentos, tudo planejado e executado pelo clube com verbas próprias.

O espaço, que hoje possui cinco quadras, sendo quatro descobertas (duas de saibro e duas de lisonda) e uma coberta (saibro), conta também com secretaria, lanchonete, cozinha, churrasqueira, sala dos professores, almoxarifado, sala para atendimento psicológico, academia, banheiros, poço artesia-

no, postes de iluminação, estacionamento e arborização. O clube, que desde sua fundação é presidido por Altevir Vargas Anhô, possui, ao total, 11 professores, um preparador físico, uma psicóloga, um responsável pelo departamento administrativo e financeiro e um auxiliar de escritório.

possui muito prestígio, tornando muitos de seus atletas campeões, tanto que, desde o ano de sua fundação até hoje, já foram computados mais de mil títulos. Entre eles, podemos destacar que o clube promoveu 22 torneios abertos, apoiados pela Federação Paulista de Tênis. Entre 2000 e 2012, na cate-

Acervo/Tênis Clube de São Caetano do Sul



Vista panorâmica do Tênis Clube de São Caetano do Sul, localizado no Jardim São Caetano. O Clube, que existe desde 2001, é considerado de alto nível e possui muito prestígio na cidade

Atualmente, o Tênis Clube de São Caetano se mantém a partir da renda das aulas particulares e locações das quadras, mas, por estar ligado à Seest, também integra o Programa Esportivo Comunitário.

O Tênis Clube de São Caetano do Sul é considerado um clube de alto nível e

na categoria feminina, foram oito títulos de campeão dos Jogos Regionais e oito títulos dos Jogos Abertos do Interior. Na categoria masculina, foram dez vezes campeões nos Jogos Regionais e seis vezes nos Abertos do Interior. De 2002 a 2005, disputou com mais de 50 clubes, tornando-se tetracampeão interclubes

do Estado de São Paulo e, entre 2007 e 2012, seus atletas receberam mais de 350 títulos individuais.

SOCIEDADE ESPORTIVA RECREATIVA (SER) UNIÃO JABAQUARA F.C.

Representando um caso raro no futebol amador, o União Jabaquara Futebol Clube (Av. Prosperidade, nº 800, Bairro Prosperidade) é um dos poucos times de várzea que possui uma história tão marcante. Fundado em 20 de julho de 1944, ficou conhecido como Leão da Vila, com suas cores vermelho e amarelo. Em 1972, durante a gestão de Oswaldo Samuel Massei, houve a fusão dos times União Jabaquara e Vila Prosperidade, surgindo assim o Centro Recrea-

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Jabaquara F.C. conquista o título de Campeão Municipal Amador em 1989. Na foto, o ex-prefeito Luiz Olinto Tortorello entrega troféu para Francisco Nieto, atual presidente do clube

tivo Esportivo União dos Amigos do Bairro Prosperidade (Creua). Em 1977, o Clube Atlético União Jabaquara voltou a existir independente, sendo, em 1979, campeão de São Caetano do Sul na categoria principal, totalizando sete títulos da Liga Sul-Sancaetanense de Fute-

bol. O atual presidente, Francisco Nieto, conta que o Jabaquara tem também vários títulos de quando ainda era filiado à Liga de Santo André. Desde 1997, o União Jabaquara F.C. é administrado por Nieto, que foi jogador do clube de 1963 a 1984. Depois, assumiu como técnico, cargo que ocupou por 17 anos, antes de exercer a presidência, há quatro anos.

Com o objetivo de conseguir um terreno para seu atual campo, em 1989, Nieto e o prefeito Luiz Olinto Tortorello foram a Brasília falar com Antônio Cabrera Mano Filho, então ministro da Agricultura, sendo a área cedida pelo Ministério. Além da escola de futebol, o campo também é utilizado para lazer e, em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, cedido para aulas de futebol que integram o Programa Esportivo Comunitário. **R**

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Alberto do Carmo. Jabaquara: um clube com mais de meio século de tradições e glórias. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, p. 37-40, dez. 1998.
LAGE, Ana Luísa; SALVATORI, Talita Scotá. *São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte*. (Exposição fotográfica), São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2016.
XAVIER, Sonia Maria Franco. Os craques da bocha. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 34, p. 90-95, dez. 2006.

Sites:

CLUBE DE ATLETISMO BM&FBOVESPA. Disponível em: www.clubedeatletismo.org.br/. Acesso em: mai. 2016.
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Disponível em: www.saocaetanodosul.sp.gov.br/. Acesso em: mai. 2016.

Agradecimentos: Adílson Aires Agapito, Alessandro Fiorio, Altevir Vargas Anhê, Aparecida Kinjo, Armando Corujeira Jr., Artur Sanches Tacioli, Augustinho Fouco, Bernardino José dos Santos, Breno Diorrener Pereira, Caio Bruno, Carlos Braz, Carlos Hiroshi, Carlos Lazarini, Diogo Cárceres Dias, Dorival Fernandes, Edson Zanon, Eduardo Medeiros, Eduardo Ruiz Maldonado, Erika Doja, Felipe Testa, Flávio Fernando de Pontes, Flávio Nakaoka, Francisco Carlos Hespelholetto, Francisco Nieto, Getúlio Silva, Jesus Eugenio Del Pozo Gregório, João Carlos Bayê Lara, João Carlos Dias, José Pires Maia, Juliana Tavares, Leo Mansinho, Luiza Gomes Barroso, Marco Sabino, Maria Aparecida Benta Apone, Maria Salete Meneguêlo, Nadir Martim Sanches, Nelson Perdigão, Octávio Kahn, Ovídio Renis Magro, Pedro Magaroto Neto, Rafael Ebert, Ricardo Rodrigues, Roberto Palácio Golini, Salvador Lopes Sanches, Sandra Silva, Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, Secretaria Municipal de Obras e Habitação, Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, Vagner Klébio Jacó, Walter Figueira Júnior, Walter Jorge e Wilson Parreiras de Santana.

ANA LUÍSA LAGE

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (UMESP) E PÓS-GRADUANDA EM COMUNICAÇÃO PUBLICITÁRIA E MARKETING PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO (FCL). É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA FORMADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron

SEU GIBA:

UMA CARREIRA
CONTUNDENTE
NO ESPORTE E
NO JORNALISMO
ESPORTIVO DE
SÃO CAETANO

“**S**ou mineiro de nascimento, paranaense de adoção e paulista por convicção.” É dessa forma que o sorridente Alberto do Carmo Araújo, seu Giba, para os amigos, se apresenta. Na verdade, antes disso, ele faz uma breve explicação sobre o apelido, que causa confusão, pois muito acreditam que seu nome é Gilberto: “A família da minha esposa encontrava dificuldade em pronunciar meu nome, então começaram a me chamar de Gilberto. E de Gilberto pra Giba fazia mais sentido”.

Esse, aliás, não é o único fato na história de seu Giba que causa estranheza. “Teoricamente, eu tenho duas datas de nascimento. Sou realmente nascido em 17 de julho de 1934, mas, no segundo casamento da minha mãe, meu então padrasto me registrou em 17 de dezembro de 1935. Em todos os documentos está 1935, mas

eu sou um ano mais velho. Pra mim foi bom, porque fiquei um ano mais novo. Eu comemoro a data de julho, só que todo mundo me manda um cartão ou alguma congratulação em dezembro”, explica, em meio a risos.

Então Alberto, que não é Gilberto, nascido em julho de 1934, e não dezembro de 1935, nasceu em Januária, no norte de Minas Gerais. Ainda garoto, após a separação dos pais, mudou-se para a vila de Usina Junqueira (São Paulo). Depois de breve passagem por Igarapava, e em busca de melhores condições de vida, seguiu com sua mãe, Celestina Barbosa do Carmo, e seu irmão, Antonio Araújo, para Cambará, no norte do Paraná, onde morava um primo, que os recebeu e ajudou a encontrar trabalho. Alberto do Carmo Araújo só conheceu seu pai aos 40 anos de idade, quando este o procurou em São Caetano para cuidar de um câncer de próstata. Após tratamento, não se viram mais. O patriarca faleceu cerca de cinco anos depois.

Foi no Paraná que Celestina conheceu Alexandre Batista Araújo (padrasto de Giba), que possuía outras quatro filhas: Creusa, Odila,

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Alberto do Carmo Araújo, mais conhecido como Giba, nasceu em Minas Gerais, mas fez carreira em São Caetano do Sul, onde é considerado um dos expoentes do esporte

Por seu desempenho no esporte em São Caetano, Alberto do Carmo Araújo, o seu Giba, recebeu, na década de 1980, o Troféu Di Thiene, destinado a pessoas que se destacam em suas áreas de atuação. Na imagem, Giba está acompanhado por sua irmã Celestina Araújo, no Clube Tamoyo (atual Centro Esportivo e Recreativo Pedro Furlan – Tamoyo), onde o evento foi realizado

Vera (falecida recentemente) e Celestina. Juntos, constituíram uma grande família. Mas não por muito tempo. A mudança de uma das irmãs de sua mãe, que praticamente criou Alberto em Cambará e a quem ele chamava de ‘mãezinha’, motivou uma nova transição da família migrante, e uma nova separação. Celestina decidiu vir para São Paulo e trouxe consigo os seis filhos: os dois da barriga e as quatro do coração. O padrasto, um “matuto” nas palavras de seu Giba, já havia se separado da mãe nessa época, e deixou o amor pelo mato guiar seu destino longe dos familiares. Com exceção de uma rápida passagem por São Caetano há mais de 50 anos, onde não se adaptou, “pois era madeireiro e vivia no mato”, nunca mais o viram.

Ao chegar a São Paulo, a família seguiu direto para São Caetano do Sul, onde encontrou uma casa na Rua Tocantins, no Bairro Nova Ger-

Acervo/Alberto do Carmo Araújo



Seu Giba acompanhado da esposa, Tânia Francisco Araújo. Eles se casaram em 24 de setembro de 1960, na Igreja Matriz Sagrada Família, em São Caetano, e continuam juntos até hoje, mais de 50 anos depois

ty, um dos redutos de migrantes na cidade, para recomeçar a vida.

O primeiro emprego de Alberto, que ainda não era Giba, foi em uma loja de autopeças,

Acervo/Alberto do Carmo Araújo



no Brás, em São Paulo. “Eu saía de casa e ia a pé para o Brás para economizar condução. Meu almoço era um pedaço de rapadura. Não comia por causa das minhas irmãs pequenininhas, para sobrar algum trocado para comprar um pão, alguma coisa, para elas. Passei dificuldades imensas para cuidar delas. Mas, bem ou mal, fui eu quem as criou”, conta, lembrando a época em que era o único que trabalhava fora para sustentar todos os membros da família.

Após algum tempo, recebeu proposta de uma gráfica para atuar como ajudante de caminhão. Depois de cinco anos, aproximadamente, foi vender cestas de Natal na empresa Columbus, localizada em São Bernardo. Lá, chegou ao cargo de gerente. Era o final dos anos 1950, e a década seguinte traria muitas surpresas para sua vida pessoal e profissional.

Em 24 de setembro de 1960, aos 26 anos, casou-se, na Igreja Matriz Sagrada Família, com Tânia Francisco Araújo, com quem comemorou bodas de ouro em 2010. Conheceram-se em um cinema local, passeio ‘tudibão’, como diriam os mineiros, que ouriçava os jovens da época. A primeira moradia do casal foi em uma casa na Alameda Tietê, paralela à via onde a família morava, sendo que, nesse tempo, suas irmãs já haviam crescido e arrumado emprego. Em 1961, mudou-se para o atual endereço, na Vila Palmares, em Santo André.

Tiveram quatro filhos, sendo que apenas o mais velho, Carlos Alberto, nasceu na capital paulista, no Hospital dos Comerciantes. Os demais vieram ao mundo no Hospital São Caetano. Contudo, apenas dois vingaram: Carlos Alberto e Paulo César. A segunda, Tânia, faleceu com 1 ano e 9 meses, vítima de meningite, e Rita de Cássia, a quarta, natimorta. Hoje em dia, Tânia e Alberto são avós de Tayane, Thais e Kauê.

Se a vida pessoal havia seguido seu rumo pelo município vizinho, a profissional alavancou-se em São Caetano, onde seu Giba fez fama e carreira. Em 1964, foi chamado para trabalhar na prefeitura por João Anhê e Aurélio Loureiro Bastos, que o conheceram por meio do *Jornal de São Caetano*, no qual escrevia notas sobre o esporte da cidade, convidado por Alcécio Strabelli, dono da publicação. “Não sou jornalista formado, mas gostava de ‘rabiscar’ coisas e, por curiosidade, comecei a escrever. Por conta disso, me chamaram para integrar a Secretaria de Esporte”, conta.

Sua primeira função foi a de extranumerário, o que hoje corresponderia a de escriturário. Em seguida, assumiu o cargo de diretor da Comissão Municipal de Esportes (período em que chegou a ser chefe da delegação de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior e Regionais) e do Departamento de Esporte e Bem-Estar Social, e secretário do presidente da comissão. Tinha como missão administrar o futebol amador na cidade e promover campeonatos e seleções, como a conhecida Copa João Ramalho, criada em São Caetano, que ficou sob sua responsabilidade, e congregava os times amadores da região. “Paralelamente, como tinha bom relacionamento no setor esportivo, fui presidente da Liga Sancaetanense de Futebol. Comecei como secretário, mas com a morte de Luiz Mantovani, em 1969, me elegeram presidente, cargo que ocupei em três gestões.” Ainda quando atuava na comissão, seu Giba faz questão de ressaltar que, ao lado de Nelson Perdigão, deu início às *Escolinhas Esportivas*: “Fomos nós que começamos a promovê-las na cidade. Não era só futebol, mas também natação, vôlei, atletismo. Aliás, foi na Escolinha de Basquete que a Hortência apareceu”.

Outro posto exercido por seu Giba foi o de presidente da Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luiz Gama, onde seu filho mais velho também atuou no mesmo cargo. “Promovíamos festas e convêscotes em cidades do interior com o objetivo de congregar ‘a raça negra’. Quase todos os meses fazíamos festa, churrasquinho e jogávamos bola. Focamos (*nossas atividades*) no futebol e nos bailinhos de gafeira. E, assim, ficamos conhecidos. Nossa

sede era na Rua Piauí”, recorda. Hoje em dia, entretanto, seu Giba não a frequenta mais. “Ficam só as lembranças.”

Aliás, lembranças ficam de toda a sua atuação no esporte de São Caetano, área na qual é considerado expoente. Isso porque, em 2000, seu Giba se aposentou da prefeitura. Atualmente, ele atua apenas como procurador do Tribunal de Justiça Desportiva da Liga, e se sustenta com a aposentadoria que recebe como funcionário público. “De um ano pra cá, estou mais devagar. Mesmo

Seu Giba atuando como repórter da *Rádio Cacique* após partida de futebol entre Santo André e Portuguesa, na qual a Lusa levou a melhor por 2 a 1. Foto de 15 de fevereiro de 1981

Acervo/Alberto do Carmo Araújo



no tribunal, só vou quando me chamam, quando tem algum problema grave que preciso aconselhar”, diz.

Relembrar 36 anos de carreira no esporte de São Caetano também é falar de diferentes períodos políticos do

município: “Entrei na gestão do (*Anacleto*) Campanella, e passei pelo (*Hermógenes Walter*) Braido, (*Oswaldo Samuel*) Massei, Braido, Raimundo (*da Cunha Leite*), (*João*) Dal’Mas, que substituiu o Raimundo, Braido, (*Luiz Olin-to*) Tortorello, (*Antonio José*) Dall’ Anese, Tortorello e Tortorello de novo. Passei por diversas administrações e tive vários chefes: Lauro Garcia, Lázaro de Campos, João Bonaparte... Tudo dentro do esporte. Uma vez até brinquei

Acervo/Alberto do Carmo Araújo



Giba entrevista o então prefeito, Oswaldo Samuel Massei, durante encontro sobre o esporte municipal, que contou com (a partir da esquerda): Claudio Musumeci (de cabeça baixa), Luiz Roberto Dobriev (que trabalhava com Giba na *Rádio Cacique* como locutor) e Lázaro de Campos (então presidente da Comissão Municipal de Esportes). Foto do início da década de 1970

com o Tortorello. Ele havia me chamado a atenção, e eu disse: ‘Prefeito, já mandei um monte de prefeito embora, mas eu tô aqui’”. Ele ainda conta que só deixou de atuar diretamente na Secretaria de Esporte ao ser designado para a assessoria de imprensa da prefeitura por Tortorello. Mas faz questão de ressaltar que “estava sempre colaborando, escrevendo sobre a parte esportiva”. E completa: “O maior destaque de São Caetano (*na área esportiva*) foi com o Tortorello, que era um apaixonado por esporte. Foi quando a cidade ficou conhecida mundialmente. Em 2002, São Caetano chegou a ser vice-campeão da Copa Libertadores da América. Entre os municípios do ABC, foi o que mais se destacou no esporte, principalmente no futebol”, opina.

Seu Giba atribui, “modéstia à parte”, à sua competência o fato de ter atuado durante tantos anos na administração municipal. “Eu trabalhei praticamente com todos os prefeitos que passaram por São Caetano e nunca ninguém mexeu comigo. Eu me dava bem com todos e fa-

zia aquilo que gostava. Talvez, por isso, eu tenha angariado o respeito de muita gente. Não sei se tenho algum inimigo, mas, se tenho, é inveja. Não que eu tenha feito algo para prejudicar ‘A’ ou ‘B’, pois sempre tratei todo mundo bem”, afirma. E completa: “Chego a me emocionar quando estou passando na rua e alguém me chama. Antes crianças, hoje pais de família, me conhecem. Até hoje, por onde vou, sou reconhecido e bem recebido. Tanto é que o pessoal ficou surpreso por eu não ter me eleito vereador, em 1988, porque eu conhecia muita gente. Mas eu não tinha cacoete (*sic*) para política”.

Ao avaliar o quadro esportivo atual, seu Giba atesta que muita coisa mudou. “Principalmente o futebol, que era mais amador, havia mais amor à camisa. As equipes se respeitavam. Hoje em dia, qualquer jogador de média condição só quer dinheiro, só quer ganhar. O esporte, de um modo geral, mudou muito, e não só em São Caetano. Esses caras ganham muito dinheiro para praticar esporte como pseudo-representantes das cidades. Por aqui, isso começou há uns 15, 20 anos, quando importaram as equipes de vôlei e basquete. A turma, antes, jogava por amor, hoje, não. Sinal dos tempos.”

Jornais e rádios – Paralelamente à sua carreira no esporte em São Caetano, seu Giba trilhou caminho como articulista, repórter e comentarista em jornais e rádios locais. Em 1964, iniciou sua trajetória no *Jornal de São Caetano*, que lhe serviu de porta de entrada para a prefeitura. Lá ficou por cerca de

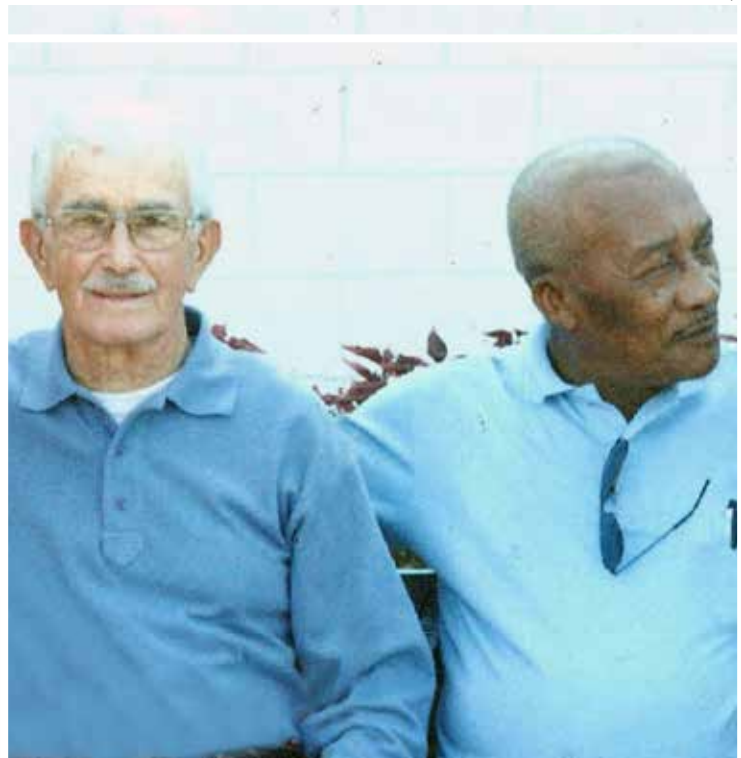
20 anos. “Sempre escrevi por amor à arte. Nunca ganhei (*salário*). Era voluntário, aí depois, com o tempo, passaram a me dar o equivalente a R\$ 100. Já ajudava”, afirma. Ao mesmo tempo, passou a colaborar com o *Jornal do Lar*. “Também escrevi para a *Folha Metropolitana*, mas tinha de escrever escondido por causa da política. Ninguém podia saber, pois era concorrente”, conta. Depois de cerca de um ano, deixou a *Folha Metropolitana* e passou a atuar como correspondente da *Gazeta Esportiva* em São Caetano. E, por último, escreveu para a *Tribuna do ABCD* até 2003. “Eu escrevia, ia buscar o jornal na gráfica, que ficava em Guarulhos, de madrugada, e ainda ia entregá-lo. Eu fazia isso porque tinha participação na venda dos jornais, e isso me ajudou muito. Além disso, também escrevia coluna e vendia anúncio. Foi o jornal que mais me ajudou.”

Por conta de sua participação no impresso, seu Giba foi convidado a colaborar com diversas rádios. A primeira foi a *Rádio Cacique*, na qual trabalhou de 1967 a 1972, quando conheceu um empresário, que gostava muito de rádio, e convidou seu Giba e alguns amigos para um novo emprego. Era o início de sua atuação como repórter esportivo e, depois, comentarista na *Rádio ABC*. Após cerca de três anos, o grupo seguiu unido para a *Rádio Atual*, na qual atuava como comentarista e apresentador de um programa diário, sempre ao lado dos amigos. Passados outros três anos, foram para a *Rádio 9 de Julho*. “Depois, todos seguiram para a *Rádio Capital*, mas eu parei. Eu pagava para trabalhar. Ia para Santos, para o interior, com meu carro, para cobrir os jogos. Eles só davam o dinheiro da gasolina. Eu conheci o Estado de São Paulo, e grande parte do Brasil, através do esporte. Não só cobríamos os times do ABC, mas também o São Paulo, o Palmeiras, o Corinthians, os campeonatos paulista e brasileiro... A seleção brasileira. Fazíamos a cobertura nacional e internacional. Pela *Rádio Atual*,

cheguei a viajar para a Bolívia para cobrir a Copa América”, lembra. Assim como nos jornais, encerrou sua participação nas rádios em 2003. E, dessa forma, também concluiu um longo ciclo, de mais de 30 anos, no esporte em São Caetano. Contudo, seu nome sempre servirá de referência sobre o assunto. “Eu tenho muito a agradecer à cidade. O pouco que tenho eu devo a ela. Não moro aqui, mas a minha vida todinha foi ligada a São Caetano. Ao mesmo tempo em que passei por muitas decepções, também tive glórias e alegrias imensas. Sem dúvida, tive mais alegrias do que tristezas”, conclui, com um saldo positivo sobre sua vida e carreira, um deleite para poucos, hoje em dia, ainda mais raros. **R**

Seu Giba abraça Aurélio Loureiro Bastos, que com João Anhé (ambos já falecidos), o convidou a trabalhar na Prefeitura Municipal de São Caetano, em 1964, onde seu Giba atuou por mais de 30 anos na área esportiva

Acervo/Alberto do Carmo Araújo



Sites:
<http://www.dgabc.com.br/Noticia/132839/giba-comentou-por-mais-de-30-anos-o-futebol> - Acesso em: 20 set. 2016.
<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/antonio-sola-2508> - Acesso em: 20 set. 2016.
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60-encontro-2008-1/O%20RADIO%20ESPORTIVO%20DO%20GRANDE%20ABC.pdf> - Acesso em: 20 set. 2016.

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Uma raquete na mão, um sonho na cabeça e uma cidade no coração



Foto/Tábita Scotti Salvatori (FPMSCS)

Cassia Thereza Lorenzini, que chegou à oitava colocação no ranking brasileiro de tênis de campo, durante entrevista à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, realizada em 22 de agosto de 2016

No primeiro encontro, ocorreu uma identificação imediata. Os que estavam ao redor logo perceberam e comentaram: “Não é possível que nunca tivessem se conhecido”. Mas, a partir do momento que seus caminhos se cruzaram, nunca mais se desvincilharam. A parceria cresceu e se transformou em amor, que gerou muitos frutos. São mais de 40 anos juntos, e essa contagem ainda seguirá por muito tempo, possivelmente eterna.

Aqueles que leem apenas a introdução podem imaginar se tratar de uma história de amor de um casal apaixonado. No entanto, o que retrataremos nestas páginas é o amor à primeira vista entre uma garota de 15 anos e o tênis de campo, “o esporte da minha vida”, que a transformou por completo.

Na adolescência, Cassia Thereza Lorenzini já havia treinado diversas modalidades nas aulas de educação física dos ensinamentos fundamental e médio, que cursou, respectivamente, no Insti-

tuto de Ensino Sagrada Família e na Escola Estadual Dona Idalina Macedo C. Sodré, ambos em São Caetano, onde nasceu em 30 de novembro de 1957.

A partir de um convite despretenso de uma amiga, foi experimentar uma aula de tênis de campo, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Ao pegar a raquete, sentiu que havia encontrado um verdadeiro amor, e se voltou única e exclusivamente a ele. “Eu me interessei tanto que, depois das aulas, passei a ajudar o professor. Dediquei-me bastante sendo que, um ano depois, já comecei a fazer parte da equipe e defender São Caetano nos Jogos Regionais e Abertos. Representei a cidade por cerca de 30 anos”, afirma.

Durante toda a carreira, Cassia contou

com apoio da família. Seu pai, Sérgio Luiz Lorenzini, foi jogador de futebol pelo São Caetano Esporte Clube (SCEC), além de ter atuado no Paulista de Jundiaí, Clube Atlético Juventus e Clube Atlético Ypiranga. “Em 1977, ele foi convidado para assumir a direção do tênis na cidade pelo Toninho (*Antonio José dos Santos, então presidente da Comissão Municipal de Esportes*). Essa foi a fase áurea do tênis de campo em São Caetano. Fomos vitoriosos por mais de 20 anos”, orgulha-se. “Porém, hoje, as coisas mudaram. Os atletas são contratados e vão para o local onde tem mais dinheiro, não têm amor pela cidade, às vezes, não sabem nem onde ela fica. Na época do meu pai, os jogadores vinham, treinavam por mais de dez anos seguidos e criavam uma identidade com o município. Infelizmente isso se perdeu com o tempo.”

A falta de suporte e trabalho de base são as razões apontadas por Cassia que motivaram essa mudança: “Não adianta trabalhar com o infantojuvenil e depois vir outra agremiação oferecer um pouco mais e, ‘por nada’, esse atleta vai embora. É necessário dar estrutura para que ele fique. O problema é que o pessoal quer resultado imediato, ninguém quer ficar trabalhando durante oito anos”.

Ao mesmo tempo em que tece a crítica, Cassia admite as dificuldades em ser um profissional esportista no país. “Antigamente eu acreditava que o Brasil era o país do futuro, que tudo ia dar certo, falava para as crianças: ‘Fica, vai dar certo’. Hoje, infelizmente, trabalhamos para elas irem estudar no exterior. Nos Estados Unidos, eles dão bolsa de até cem por cento para qualquer criança esportista que vai começar a estudar no ensino médio ou em uma universidade, o que não acontece por aqui. Lá fora, eles dão o devido valor e fornecem o material necessário.”

Quando questionada se é possível reverter essa situação, o otimismo de outrora agora dá lugar a um realismo não muito esperançoso. “Eu acho difícil. Teríamos de mudar a estrutura do país, que deveria seguir os moldes dos Estados Unidos, vide as últimas Olimpíadas (*os Estados Unidos terminaram na primeira colocação, com 121 medalhas no total, bem à frente do segundo lugar, que alcançou 67*). É o mecanismo mais correto. Se você investe no esporte, melhora-se a cultura, a educação, a saúde, melhora-se tudo, porque esses itens estão interligados.” E completa: “É preciso ir para as escolas, falar com os alunos que querem ver novos esportes, e reciclar os professores. Depois de um tempo, temos que voltar lá, pegar os talentos e levá-los para os clubes. É um trabalho de anos, porém dá para fazer. Deveríamos aproveitar o gancho das Olimpíadas para refletir e tomar atitudes. Teríamos de pensar num ciclo para daqui a oito anos, e não tão focado nos

Cassia Thereza Lorenzini e Laércio Marconi Bariatto durante inauguração da quadra de tênis do São Caetano Esporte Clube, na década de 1970. Juntos, foram campeões de dupla mista estadual, em 1982



Arquivo/Cassia Thereza Lorenzini

Jogos de Tóquio (*que serão realizados em 2020*)”.

Aos 18 anos, Cassia teve a chance de treinar nos Estados Unidos, mas a recusou, pois queria ficar perto da família. Promoveu-se em campeonatos brasileiros, chegando a alcançar a oitava colocação no ranking nacional. Em 1982, foi campeã de dupla mista estadual ao lado de Laércio Marconi Bariatto. Um ano antes, foi con-

buição. “Fui jogadora profissional, mas sempre tive um lado educacional muito forte, e isso era claro para mim. O tênis me deu muita coisa e quero retribuir isso para a comunidade.” Ela cita rapidez no raciocínio e na tomada de decisões e concentração como lições que aprendeu com o esporte e deseja passar adiante. “Além disso, o tênis me deu a chance de viajar para muitos

Arquivo/Cassia, Theresia Lorenzini



Cassia posa para foto com Fernando Meligeni, ex-tenista profissional brasileiro, durante 6º Simpósio Internacional de Tênis. Na foto, a partir da esquerda, eles estão acompanhados por: Rosemary de Almeida, Paulo Sebastião Vieira, Francisco Weides Rodrigues e Rodrigo Norci, equipe que atua com Cassia há mais de 15 anos

siderada a melhor jogadora dos Jogos Abertos do Interior, sediados em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. “Esse foi um marco na minha carreira. Sempre fui muito guerreira jogando por equipe, ainda mais por São Caetano, que era a minha vida. Por isso, eu digo que faz diferença ter ou não esse amor pela cidade. Não adianta só pagar o jogador, porque, para ele, se ganhar, ganhou, se perder, perdeu e está tudo certo. Agora, se você investir em pessoas com compromisso e comprometimento por São Caetano, você vai formar atletas com amor pela cidade, pelo Estado de São Paulo e pelo Brasil. Dessa forma, serão concebidos atletas e pessoas melhores, porque eu acredito que falta civismo no mundo e também, seres humanos melhores.”

O amor pela cidade também resulta em outros pontos positivos, como gratidão e retri-

lugares - rodei por todas as regiões do Brasil - e conhecer várias pessoas. Assim, pude ter uma visão diferente do mundo.”

Mesmo após se aposentar como jogadora depois de 25 anos de carreira, Cassia continuou atuando como professora, diretora e, atualmente, como coordenadora. São mais de 40 anos de trabalho na Prefeitura Municipal de São Caetano. Além das aulas particulares de tênis no São Caetano Esporte Clube, também coordena dois projetos, ao lado da amiga, e também coordenadora, Rosemary de Almeida, e de uma equipe composta pelos professores Paulo Sebastião Vieira e Francisco Weides Rodrigues e pelo preparador físico Rodrigo Norci, juntos desde o início. O primeiro é voltado ao tênis para cadeirantes. Dos seis participantes, dois são profissionais e disputam torneios em todo o Brasil.

A ideia surgiu há cerca de cinco anos e, após muita pesquisa e a conquista de uma licitação municipal, que proporcionou a compra de duas cadeiras adaptadas, conseguiram concretizar o sonho, que conta com apoio das secretarias municipais de Esporte e dos Direitos da Pessoa com Deficiência ou Mobilidade Reduzida. “Para se ter noção de sua importância, esse projeto é reconhecido pela Federação Internacional de Tênis. O plano agora é abrir vagas para crianças cadeirantes, desde que tenham condições de tocar a cadeira sozinhas. Estamos em contato com escolas e famílias para atrair esse público e incentivá-lo à prática esportiva, tentando derrubar algumas barreiras que os próprios familiares colocam muitas vezes”, afirma. Ao acompanhar algumas partidas dos Jogos Paraolímpicos, realizados no Rio de Janeiro de 7 a 18 de setembro deste ano, Cassia percebeu que, apesar desse tabu, muitas pessoas puderam ter contato com modalidades esportivas para deficientes que nem imaginavam existir. “Que este seja o maior legado deixado: que mais pessoas com deficiência possam praticar esportes.”

O segundo, intitulado *Raquete na Mão É a Solução*, conta com patrocínio do Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul e visa proporcionar vivência no tênis enquanto ferramenta formadora e educadora. O projeto teve início no ano passado, atendendo 36 crianças da rede municipal. Neste ano, já são 50. Para participar, basta ter entre 5 e 15 anos e bom rendimento escolar. A maioria é estudante da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Senador Flaquer, situada no Bairro da Fundação. “Essa é uma oportunidade não só para apresentá-las ao espor-

Acervo/Cassia Thereza Lorenzini



te, mas uma forma de não deixá-las na rua, porque é perigoso. Também por meio do projeto preparamos essas crianças para que, futuramente, possam atuar na modalidade como auxiliares de quadra, rebatedores ou professores de educação física. E o melhor de tudo, é gratuito”, explica. “Queremos conscientizar governo e iniciativa privada que essa parceria dá certo, aliada a profissionais sérios e competentes, e de que é possível expandi-la. Para que os programas tenham continuidade, não podemos jogar toda a responsabilidade em cima de um ou outro. Desejamos que eles se unam a nós e façam os projetos crescerem, dando chance para que mais pessoas participem.”

Quando questionada se pensa em parar em definitivo, responde categoricamente: “Já pensei várias vezes, especialmente depois de 40 anos (*na prefeitura*). Mas gosto do que faço e isso me motiva a continuar. Apesar de muitas vezes me decepcionar, ver pessoas querendo tomar o lugar do outro a todo custo, eu ainda tenho um ideal, no qual acredito e acho que vale a pena lutar. Há uma luz no fim do túnel, principalmente quando encontramos pessoas que pensam como nós”. Ao falar sobre arrependimentos, adota postura parecida: “Não tenho arrependimentos. Acho que fazemos o que devemos na hora, e não adianta falar: ‘Ah, se fosse diferente...’ Eu sempre fiz as coisas com amor, ética, dignidade, comprometimento, verdade e lealdade-

Após tantos anos dedicados ao tênis, muitos frutos surgiram do amor de Cassia ao esporte. Um deles é o árbitro internacional Carlos Alberto Bernardes Junior (o segundo, a partir da esquerda), que foi aluno de Cassia e atleta de São Caetano. Na imagem, ainda vemos a coordenadora Rosemary de Almeida e o professor Paulo Sebastião Vieira



Aerovo/Cassia Theresia Lorenzini

de àquilo que eu sempre acreditei. Eu tive um pai e uma mãe que me ensinaram o que era certo e errado, os verdadeiros valores da vida, e eu nunca vou abrir mão disso para ter mais dinheiro, por exemplo. A maior herança que meu pai me deixou e minha mãe me deixará é a honestidade. São esses princípios que eu passo aos alunos. Como vamos mudar as pessoas? Praticando aquilo que acreditamos, dando o exemplo”.

Apesar de atuar unicamente como coordenado-

ra, em seu tempo livre, Cassia não deixou de praticar esportes. “Não dá para parar totalmente, até porque o corpo precisa disso também. Hoje em dia, pratico *beach tennis* (modalidade que chegou ao Brasil há alguns anos e já ganhou diversos adeptos)¹. É muito gostoso. Quanto o tempo está bom, eu desço para o Guarujá a cada duas semanas, para dar uma aliviada na cabeça.

Quando não consigo descer, vou treinar no clube (SCEC), onde montamos uma quadra de grama. Não é de areia, mas já ‘quebra o galho’”, conta.

Educação – Se toda sua carreira profissional foi voltada ao esporte, o mesmo ocorreu com seus estudos. Formada em uma das primeiras turmas de educação física pela FEC do ABC (Faculdade de Educação e Cultura do ABC), então localizada na Rua Amazonas, em São Caetano, fez pedagogia como complementação pedagógica durante um ano e meio, na mesma instituição, e pós-graduação em administração e marketing esportivo pela FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas). Há quatro anos, cursa filosofia à maneira clássica na Organização Internacional Nova Acrópole - Filosofia, Cultura e Voluntariado. “Estudo filosofia para entender esse mundão em que vivemos. Para buscar uma resposta sobre o porquê de não acontecer todas essas coisas que eu disse e acredito serem fáceis de implementar. O significado da palavra política é super bonito, quer dizer fazer



Aerovo/Cassia Theresia Lorenzini

Atualmente Cassia se dedica à coordenação de dois projetos: um de tênis para cadeirantes e outro para crianças da rede pública. Acima, Cassia aparece com Lucio Umeki, paratleta quad de São Caetano. À direita, no São Caetano Esporte Clube, alguns dos alunos beneficiados pelo projeto *Raquete na Mão É a Solução*

o bem para todo mundo. Quando pensada e exercida dessa forma, ela é boa para todos. Também falamos muito

sobre natureza, que tanto o ser humano machucou, e que agora estamos sofrendo tudo o que fizemos com ela. Se não nos conscientizarmos, o mundo vai acabar, e o homem precisa despertar para isso. Aliás, esse foi o tema da abertura e do encerramento das Olimpíadas”, lembra.

Olimpíadas – Diferente de muitos profissionais e especialistas, Cassia não critica a realização das Olimpíadas no Brasil, mas adota postura crítica ao falar do legado dos Jogos para o esporte. É o caso da arena de handebol, que será desmontada: “Por que não deixamos essa estrutura? Porque ninguém quer, ninguém tem dinheiro para mantê-la, nem a federação, nem a confederação. Foi tudo lindo, maravilhoso, mas e agora?”, questiona.

Em sua opinião, a maneira de analisar os resultados das competições é equivocada. “Não temos de pensar em quantas medalhas nós ganhamos, mas sim, ver os esportes que evoluíram. O futebol feminino foi sexto (*nos Jogos de Londres, em 2012*), agora foi quarto. Legal. O que está faltando? Pelo que eu vi nos jornais, eles (*dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol*) estudam cancelar os contratos das meninas, em vez de manter e melhorar...”

Cassia também avalia as Olimpíadas pelo viés educacional. “Acredito que perdemos a chance de levar crianças, principalmente da rede pública, para verem e conhecerem outros esportes, como a vela. Tem gente que não conhece praia aqui no Brasil. Além disso, se o estádio está quarenta por cento vazio, por que não encher os ônibus e dar a oportunidade que dificilmente esses alunos teriam?!”, indigna-se.

E conclui: “O povo brasileiro é o mais receptivo, passa pelas maiores dificuldades e, mesmo assim, é feliz, sabe receber as pessoas. Eu te garanto que todo mundo ficou abismado com

o nosso carinho, mas e aí? Que legado deixaremos? A abertura e o encerramento foram lindos e simples, a cara do Brasil. Mostrou um lado nosso, mas e a realidade? Não podemos pensar só no momento atual, temos que refletir adiante. O Brasil é o país que mais tem talentos para tudo no mundo. Para esporte, música, cultura, arte, porém, existe um outro lado que não deixa as coisas andarem. Acho que temos tudo para dar certo, basta ter mais consciência, acreditar naquilo que fazemos e deixar os profissionais competentes trabalharem”. Uma dica certa que Cassia continua praticando com a vida e o tênis. (Marília Tiveron) **R**

Nota:

¹Mais informações sobre o beach tennis, podem ser obtidas em: <http://cbt-tenis.com.br/beachtenis.php?cod=4>. Acesso em 10 set. 2016.

Referências bibliográficas e sites:

FERRARI, Narciso. Um cruzado do esporte. *Raízes*, São Caetano do Sul, no 33, p.104-106, jul. 2006.

MEMÓRIA Fotográfica. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, jul. 2014, p. 73.

Ibidem, p. 76

<http://cbt-tenis.com.br/beachtenis.php?cod=4>. Acesso em: 10 set. 2016.

<https://blogbeneficiariportuguesasc.wordpress.com/2015/08/03/conheca-o-projeto-raquete-na-mao-e-a-solucao/>. Acesso em: 10 set. 2016.

Acervo/Cassia Thereza Lorenzini



Cassia e Rosemary, ao lado do paratleta Marcos Vasconcelos, no Espaço Verde Chico Mendes, em 23 de julho de 2016, dia da passagem da tocha olímpica por São Caetano

Cristina Toledo de Carvalho

MARINA DO VÔLEI E DE SÃO CAETANO

No dia 19 de setembro de 2016, Marina Ivete Miotto Silva esteve na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul para relatar acerca de sua caminhada na vida esportiva da cidade. Personagem do vôlei local, ela narrou a trajetória que construiu dentro do esporte, apontando os contextos e fatos que marcaram o início de sua carreira, as principais conquistas e sua atividade hoje como coordenadora do vôlei feminino sul-são-caetanense. Com sensibilidade e olhar apurado, avaliou também a estrutura esportiva implantada ao longo dos anos no município, bem como a importância da educação para o desenvolvimento integral do cidadão. Com uma história de quase meio século de dedicação ao vôlei, Marina é memória viva da modalidade no município. Entre saques, cortadas e bloqueios, muitas são as lembranças da ex-jogadora, apresentadas, a seguir, por *Raízes*.

Família e a descoberta do vôlei – Marina nasceu em São Caetano do Sul, no dia 26 de maio de 1955. É filha de Arino Antônio Francisco Miotto e Maria Ivete Schiavon Miotto. Seus avós paternos eram italianos e, antes da chegada à cidade, passaram por Salto, no interior de São Paulo, local de nascimento de seu pai. Em São Caetano, a família Miotto estabeleceu-se no Bairro da Fundação, núcleo tradicional de outras inúmeras famílias de origem italiana. Sua mãe, por outro lado, era oriunda do município paulista de Araraquara e, antes de instalar-se em território sul-são-caetanense, fixou residência em Santo André, onde era funcionária da antiga Rhodia. Na cidade, morou na Rua Manoel Coelho, enquanto seu pai, na Rua Heloísa Pamplona. Casados, começaram a vida no Bairro da Fundação, transferindo-se, posteriormente, para a Rua Visconde de Inhaúma. Nesse local, na casa que fora de seus pais, hoje está a sua única irmã, Elena Sílvia.

Elena teve uma breve passagem pelo mundo esportivo, vindo a

Marina Ivete Miotto Silva na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, durante entrevista concedida no dia 19 de setembro de 2016



Foto: Antonio Reginaldo Camboni (FPAPCS)

praticar natação. Marina, ao contrário, descobriu o esporte ainda adolescente. Na ocasião, era aluna do Instituto Nossa Senhora da Glória (já extinto) e a descoberta do vôlei deu-se durante as aulas de educação física, com a professora Norma, “em uma época em que as alunas jogavam de saia comprida, até os joelhos”, recorda. Conforme elucidou, além do Nossa Senhora da Glória, estabelecimento que era comandado pelas Irmãs Clarissas Franciscanas, o vôlei feminino, dentre outras escolas locais, era também trabalhado no Externato Santo Antonio. De acordo com

Marina, uma das professoras de educação física desse colégio foi dona Nilza, conhecida pelo rigor e disciplina.

Em tal período, São Caetano do Sul já contava com as Escolinhas de Basquete e Vôlei, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Foi para lá que Marina, en-

tão com 14 anos, foi encaminhada para aprimorar os fundamentos da modalidade que havia descoberto no colégio. Nessa etapa, a ex-atleta teve como professor Fernando Cezar Paschoalato (Fernandel), nome conhecido do voleibol da cidade, por conta de sua atuação como jogador e técnico. Sua participação na trajetória esportiva de Marina foi marcante e decisiva, uma vez que, por meio dele, a ex-jogadora começou a alçar voos mais altos no vôlei de São Caetano. Em reconhecimento, ela afirma: “Não posso deixar de citá-lo. Ele foi uma pessoa muito importante para o esporte”.

Atleta federada e a histórica conquista de 1975 – Em 1970, com 15 anos, após passagem pela Escolinha de Vôlei, mantida pela prefeitura no Complexo Lauro Gomes, Marina federou-se, passando a integrar a equipe da cidade, ao lado de nomes como o da capitã Maribel Marana. Segundo esclareceu, era Fernando Paschoalato quem selecionava para o time local as meninas frequentadoras da Escolinha, com potencial para firmarem-se como atletas de alto rendimento. Nessa qualidade, Marina teve como primeiro técnico o próprio Paschoalato. Na época, a equipe estava ligada ao São Caetano Esporte Clube, núcleo também de times de outras modalidades, como o basquete feminino (até 1974).

Do período em que ingressou na equipe, Marina também se lembra do papel desempenhado por

Acervo/Marina Ivete Miotto Silva



professores de educação física da escola Coronel Bonifácio de Carvalho, instituição da qual se tornou aluna, a partir de seus 15 anos. “Tínhamos professores inigualáveis, insubstituíveis. Foi uma época grandiosa”, relata. Pelo que expõe, é possível deduzir que tais professores contribuíram também para a sua formação como atleta. Dentre os nomes destacados pela ex-jogadora, está o da professora Janice Araújo, então jogadora da equipe de vôlei da Pirelli, de Santo André, com quem chegou a atuar na seleção paulista. “Nós fomos juntas para a seleção paulista, ela era a titular da equipe e eu, sua reserva.”

Com boas referências e profissionais competentes ao seu lado, Marina consolidou sua trajetória no vôlei de São Caetano. Em 1975, assinalou um de seus principais feitos como atleta: a histórica conquista do campeonato paulista. Com um time constituído por jogadoras provenientes do poderoso plantel do Esporte Clube Pinheiros e da seleção brasileira, entre as quais Maria Denise Racca, o São Caetano Esporte Clube sagrou-se, naquele ano, campeão paulista. Era o prenúncio de outras importantes conquistas que viriam nos

Equipe que defendeu São Caetano do Sul nos Jogos Abertos, disputados em Bauru, em 1970. Em pé, a partir da esquerda: Fernandão (técnico), Maria Elaine, Maribel Marana, Ivete, Maria Rosa Manzo, Maria Auxiliadora, Elenice Luvizotto, Fidu e Paulinho (massagista). Agachadas, a partir da esquerda: Tereza (Teca), Marina, Sônia e Regina Fiorotti

anos subsequentes, como as registradas no início da década de 1990, período correspondente ao patrocínio esportivo da marca Colgate (Colgate/São Caetano E.C.).

É desse período outro bom e importante resultado do vôlei feminino sul-são-caetanense: a conquista do terceiro lugar no campeonato brasileiro disputado em Poços de Caldas (Minas Gerais). Chegar a essa colocação foi, conforme



Acervo/Marina Ivete Miotto Silva

avalia Marina, algo honroso, uma vez que Minas Gerais detinha, na ocasião, a hegemonia do vôlei no país. A semente estava plantada e a tradição selada. Dos personagens que escreveram essa página da história da modalidade no São Caetano e, conseqüentemente, no município, além dos nomes até aqui destacados, Marina recorda com muito carinho de Ayrton Sigolo e Giba (Alberto do Carmo Araújo), dois abnegados do esporte local.

O contributo da educação – Marina encerrou sua carreira como jogadora no final da década de 1970. Ao longo de sua caminhada, sempre defendeu as cores do São Caetano Esporte Clube e do município. Formou-se em educação física pelas Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa), o que lhe credenciou para trabalhar na área. Somando à sua formação acadêmica a vas-

ta experiência acumulada na época de jogadora, Marina iniciou um trabalho na base, a partir das Escolinhas, junto às quais passou a atuar e, principalmente, a revelar novos nomes e talentos para o vôlei não só de São Caetano, mas também do Brasil. “Fui professora das Escolinhas. Muitas meninas, que hoje estão em outras equipes e na seleção brasileira, saíram daqui (*da base de São Caetano*). A Fernanda Garay (*atleta da seleção que disputou os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro*) começou na categoria infante. Hoje, setenta por cento das jogadoras que estão na Superliga passaram por mim”, enfatiza, com orgulho.

Embora reconheça a importância de grandes equipes montadas no município, a partir do final da década de 1960, como a de basquete feminino, com jogadoras nacionalmente conhecidas, a exemplo de Norminha, Marlene, Elzinha e Delcy, Marina Miotto não deixa de frisar o papel imprescindível desempenhado pelas categorias de base frente ao esporte de alto rendimento. Mesmo levando em conta que a constituição de times com ídolos do esporte traz resultados, no sentido da massificação das modalidades, fazendo com que crianças passem a se interessar por elas e a praticá-las, as escolinhas e as categorias de base devem receber sempre grande apoio e respaldo das gestões públicas, clubes e iniciativa privada, de modo que as diretrizes que norteiam o esporte não fiquem restritas a uma filosofia que preza pela expansão esportiva “de cima para baixo”, ou seja, a partir das categorias principais, em detrimento das que compõem a base.

No tocante à política esportiva sul-são-caetanense, Marina destacou o Planesporte, ação empreendida durante a segunda gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1973 - 1977). Projeto de grande envergadura, foi responsável por um legado cujos frutos foram colhidos posteriormente, evidenciando uma proposta comprometida com um trabalho a longo prazo.

Time do São Caetano Esporte Clube que conquistou o título de campeão paulista de 1975. Em pé, observam-se: Cássia Montanarini, Maria Denise Racca, Glória Zingoni, Marina, Irma Agulha, Ayrton Sigolo e Dr. Antônio Vitta Lopes. Agachadas, a partir da esquerda, estão: Vera Lúcia Gamberini, Elza, Sandra Dametto, Sílvia Montanarini e Marisa Dorta

Acervo/Marina Ivete Miotto Silva



Ao falar da estrutura esportiva que o Planesporte promoveu na cidade, Marina assim pronunciou-se: “Os centros esportivos, quando foram inaugurados, eram tops, em termos do *(que havia no)* cenário esportivo mundial. O Braido fez uma construção própria para as modalidades”.

Mesmo ciente do papel revolucionário desse projeto esportivo, ao longo de seu depoimento, Marina não deixou de creditar, em nenhum momento, o contributo da educação para todas as áreas da formação humana. Em um momento bastante delicado e conturbado do cenário político nacional, cujos governantes vêm preconizando extensos e polêmicos debates na sociedade em torno da questão educacional, a fala da ex-atleta é salutar: “Na minha época, quando a gente jogava, os grandes atletas não se formavam para serem atletas. Eles foram formados para mudar o mundo em alguma coisa. Tanto é que eles *(hoje)* são engenheiros, médicos (...). Como professora de educação física, tenho certeza de que fui agente transformador e influenciei muito no futuro de algumas meninas. Eu formei mais de 5 mil mulheres”.

Atualmente, Marina é coordenadora de todas as categorias do vôlei feminino de São Caetano do Sul, cujos núcleos de atividades estão distribuídos pelos seguintes locais: Centro Esportivo e Recreativo Luiz Baraldi - Gisela (escolinha e categorias pré-mirim e mirim); quadra da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rosalvito Cobra (categorias sub-17 e sub-19); e, por fim, Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida (categorias sub-21 e adulto).

Todos esses anos de dedicação ao vôlei da cidade não impediram a ex-jogadora de construir sua vida pessoal e constituir

família. Casada com Luiz Antônio da Silva, é mãe de três filhos: André, Mariana e Luciana. No final da entrevista, perguntada se gostaria de deixar uma mensagem para São Caetano do Sul, Marina foi logo dizendo: “Eu adoro história, acho que São Caetano tem um acervo fantástico e tem tudo para se pronunciar como uma referência no cenário nacional seja no esporte seja em qualquer área. Condições e pessoas que queiram levar isso à frente, nós temos em cada canto dessa cidade”. **R**

Equipe juvenil do São Caetano Esporte Clube, campeã paulista em 1980. Em pé, estão: João Crisóstomo (técnico), Elaine, Valderez, Marisa Davos, Rosemeire e Marina (auxiliar técnica). Agachadas, a partir da esquerda: Marina Cristina Marques, Daniele, Silvana, Luíza Watanabe e Sílvia

Acervo/Marina Ivete Miotto Silva



Em 2008, Marina Ivete Miotto Silva foi agraciada com o prêmio *Mulheres em Destaque* (categoria esportes), concedido pelo *Diário do Grande ABC*. Na imagem, a ex-atleta aparece com o marido, Luiz Antônio da Silva, e os filhos, André, Luciana e Mariana

Referência bibliográfica

MEDICI, Ademir. *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: Neo-Graf, 2003.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP) E AUTORA DO LIVRO *MIGRANTES AMPARADOS: A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950-1965)*.

MÁRIO TSUTSUI E O JUDÔ DE SÃO CAETANO

Muitos são os personagens da história esportiva de São Caetano, em diversas áreas e modalidades. Os artigos desta edição de *Raízes* evidenciam isso ao contemplar nomes que atuam ou atuaram em prol do desenvolvimento do esporte local, em diferentes contextos, cenas e períodos. Nesse rol, encontra-se Mário Tsutsui, técnico de judô do município e da seleção brasileira. Casado com Karina Azzi e pai de três filhos (Juliane, Sara e Lorenzo), ele apresentou, por meio de depoimento concedido à Fundação Pró-Memória, sua trajetória no esporte, revelando momentos especiais que integram sua carreira vitoriosa.

De Bastos para o ABC – Mário Tsutsui nasceu em Bastos (São Paulo), no dia 27 de dezembro de 1958. Tradicional núcleo de famílias de origem nipônica, esse município apresentou o judô a Tsutsui. “É uma cidade tipicamente da colônia japonesa e, com isso, acabei conhecendo o judô lá, por ser uma modalidade oriunda do Japão”, informa. Além dessa modalidade, o beisebol era outro esporte bastante popular em Bastos, visto sua grande aceitação junto aos nipônicos e seus descendentes. Mesmo tendo acompanhado, quando criança, jogos de beisebol no estádio daquele município, vindo a familiarizar-se com suas regras e a entreter-se com amigos em despreziosas partidas, Mário Tsutsui optou pelo judô, passando a praticá-lo, com mais regularidade, quando contava com 12 anos. Até os 18 anos, permaneceu em Bastos. A vinda para o ABC, mais precisamente para São Bernardo, ocorreu em razão dos estudos, conforme relata: “Vim para o

Por meio de depoimento concedido à Fundação Pró-Memória, Mário Tsutsui apresentou sua trajetória no esporte, revelando momentos especiais que integram sua carreira vitoriosa.



Foto: Antonio Reginaldo Camboni (FPMCS)

ABC estudar e dar continuidade à carreira esportiva em São Bernardo do Campo, inicialmente. Lá, acabei me sagrando cinco vezes campeão brasileiro, sete vezes campeão paulista, duas vezes campeão pan-americano e vice-campeão mundial. Participei também de um campeonato mundial na Holanda, onde fiquei em quinto, além de outras competições, como Jogos Regionais e Jogos Abertos”.

Com a carreira de atleta consolidada, a chegada a São Caetano deu-se no momento em que Tsutsui estava encerrando sua atuação como judoca. “Quando já estava parando (com) a parte competitiva, eu

vim trabalhar em São Caetano, com uma ideia de atuar na área técnica para passar as experiências vividas de uma carreira intensa de atleta. Como em São Caetano a demanda por crescimento (*na modalidade*) era muito grande, a gente começou a criar um grupo aqui, que era pequeno e foi crescendo, tornando-se referência dentro do Brasil”, explica.

Rogério Sampaio e a estruturação do judô sul-são-caetanense – Mário Tsutsui, bastante ponderado e sereno em suas considerações e lembranças, apresentou um panorama do desenvolvimento do judô em São Caetano, da década de 1990 para cá. Segundo sua avaliação, a conquista da medalha de ouro pelo judoca Rogério Sampaio nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, foi um marco para a modalidade na cidade, que, a partir de então, passou a ser concebida com outros olhos, obtendo maior visibilidade e apoio das autoridades. O contexto no qual essa história desenrolou-se remete ao período do primeiro mandato do prefeito Luiz Olinto Tortorello (1989 - 1992). Os detalhes inerentes a ela são narrados, na sequência, pelo ex-judoca Tsutsui, trazendo à tona nomes e conjunturas que aju-

daram a tecer suas tramas e tessituras.

“Com a ideia do prefeito Tortorello em incentivar o esporte amador, o judô acabou sendo contemplado. O filho dele Marquinho Tortorello era também um praticante de judô, (*o que*) acabou fortalecendo a modalidade. Com isso, a gente (*passou a ter*) um vínculo muito forte com a prefeitura, no caso, com o Departamento de Esporte, começan-



Acervo/Mário Tsutsui

Recepção ao judoca Rogério Sampaio, campeão olímpico em Barcelona, em 1992. O atleta aparece ao lado do então prefeito, Luiz Olinto Tortorello (à esquerda), Antônio José Dall’Anese (após Tortorello), Maurílio Teixeira Martins, então presidente da Câmara Municipal (parcialmente encoberto) e Ramis Sayar (na época, diretor do então Departamento de Esporte e Turismo de São Caetano)

do, assim, uma ascensão meio que meteórica do judô aqui em São Caetano. Trouxemos o Rogério Sampaio, oriundo de Santos, (*porque*) tínhamos essa ideia de criar uma equipe mais forte e representativa. O Rogério era um garoto ainda desconhecido, mas com muito potencial, então, o trouxemos para compor a equipe da cidade, além de outros atletas fortes, como Wagner Castropil, que também representou o Brasil na Olimpíada de Barcelona. Na época, tínhamos como diretor de esportes Ra-

mis Sayar, que entendeu a filosofia do Tortorello e apoiou bastante o judô. Na verdade, quando o Rogério (*Sampaio*) veio para São Caetano, poucas modalidades tinham local de treinamento adequado, com uma equipe com preparador físico, fisioterapeuta. Estávamos começando ali a criar alguma coisa em termos de equipe e estrutura. Primeiro, criamos a equipe. Na época, o Aurélio Miguel (*medalhista*

de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988) também veio para São Caetano. Ele ficou um ano e meio (*apenas*), pois recebeu uma proposta muito vantajosa de Guarulhos e acabou indo embora, (*mas*) o Rogério Sampaio ficou.”

A permanência desse atleta campeão selaria os rumos do judô na cidade, no sentido de massificá-lo junto ao público e despertar o interesse de crianças e jovens para a prática da modalidade, caminho imprescindível para a revelação e formação de novos

atletas. Na época, o judô sul-são-caetanense era representado pela Associação Beneficente, Recreativa e Esportiva de Vila Barcelona (Abrevb). Ao contar sobre a repercussão da conquista de Sampaio e dos frutos dela advindos, Mário Tsutsui aponta, deta-

Acervo/Mário Tsutsui



lhadamente: “Quando o Rogério Sampaio ganhou a medalha de ouro, foi aquele alvoroço. São Caetano o recebeu na entrada da cidade. Uma multidão o seguiu pela (Avenida) Goiás (até o) Abrevb. (Sua conquista) revolucionou, de certa forma, porque, no outro ano, houve já um investimento maior e, a partir daí, nós começamos a nos estruturar também, em termos de um local para treinar, (de modo que) os atletas estivessem morando e treinando em São Caetano, criando uma base aqui na cidade. Isso acabou se concretizando, porque, a partir de 1992, nós começamos a ter muitos atletas de potencial. Eles viam em São Caetano um espelho, então, (muitos deles) acabaram vindo para cá. (Frente a essa situação), a gente começou a criar uma estrutura, a montar algumas repúblicas e alojamentos para que os atletas pudessem morar, estudar e treinar. O nosso objetivo não era apenas o lado competitivo, mas também o lado de formação, (pois) o atleta aqui, além de treinar, teria de estudar. Para isso, nós conseguimos convênio com algumas universidades, como o antigo Imes (atual Uscs – Universidade Municipal de São Caetano do Sul). Muitos atletas aproveitaram essa oportunidade. Eles treinaram, competiram, estudaram e se formaram”.

Uma vez estruturado e com um trabalho de base encaminhado, o judô sul-são-caetanense atra-

vessaria o decênio de 1990 satisfatoriamente e entraria nos anos 2000 com boas perspectivas. Os resultados não tardaram a aparecer e outros nomes passariam a integrar o rol de judocas vencedores da cidade a partir de 1996.

Outros nomes e uma nova realidade – Após a medalha de ouro de Rogério Sampaio, o judô de São Caetano caminhou em direção à hegemonia no Estado de São Paulo e em nível nacional. “Entre 1992 e 1993, a gente já tinha, regional e nacionalmente, a equipe mais forte do Brasil. De 1992 (para cá), a gente vem ganhando sempre Jogos Regionais e Jogos Abertos.”

Em 1996, a chegada de Edinanci Silva, esperança de importantes conquistas e títulos para o judô do país, fortaleceria ainda mais o plantel da cidade, abrindo caminho para outras adesões, também constituídas por nomes integrantes da seleção brasileira: “Em 1996, nós tivemos a vinda da Edinanci Silva e também de outras meninas da seleção brasileira. A equipe masculina também acabou se fortalecendo. Em 2000, na Olimpíada de Sydney, tivemos três atletas representativos: Thiago Camilo, Carlos Honorato e Edinanci Silva. Nessa Olimpíada, o Carlos Honorato e o Thiago Camilo foram medalhistas de prata. Em 2000, esses dois já treinavam em São Caetano. Eles treinavam na nossa sede de judô, localizada na A.D. (Associação Desportiva) São Caetano”.

Em razão da entrada de empresas patrocinadoras no cenário do judô, uma nova realidade configurou-se para a modalidade em São Caetano, que, assim, passou a sofrer a concorrência de equipes que vinham ganhando projeção no Brasil. “São Caetano foi perdendo um pouco da sua capacidade de agregar mais atletas, até porque outros clubes também tiveram um crescimento muito vultoso de verba. O Pinheiros, o Minas Tênis, a Sogipa... Eles conseguiram um aporte através das leis de incentivo

Equipe de judô de São Caetano durante a edição de 1991 dos Jogos Abertos do Interior, realizados em Araçatuba. Mário Tsutsui é levantado pelos atletas

e de patrocínios fortes. A Sogipa teve (*como patrocinadora*) a Oi, que injetou muito dinheiro. Eles criaram uma equipe muito forte, e nós fomos perdendo atleta e, assim, acabei indo trabalhar um pouco mais com a seleção.”

Se, por um lado, essa situação revela o quão importante é a busca por caminhos e alternativas para a manutenção do nível competitivo de uma equipe (independente da modalidade ou esporte), de modo que se diminua a dependência frente ao poder público, sem, todavia, deixar de tê-lo como parceiro e apoiador, por outro, ela acabou criando condição para que Mário Tsutsui começasse a trilhar uma caminhada mais efetiva dentro da seleção brasileira.

Seleção brasileira – A respeito de sua estada na seleção brasileira, Mário Tsutsui falou do trabalho que vem realizando desde 2006. “Por estar num clube grande, como o São Caetano, recebi o convite em 2006 para acompanhar a equipe feminina do Brasil sub-21. Eu a acompanhei no Campeonato Mundial. Nessa equipe, já tinham algumas meninas muito fortes, que, depois, entrariam na seleção principal, como Sarah Menezes, campeã mundial sub-21, em 2008, e, depois, em 2012, campeã olímpica. Em 2008, nós estivemos no Japão ajudando a equipe que esteve nos Jogos Olímpicos, em Pequim, aclimatando-a (*para a competição*). Em 2012, estive em Londres como auxiliar técnico da equipe principal. Fazia um trabalho mais de bastidor. A partir de 2012, comecei a acompanhar, mais efetivamente, a seleção principal.”

A exemplo dos Jogos de Londres, durante os Jogos Olímpicos Rio-2016, Tsutsui pôde acompanhar de perto a campeã Rafaela Silva, judoca que já conhecia desde a época em que ela integrava a seleção sub-21. Além da conquista da medalha de ouro por parte da atleta, resultante de um processo de supe-

ração, após uma controvertida derrota em Londres, Mário Tsutsui aponta outro fato que marcou a participação do judô brasileiro nas Olimpíadas do Rio. Segundo ele, em 2016, o judô fez um trabalho bem mais profissional e consistente, uma vez que “os atletas tiveram um apoio maior, em termos de ajuda técnica e de uma equipe



Acervo/Mário Tsutsui

multidisciplinar junto a eles”.

Os Jogos Olímpicos do Rio foram inesquecíveis não só para quem vive o esporte. Os momentos mágicos desse grande evento ainda ressoam nas lembranças de muitos. Talvez os sentimentos provocados pelas experiências vivenciadas por todos que puderam testemunhar, mesmo de longe, esse fabuloso espetáculo esportivo sejam um legado. Um legado emocional, afetivo, que, em harmonia com o não menos importante legado convencional (que abrange o aparato de obras e estruturas erguidas em prol da viabilização dos jogos), poderá render bons frutos, se for acolhido com seriedade e comprometimento por aqueles que cuidam dos rumos do esporte no Brasil. É o que espera Mário Tsutsui. É o que todos nós esperamos. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

Judocas de São Caetano durante Campeonato Regional de Judô do ABC. Tsutsui é o segundo, em pé, a partir da esquerda. Foto de 1994

Paula Fiorotti



Mauro Chekin (o segundo, a partir da esquerda) com a equipe de basquete feminino consagrada campeã do campeonato paulista em 2006

Mauro Chekin: uma vida de altos rendimentos

Jogador, técnico, professor e administrador. O que todas essas ocupações têm em comum? No caso da carreira de Mauro Roberto Chekin, o esporte. Descendente de russos e italianos, nascido em São Caetano do Sul, no dia 6 de outubro de 1955, filho de Mário (falecido) e Mafalda Chekin (hoje com 86 anos), é um grande incentivador do esporte sul-são-caetanense e trabalha na prefeitura, no setor esportivo, desde 1976. Seu nome é unanimidade quando buscamos por referências para pesquisas na área.

Seu primeiro contato com o esporte deu-se por meio do basquete. Quando Chekin tinha cerca de 10 anos, começou a frequentar uma escolinha onde eram ministradas aulas dessa prática esportiva, localizada no então recém-inaugurado Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. O professor era José Maria Brás. A partir daí, o esporte nunca mais saiu de suas veias e de seu coração. E de sua família também. É casado com Salette Meneguello, sua segunda esposa, há 20 anos, coordenadora da Associação de Ginástica Di Thiene (Agith) São Caetano, e



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Mauro Roberto Chekin durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória, em 5 de outubro de 2016

sua única filha, Natasha (fruto de sua primeira união), de 26 anos, trabalha como produtora de um canal esportivo por assinatura.

Em 1968, já entrava em quadra para defender o time de basquete do São Caetano Esporte Clube (SCEC). “Meu pai foi um dos fundadores do São Caetano e nós acompanhamos a construção do clube. Quando o ginásio, no endereço atual, ficou pronto, todo o esporte da cidade passou a ser oriundo de lá, pois ainda não tínhamos os centros esportivos, que vieram somente a partir do início da década de 1970”, recorda. Foram cerca de 12 anos representando o SCEC: “Fui um bom jogador, cheguei até a categoria adulto. Fui diversas vezes campeão pelas seleções paulistas de basquete infantil e juvenil. Em 1973, conquistei vaga na seleção brasileira juvenil, mas quando alcancei o adulto passei a ser um jogador mediano, então, por volta de 1976, parei de jogar e comecei a atuar como técnico das categorias menores”. Concomitantemente ao esporte, Chekin ingressava, no início da década de 1970, no curso de educação física da Faculdade de Educação e Cultura (FEC) do ABC, em São Caetano. Vale ressaltar que, após sua formatura, atuou como auxiliar de ensino do professor Wilson José Monteiro e, depois de concluir sua pós-graduação em basquete, foi docente da instituição por dez anos, até 1990.

No final da década de 1960, participava ativamente das atividades do Tijucussu Clube. Segundo ele, essa fase foi marcante para sua vida, pois foi quando teve seu primeiro contato com a organização de um evento esportivo. O Tijucussu promoveu, em 1969, a primeira Olimpíada Colegial (iniciativa que deu origem aos Jogos Escolares). “Era um grupo de jovens, sem experiência, e que conseguiu mobilizar 5 mil pessoas nas competições. E nós cuidáva-

mos de tudo, de organizar, de arbitrar... Isso ajudou muito na minha formação”, afirma Chekin.

Em 1º de março de 1976, quando estava no último ano da faculdade, Mauro Chekin começou trabalhar na prefeitura. Foi um dos primeiros técnicos do atual Centro Esportivo e Recreativo Pedro Furlan – Tamoyo, um dos centros esportivos criados pelo então prefeito, Hermógenes Walter Braido, dentro do Planesporte, programa que revolucionou o esporte na cidade, sob a coordenação de João Paschoal Bonaparte. “Nessa época, cada centro era responsável por uma modalidade. O São José tinha o time de vôlei, o Tamoyo, o de basquete... Os esportes passaram a ser meio que divididos. Comecei como auxiliar de monitor, depois que me formei, passei a professor. Trabalhávamos com crianças de 12 a 15 anos”, recorda.

Com a implantação do Planesporte, Chekin foi convidado a atuar,

Chekin, ao lado de Walter Figueira Junior, discursa durante congresso sobre os Jogos Regionais, em 2008



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Mauro Chekin recebe, em nome da cidade, troféu de campeão dos 72º Jogos Abertos do Interior, realizados em Piracicaba em 2008



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

também, na Comissão Municipal de Esportes, ao lado de Bonaparte. “Eu dava aulas no período da manhã, à tarde, trabalhava na Comissão e, à noite, dava treinos de basquete. Era uma doação. Éramos muito idealistas.” E nesse processo Chekin, aos poucos, deixava as quadras, antes como jogador, e então, como técnico, e dava seus primeiros passos como administrador esportivo.

Sua vida progredia dentro do que havia planejado: “Eu sempre tive minha vida muito planejada por mim mesmo. Sabia que um dia teria de parar de jogar. Isso aconteceu, mas não perdi o contato com o esporte. Como técnico, continuei no mesmo universo das quadras. Na faculdade, dava aulas na cadeira de basquete, então, meu dia a dia não mudou muito”. Sua fase como técnico, durante a qual dirigiu as equipes de basquete adulto masculino e feminino, chegando à seleção paulista de basquete feminino menores e à assistente técnico da seleção brasileira de basquete feminino, contribuiu para que desenvolvesse um olhar mais apurado sobre o investimento no esporte, principalmente no de alto rendimento.

Chekin acompanhou o desenvolvimento do esporte por várias administrações municipais e faz uma análise da condução das políticas esportivas locais: “Não há muito o que mudar no esporte. A essência dos projetos é a mesma. Hoje temos o Programa Esportivo Comunitário (PEC), mas, em 1976, eu já dava aulas em *Escolinhas Esportivas*. Era o mesmo que se fazia em

1966, quando comecei a frequentar a escola de basquete”. Mas, segundo ele, na primeira gestão de Luiz Olinto Tortorello (1989-1992), foram dados os primeiros passos em direção a uma visão diferenciada, que vislumbrava conquistas na área esportiva.

Com a reeleição de Tortorello em 1997, São Caetano do Sul passou, efetivamente, a ter destaque no que diz respeito às competições esportivas regionais e estaduais em geral. Nas edições dos Jogos Abertos do Interior, por exemplo, a cidade acumula os títulos de 1997 a 2002, de 2004 a 2010, e de 2012. Chekin começou a atuar ao lado do então diretor de esportes, Walter Figueira Júnior, como assessor de alto rendimento. “Eu sou o dirigente que mais conquistou títulos nos Jogos Regionais e Abertos. Fui o chefe da delegação de todas essas empreitadas”, relata orgulhoso.

Foi então que seu envolvimento com o esporte de alto rendimento começou a ficar cada vez mais estreito. “Hoje sou um aficionado pelo alto rendimento. Quanto mais investimento na área, mais resultados e sucesso você alcança”,

defende. De 2005 a 2011, Mauro Chekin assumiu a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo. Entre os projetos que mais ganharam destaque, sob o seu ponto de vista, estão a mu-

por meio de escolinhas, manutenção de centros esportivos, entre outros projetos, mas, para ele, é preciso investir em um esporte vitorioso. “As pessoas precisam ter referên-

2014, voltou a coordenar o alto rendimento na secretaria, levando a cidade de volta ao pódio dos Jogos Abertos do Interior em 2014 e 2016. São Caetano do Sul conquistou o primeiro lugar da segunda divisão dos jogos nos respectivos anos.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

nicipalização dos clubes da cidade, a manutenção do investimento no alto rendimento e o crescimento das opções de recreação e lazer para a comunidade. Ele também deu início a um projeto de detecção de jovens talentos esportivos tendo em vista às Olimpíadas Rio-2016. Mais de 10 mil testes foram realizados mas, infelizmente, a iniciativa não teve continuidade.

Chekin defende a importância de projetos esportivos para a comunidade, visando à manutenção da qualidade de vida,

cias para incentivá-las a praticar esportes. E essas referências são os grandes atletas, as grandes conquistas no esporte. Uma estatística da Unesco e da Organização Mundial da Saúde demonstrou que a cada 1 dólar investido no esporte de alto rendimento são equivalentes a 5 dólares economizados na área da saúde.”

Desde 2012, Chekin é presidente da Federação Paulista de Atletismo, cargo que passou a ocupar depois de deixar a Secretaria Municipal de Esporte. Em

Na busca pelo alto rendimento em sua carreira, em 2016, concluiu uma pós-graduação em gestão e administração esportiva pelo Comitê Olímpico Internacional e pelo Instituto Olímpico Brasileiro, no Rio de Janeiro, e acompanhou os atletas da cidade nas Olimpíadas. E, assim, Mauro Roberto Chekin segue empenhado em manter São Caetano do Sul como referência no esporte de alto rendimento, sem perceber que a referência é ele mesmo. **R**

Chekin recebe troféu de campeão dos 73º Jogos Abertos do Interior, realizados em São Caetano do Sul, em 2009

PAULA FIOROTTI

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, ESPECIALIZADA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL E RELAÇÕES PÚBLICAS PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELA UNIVERSIDADE ASSUNÇÃO. É COLABORADA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, SENDO A JORNALISTA RESPONSÁVEL PELA REVISTA RAÍZES.

Esportes, paixão pelo futebol e jornalismo

Com uma vida dedicada ao incentivo da prática de atividade física, Nelson Perdigão dá uma aula sobre a trajetória esportiva sul-são-caetanense

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Conversar com o professor de educação física Nelson Perdigão é a oportunidade de conhecer a infraestrutura esportiva construída em São Caetano do Sul e entender a vocação da cidade para o esporte, que pode ser sentida por toda a população nas ruas e avenidas da cidade. Superativo, ele transitou nas mais variadas modalidades esportivas e também atuou fortemente na imprensa, ao trabalhar em jornais e rádios, fazendo registros sobre o segmento, em especial, para incentivá-lo.

Filho dos comerciantes Agripino Perdigão e Marina Nogueira, Nelson Perdigão nasceu em 15 de março de 1943, na cidade de São Caetano do Sul. Mais especificamente em uma casa que existe até hoje, localizada na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua Heloísa Pamplona. Ao lado dos irmãos Joaquim Perdigão, conhecido como Juca, e Adelino Nogueira Perdigão, destacava-se por ser um menino que jogava todas as modalidades esportivas na infância e, muitas vezes, mostrava-se um moleque arreiro. “Meu problema sempre foi o esporte. Até a metade do ano, tirava as melhores notas. Depois, relaxava. Aí, jogava futebol, basquete, vôlei e tudo que tinha direito”, recorda.

As travessuras renderam uma vida estudantil marcada pela passagem por várias escolas. Com início no Externato Santo Antonio, os estudos foram seguidos na Escola Paroquial Sagrada Família, no Primeiro Grupo Escolar Senador Flaquer e, após admissão, no Instituto de Ensino de São Caetano. Na sequência, o garoto foi estudar no Colégio Adventista de Campinas e, anos mais tarde, no retorno da família à cidade, foi matriculado na Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Devido às inconstâncias em relação aos estudos, o adolescente interrompeu o colégio. Por fim, após três anos, retornou à vida escolar e se formou no então Grupo Escolar 28 de Julho e, em 1969, concluiu o curso Normal no Co-

Sempre disposto, o professor de educação física Nelson Perdigão recorda sua trajetória esportiva sul-são-caetanense. Foto de agosto de 2016

légio Senador Flaquer de Santo André.

Cultura esportiva – Desde cedo, o destino profissional de Perdigão já estava traçado: o esporte. Era a certeza que tinha para a sua vida. Por isso, ingressou na primeira turma de educação física das Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa). Paralelamente às aulas, trabalhou, nos anos de 1970 e 1971, com jornalismo esportivo no jornal *O Esportivo*. Atividades a todo vapor, Perdigão concluiu os estudos em 1972 e fez diversos cursos de extensão universitária e técnicas desportivas, e pós-graduação. “Particpei também de um intercâmbio esportivo nos Estados Unidos”, detalha.

As oportunidades profissionais não paravam de surgir. Durante a segunda gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969 - 1973), Alberto do Carmo Araújo, mais conhecido como Giba, assumiu a direção do Departamento de Esporte e Bem-Estar Social (Debes) de São Caetano do Sul. Sem pensar duas vezes e já conhecendo o comprometimento e dedicação de Perdigão, Giba o convidou, no fim de 1971, para montar a Escolinha de Futebol, uma das modalidades do projeto *Escolinhas Esportivas*.

A partir daí, a cidade ganhou um profissional empe-

nhado e que implantaria uma cultura esportiva no município. Disposição nunca faltou para o jovem. Além de atuar como professor responsável por treinar crianças e adolescentes, tinha um olhar apurado para identificar e impulsionar grandes talentos. “Organizei torneios em várias categorias e, anos mais tarde, fui membro da Comis-

mógenes Walter Braido (1973 - 1977). “Ele formou um grupo de estudo para a construção de um patrimônio esportivo que oferecesse atividades físicas para toda a população.”

A equipe era formada por Victor Matsudo, dirigente e fundador do Tijucussu Clube; Norma Pinto de Oliveira, atleta importante do basquete femi-



Acervo/Nelson Perdigão

são de Orientação ao Futebol, preparador físico das seleções e apoiei a Liga Sancaetanense de Futebol”, lembra. Trabalhou também como assessor do empresário João Luiz Bonaparte, presidente da Comissão Municipal de Esportes.

Tempo de praticar – Com uma visão mais organizacional, o trabalho conjunto com Bonaparte foi fundamental para a implantação da estrutura esportiva durante a segunda gestão de Her-

nino; Carlos Ventura, técnico de atletismo de renome; Dante da Rose, dirigente e fundador do Tijucussu Clube, técnico de basquete e professor de educação física; Laércio Elias Pereira, mestre em educação física e técnico de handebol; Emídio Bonjardim, professor de educação física e mestre na área, e Atilano dos Santos, professor de educação física, escolhido para chefiar a Seção de Educação Física e Esportes, criada para atender parte do projeto.

Dentro do projeto *Escolinhas Esportivas*, idealizado durante a gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969 - 1973), em 1971, Nelson Perdigão foi convidado a participar por Alberto do Carmo Araújo. Caberia a Perdigão montar a Escolinha de Futebol. Na foto da década de 1970, ele aparece diante de um dos grupos (havia, em média, 380 alunos) para os quais dava aulas três vezes por semana

Equipe Seleção Imprensa ABC durante jogo no Complexo Esportivo Lauro Gomes de Almeida. Da esquerda para a direita, e em pé, vemos: Jurandir, Pimenta, Anê, Carlos, Pedullo, Glenir e Edson Oliveira. Os jogadores agachados são: Pio, Guerra, Sidney, Perdigão e Jota. Foto de 1975



Arquivo/Nelson Perdigão

O resultado dessa troca de ideais foi o Projeto de Desenvolvimento Esportivo (Planesporte), que proporcionava a cada associação esportiva a incorporação do espaço como sede. Nesse cenário, foi criada a Comissão de Orientação ao Futebol, com o objetivo de assessorar os clubes no processo de fusão – haviam 66 times na cidade, sendo que 22 foram unificados e 34 encerrados. O saldo desse processo foi um projeto que previa a construção de oito centros esportivos – cinco deles foram con-

Marco esportivo na trajetória sul-são-caetanense, os Jogos Abertos do Interior estimularam a preparação das modalidades de alto rendimento. Na imagem, membros da Comissão Municipal de Esportes durante edição realizada em São José dos Campos. Da esquerda para a direita, foram identificados: Frederico Cosiurca, Salvador Silva, Nelson Perdigão e Dedé. Foto de 1977



Arquivo/Nelson Perdigão

cluídos ainda na gestão de Braido e entregues aos municípios em regime de comodato (empréstimo gratuito da propriedade).

A partir desse marco na história sul-são-caetanense, diversas intervenções esportivas fo-

ram realizadas pelo prefeito Raimundo da Cunha Leite (1977 - 1982). Em 1977, ao lado de Antonio José dos Santos, o Toninho do Esporte, assessor de gabinete do prefeito e presidente da Comissão Municipal de Esportes, Perdigão assumiu o cargo de chefe da Seção de Educação Física e Esportes. Nesse período, desenvolveu inúmeras atividades, com destaque para os passeios ciclísticos e para a preparação das equipes de diversas modalidades, a fim de atingir a máxima pontuação de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior. “Paralelamente a isso, demos continuidade à construção dos clubes que faltavam – Gisela, Águias e São José -, o que foi muito importante para o patrimônio do esporte”, explica.

Atividades para toda a população – Nessa época, Perdigão exerceu seu papel além do esporte e fez parte da Comissão Organizadora de Festejos da cidade. Ao lado do presidente do departamento, Antonio Russo, e dos professores Walter Figueira e Mauro Chekin, organizou, em 1977, uma série de comemorações durante o centenário do município. “Fizemos um ano de festa”, observa orgulhoso.

O olhar do professor de educação física foi além das modalidades tradicionais e acompanhou o crescimento de outras áreas esportivas. Em 1978, a ginástica artística ganhou do Ministério dos Esportes todos os equipamentos necessários. “Montamos a escolinha embaixo



Acrévio/Nelson Perdigão

das piscinas do Clube Águias, porém, devido às infiltrações, os equipamentos estragavam com frequência. Todo dia tinha entre 20 e 25 alunos no local. Os próprios pais começaram a fazer solicitações e a professora Ana Lúcia Saccucci deu o pontapé para a criação da Associação de Ginástica Di Thiene”, detalha. E acrescenta que, em 1987, a equipe conquistou o primeiro título nos Jogos Abertos do Interior.

Em paralelo às atividades realizadas nesse período, em 1981, a pedido dos professores e devido à paralização das Olimpíadas do Tijucussu, Perdigão criou os Jogos Escolares, presentes até hoje na cidade e em sua 33ª edição. Foi de sua autoria também a campanha *Adote um Atleta*¹, na qual buscava empresas para patrocinar atletas. “Anteriormente, de 1974 a 1976, havia o Troféu Di Thiene que



Acrévio/Nelson Perdigão

homenageava os principais atletas da região e essa ação veio para impulsionar os grandes talentos”, conta.

Novos rumos – A atuação de Perdigão no esporte sul-são-caetanense se encerrou no ano de 1983. Contudo, desde então, ele sempre acompanhou e assessorou projetos realizados na cidade, além de apresentar um programa na emissora de rádio do *Diário do Grande ABC* até o início da década de 1990. Exemplo disso é sua opinião sobre o Programa Esportivo Comunitário, implantado no primeiro mandato de Luiz Olinto Tortorello (1989 - 1992): “Foi um plano inteligente usar a população para incentivar a prática de atividade física e estimular a parte social. Durante anos, foi sensacional e reunia toda a família”, enfatiza.

Fora de São Caetano, trabalhou na Assembleia Legislativa e no setor de lazer da Eletropaulo, função exercida até a sua aposentadoria, em 1998. “Como os funcionários tinham duas horas de almoço, possuíamos uma grade com 25 programas de entretenimento para eles. Era sensacional”, comenta.

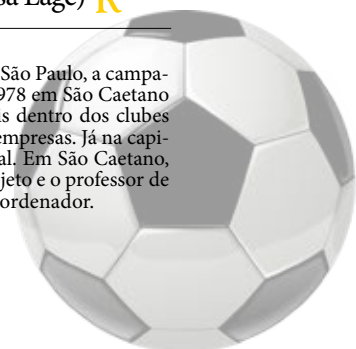
Hoje, Perdigão leva uma vida tranquila, ao lado da esposa, em São José do Rio Pardo, interior paulista, cidade onde também exerceu, em 2010, a função de diretor de Esporte da prefeitura. Contudo, não esconde a sua eterna paixão pelo universo esportivo de São Caetano. Basta ter oportunidade para expor sua opinião e todo o conhecimento que tem na área. Empenho e paixão são sua marca. E sua maior lição. (Ana Luísa Lage) **R**

Nota:

¹ Inspirada na ação realizada na cidade de São Paulo, a campanha *Adote um Atleta* foi implantada em 1978 em São Caetano do Sul. O objetivo era captar profissionais dentro dos clubes municipais para serem patrocinados por empresas. Já na capital paulista, o foco eram os atletas no geral. Em São Caetano, havia uma Comissão responsável pelo projeto e o professor de educação física Nelson Perdigão era o coordenador.

Em 1977, Perdigão assumiu o cargo de chefe da Seção de Educação Física e Esportes e promoveu diversas atividades esportivas. Destaque para o passeio ciclístico, que contou com, aproximadamente, 4 mil pessoas. Foto de 1977

Grandes nomes do esporte passaram por São Caetano. Exemplo disso é o registro da presença da ex-jogadora de basquete Hortência durante reunião com o prefeito Raimundo da Cunha Leite para renovação de contrato. Da esquerda para a direita, vemos: Nelson Perdigão, Hortência, o prefeito e Antonio José dos Santos, o Toninho do Esporte. Foto de 1977



ALÉM DO ESPORTE, UMA CULTURA DO BEM-ESTAR SOCIAL EM SÃO CAETANO

Há 50 anos atuando na área esportiva, Walter Figueira Júnior é um dos responsáveis pelo incentivo da prática de atividades físicas na cidade

“**E**sporte é um processo educacional de um povo.” É com essa frase que Walter Figueira Júnior, professor de educação física, define o seu pensamento em relação à prática esportiva. Com essa ideia em mente, exerce seu trabalho há 50 anos em São Caetano do Sul e a população só tem a ganhar e a agradecer por todas as suas propostas concretizadas para desenvolver e expandir o segmento na cidade.

Filho dos comerciantes Sophia Lanfranchi e Walter Figueira, nasceu na capital paulista há 70 anos, em 29 de agosto de 1946. Cresceu ao lado das irmãs Ana e Neuza Figueira, mais velhas do que ele, e sempre residiu em São Caetano, mais especificamente na casa construída na esquina da Rua Goitacazes com a Avenida Goiás, onde hoje funciona uma famosa chopperria.

Figueira Júnior cursou o ensino primário na Escola Paroquial Sagrada Família e o antigo ginásio no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Já o ensino médio, foi feito no conceituado Colégio Bandeirantes, na capital paulista, e a especialização técnica em cerâmica, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Contudo, ainda pequeno, aproveitava as horas vagas para jogar bola e brincar no campo que existia em frente a sua

residência. “Nossas atividades eram realizadas nessa área livre. Empinávamos pipa e jogávamos futebol. Nunca tive habilidade para essa modalidade, mas era a única opção de lazer”, recorda.

Por influência do pai, ainda criança, aprendeu a nadar e, aos 14 anos, iniciou uma orientação mais específica na área esportiva. “Existiam apenas dois clubes aqui, o São Caetano Esporte Clube e a Associação Desportiva Classista General Motors. Eu participava, como atleta de basquete, da categoria infantil, do clube da GM”, destaca. O falecimento do pai, quando tinha 20 anos, fez com que Júnior assumisse responsabilidades junto à família. Começou a trabalhar na Cerâmica São Caetano e, em 1968, ingressou

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Com uma vida dedicada ao esporte, o professor de educação física Walter Figueira Júnior considera a prática do esporte um processo educacional de um povo. Foto de setembro de 2016

Acervo/Walter Figueira Júnior



na Faculdade de Educação Física de Santos. Formou-se em 1970. “Durante esse período, pegava a estrada todos os dias, pois já trabalhava no Colégio Brasília, em São Bernardo do Campo. Foi uma época em que a educação física era exigência na grade escolar. Como havia poucos profissionais formados, portas foram abertas para que os estudantes atuassem na área”, explica.

A infraestrutura das escolas, contudo, não colaborava para a efetivação da prática esportiva. O professor conta que as unidades não apresentavam quadras e a participação individual de cada aluno se dava de modo mais natural. “Era uma relação quase comunitária e de interação dos alunos na vida escolar”, pontua.

Novos tempos – Ainda solteiro, começou a trabalhar nas escolas da rede estadual de São Bernardo. Paralelamente, até 1972, representou São Caetano como atleta de natação e conquistou muitas medalhas, com destaque para a sua primeira participação em competições, em 1964, nos Jogos Abertos do Interior, sediados na cidade.

Muitas histórias marcaram essa época, mas uma em especial ainda arranca risos do professor. Ele conta que, em 1964, publicaram um anúncio no jornal para convocar pessoas que soubessem nadar para participar do teste que elegeria os representantes da cidade nos Jogos Abertos do Interior. Era um dia de inverno e apareceram muitos garotos.

A maioria, porém, não sabia mergulhar. “Muitos pulavam na água e, em seguida, o salva-vidas tinha que socorrer”, revela.

Figueira se casou em 1973 com Darcy Prestes Figueira. O casal teve cinco filhos: Valéria Regina, Sabrina Luciana, Letícia Helena, Walter Neto e Ligia Suzana. Sempre disposto e com família grande, trabalhava também no Ginásio Estadual Vila Alpina e, ocasionalmente, prestava serviços como professor de natação no Complexo Esportivo Lauro Gomes de Almeida, em São Caetano.

Reconhecido pelo excelente trabalho desenvolvido com toda a população, na década de 1970, começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, durante a gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1973 - 1977), sendo efetivado, em 1973, como professor de natação. “Dava aula na Escolinha de Natação, uma das modalidades do projeto *Escolinhas Esportivas*, iniciativa para a formação de uma equipe de peso com atletas aptos a competir nas edições dos Jogos Regionais, Jogos Abertos do Interior e outras competições,

Acervo/Walter Figueira Júnior



representando o Clube Tijucussu”, recorda.

Na época, as atividades estavam vinculadas à Comissão Municipal de Esportes, a qual era responsável por toda a organização da ação esportiva na cidade. No

Responsável por impulsionar a implantação da cultura esportiva na cidade, o prefeito Luiz Olinto Tortorello marcava presença nos mais variados eventos do segmento. Na foto, da esquerda para a direita, foram identificados: Nadir Sanches (Estepe), Tortorello, Zinho e Walter Figueira Júnior. Foto da década de 1990

Campeões dos Jogos Abertos do Interior durante a segunda gestão de Tortorello (1997-2000). Da esquerda para a direita, foram identificados: Maria Aparecida de Jesus, coordenadora do atletismo, Cassia Thereza Lorenzini, coordenadora do tênis de campo, Antonio Carlos Adolfo, coordenador da natação, Walter Figueira Júnior, diretor da Diretoria de Esporte e Turismo (1997-2000), Sônia Zucato, coordenadora do basquete feminino, e Mauro Roberto Chekin, supervisor do esporte de alto rendimento. Foto da década de 1990

mesmo período, foi também funcionário do Serviço Social da Indústria (Sesi).

Espelho para a juventude – Impulsionado pelo prefeito Luiz Olinto Tortorello, durante o seu primeiro mandato (1989 - 1992), o professor de educação física integrou o grupo técnico responsável por montar um programa de desenvolvimento esportivo para a comunidade. A ideia era incentivar a prática de alto rendimento e também oferecer entretenimento e bem-estar social para o maior número de pessoas.

Ao lado dos professores Mauro Roberto Chekin, Maria Aparecida Benta Apone, Delenice Fonseca, Marcos Siarvi e Antonio Batista dos Santos, Figueira participou da troca de ideias para a concretização da organização esportiva no município. “Essa organização começou com o Planesporte, coordenado por Braidó. O prefeito Raimundo da Cunha Leite deu continuidade e Tortorello desenvolveu de forma significativa a proposta”, considera.

O resultado dessas discussões foi a criação do Programa Esportivo Comunitário. No mesmo período, a cidade acolheu a equipe de atletismo de Santo André, pois, em função de problemas políticos com o então prefeito, Celso Daniel, a modalidade havia sido encerrada no município. “Recebemos também o judoca e campeão olímpico Aurélio Miguel. Aí, todo mundo queria fazer judô e não tínhamos uma área planejada para isso. A pedido do Tortorello, do dia para a noite, tivemos que nos virar para atender a demanda, pois o alto rendimento era o espelho para a juventude. O resultado foi a criação de um Centro de Treinamento de Judô”, observa.

Cenário de efervescência sul-são-caetanense, o Esporte exigia a criação de um departamento específico – antes a categoria pertencia à Diretoria de Educação, Esporte, Cultura e Turismo. Nesse contexto, Tortorello fundou a Diretoria de Esporte e Turismo (Detur). “O prefeito criou um trabalho efetivo, com metas e missões, que atingiam desde crianças

de 4 anos até idosos, o que resultou na formação de uma cultura esportiva”, conta Figueira.

De modo espontâneo, o povo começou a se mexer em busca de qualidade de vida e, também, carreira esportiva. Por meio de oficinas, os professores davam orientações para os alunos sobre alongamento, postura, roupa adequada para fazer exercício e muito mais. Na programação da cidade, havia provas de rua, passeios ciclísticos e caminhadas, além da rua de lazer, criada na Avenida Presidente Kennedy.

Com tudo isso estruturado e uma cultura esportiva consolidada, o prefeito Antonio José Dall’Anese (1993 - 1996) deu continuidade ao projeto e, anos depois, em 1997, Tortorello foi eleito novamente e reforçou o planejamento de trabalho proposto em sua gestão anterior. “Nesse período, fui diretor do Detur e ampliamos as ações técnicas-pedagógicas e as oficinas para as terceiras idades, e outros segmentos esportivos”, relembra.

Evolução esportiva – Atividades a todo vapor, o profissional acompanhou a construção dos ginásios poliesportivos, das quadras oficiais de handebol e futsal, do Parque Aquático Carlos Antonio Biazoto, em 1997, e também a reforma da piscina do Conjunto Aquático Leonardo Sperate, aberto no ano 2000. Tudo realizado com planejamento técnico, que impera até hoje.

Os Jogos Escolares também receberam atenção especial nesse período. Inspirada nas partidas realizadas durante as Olimpíadas do Tijucussu, na década de 1970, a proposta era ir além da competição esportiva e oferecer uma mostra educacional, cultural e social para os alunos. Por isso, havia concursos da Melhor Torcida, Cartaz e Redação, Música,

Teatro, Miss e Mister Jogos Escolares e muito mais.

De 2005 a 2012, Figueira assumiu o cargo de vice-prefeito de José Auricchio Junior e acompanhou toda a estruturação das secretarias. Em 2005, chegou a ser secretário de Educação, tendo sido responsável pela proposta de municipalização do ensino e do projeto para a criação da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), junto ao Centro Paula Souza.

Na gestão seguinte, com o prefeito Paulo Nunes Pinheiro (2012 - 2016), entrou como chefe de gabinete e, posteriormente, secretário de Esporte e Turismo, cargo ocupado em 2013. Atualmente, faz parte da equipe técnica da secretaria.

Com uma vida dedicada ao esporte e muito empenho e dedicação, o professor atualmente curte a companhia dos dois netos e deixa uma lição, que sugere que todos coloquem em prática: esporte não é só movimento do corpo, é a oportunidade de se ter uma socialização das crianças, adolescentes, adultos e idosos, caminhando para a construção de uma sociedade do bem-estar social. (Ana Luísa Lage) **R**

Acervo/Walter Figueira Júnior



Marco da administração de Tortorello, a rua de lazer, na Avenida Presidente Kennedy, fazia parte do Programa Esportivo Comunitário e oferece à população qualidade de vida e entretenimento aos finais de semana. Foto da década de 1990

Acervo/Walter Figueira Júnior



Equipe de natação que participou do Campeonato Brasileiro Juvenil no Rio de Janeiro, realizado de 3 a 6 de janeiro de 1980, no Parque Aquático Júlio De Lamare (Maracanã). Da esquerda para a direita, vemos: Igor de Souza, Mauro Bolgueroni, Gerson Luiz Pazian, Silvio Giopato, Walter Figueira Júnior (professor) e Ricardo Moreno. Foto da década de 1980

VANDA RINALDA DAL COL TORMAR:

UM GRANDE NOME DO ESPORTE SUL-SÃO-CAETANENSE



Foto/Antônio Reginaldo Carinhani (FPMSCS)

Vanda Rinalda Dal Col Tormar durante entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2016, na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

‘A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.’

(Pierre Bourdieu)

Quando o assunto é esporte de alto rendimento em São Caetano do Sul, impossível não lembrar o plantel constituído pela cidade no basquete feminino, a partir de 1968, com a vinda de jogadoras consagradas nacionalmente, como Norminha, Marlene, Elzinha, Delcy, entre outras, todas elas da seleção brasileira. Fruto de um projeto audacioso, que pretendia inserir o município na vitrine da modalidade da cesta no país, a chegada de tais atletas foi um marco para a história esportiva sul-são-caetanense. Isso porque as negociações para concretizar as contratações, bem como a formação da equipe, incluindo as demandas e exigências próprias à sua estruturação e manutenção, mobilizaram clubes locais (em um primeiro momento, o Clube Atlético Monte Alegre e, na sequência, o São Caetano Esporte Clube, com seu Departamento Autônomo de Basquete), além do poder público municipal, por meio da Comissão Municipal de Esportes, e de nomes como o de Claudio Musumeci, mentor da empreitada e diretor da Fazenda Municipal, na época.¹

Se, por um lado, o sucesso do projeto pôde ser confirmado pelos inúmeros títulos obtidos por São Caetano, entre os quais oito campeonatos paulistas, em um período de quase uma década (1968 - 1977), por outro, é possível afirmar que tal projeto repercutiu no próprio trabalho de base realizado pela prefeitura junto a crianças e adolescentes da cidade que frequentavam as *Escolinhas Esportivas*, mantidas pela administração pública municipal. Do elenco que compunha o time de basquete sul-são-caetanense, Marlene José Bento e Delcy Ellender Marques foram duas das jogadoras que prestaram serviço como professoras da Escolinha de Basquete, mantida no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Levando em conta que a proposta era revelar novos talentos para a modalidade na qual São Caetano do Sul vinha, desde 1968, detendo a hegemonia no Brasil, o trabalho de base surtiu resultado, munindo a cidade com promessas que, entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980, despontariam como valores novatos do

Acervo/Vanda Rinalda Dal Col Tormar



basquete feminino local e nacional, como Hortência de Fátima Marcari e Vanda Rinalda Dal Col Tormar.

No dia 4 de agosto de 2016, esta última esteve na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul para narrar aspectos e momentos de sua trajetória dentro e fora das quadras. Detentora de uma carreira esportiva iniciada no município e marcada por títulos importantes e participação na seleção brasileira, Vanda Dal Col Tormar foi uma das escolhidas para conduzir a tocha olímpica em sua passagem pela cidade, no dia 23 de julho, duas semanas antes da abertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Entrevistá-la teve um significado especial. Não só por eu ser fã de basquete, mas, principalmente, por ter sido sua aluna. Com ela e outras professoras, como Luíza Gomes Barroso e Margarete Martins, pude aprender, entre 1991 e 1993, no Ginásio de Esportes Professor Milton Feijão, localizado no Complexo Lauro Gomes de Almeida, os fundamentos e segredos desse esporte dinâmico e fascinante, que possui grande tradição em São Caetano.

Carreira – Vanda Rinalda Dal Col Tormar nasceu em São Vicente, no litoral paulista, no dia 1º de janeiro de 1961. Chegou a São Caetano ainda criança, com apenas 5 anos. O motivo da vinda de sua família deveu-se ao fato de seu pai, Stefano Dal Col, mais conhecido como Nino,

ter adquirido um estabelecimento comercial na cidade. Tratava-se da Padaria Bom Gosto (antes pertencente a Bruno Bisquolo), que se localizava na esquina da Avenida Goiás (que, naquela época, ainda não havia sido duplicada) com a Rua General Osório. Mas foi à frente de uma *rotisserie*, também situada na Avenida Goiás, que seu pai ficou mais tempo, por mais de 20 anos, após uma estada de, aproximadamente, cinco anos com a família na cidade mineira de Poços de Caldas.

O basquete surgiu na vida de Vanda durante o período escolar: “Eu estudava no Idalina (*Escola Estadual Dona Idalina Macedo Costa Sodré*) e tínhamos dois professores que gostavam muito de basquete, que eram o Atilano² e a Iracema. Como eu era muito alta, eles começaram a me ensinar (*a modalidade*) e, dali, me indicaram para jogar no Fundação”, relata. Antes de chegar ao Centro Recreativo e Esportivo Fundação (Cref), agremiação que, em 1974, passou a contar com uma equipe de basquete feminino, oriunda do São Caetano Esporte Clube, por ocasião do encerramento das atividades do Departamento Autônomo de Basquete deste último, a ex-atleta aprimorou os fundamentos na Escolinha que a prefeitura mantinha no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, onde foi aluna de Mar-

Acervo/Vanda Rinalda Dal Col Tormar



lene José Bento e Maria Aparecida Benta Apone (atual secretária municipal de Esporte e Turismo), ambas ex-cestobolistas do alvinegro da Rua Ceará.

Equipe juvenil do Centro Recreativo e Esportivo Fundação, em foto da segunda metade da década de 1970. Esta foi a primeira agremiação defendida por Vanda Rinalda Dal Col Tormar. Em pé, a partir da esquerda: Valdir Pagan Peres (técnico), Rosângela, Hortência, Vanda, Cristina, Eronildes, Vânia Marisa e Paulo. Agachadas, a partir da esquerda, observam-se: Júlia, Edna, Aninha, Thais, Eni e Milu

Jogadoras do Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos de Vila Prosperidade que representaram São Caetano em uma das edições dos Jogos Regionais, no início da década de 1980. Na parte superior, a partir da esquerda: Lucilena e Tânia Colla. Na fileira do meio, a partir da esquerda: Vicente França, Denizeti, Maria Alice, Rosângela, Vanda e Ninão (roupeiro). Entre as que estão agachadas, foram identificadas: Jurema (a primeira, à esquerda), Luíza Gomes Barroso (a terceira) e, na sequência, Soraya e Sônia Zucatto

Da escolinha, Vanda foi encaminhada para o Fundação, período no qual se federou, passando a integrar o time infantil da agremiação e a treinar com a equipe adulta. Dessa época, ela se recorda da boa safra de jogadoras que foram reveladas na cidade, como Rosângela Ribeiro, Eni Lima, Eronildes e Hortência.

defendeu o Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos (Creua) de Vila Prosperidade. Dentre os técnicos com os quais trabalhou em São Caetano, estão Valdir Pagan Peres, Norma Pinto de Oliveira (Norminha), Vicente França e Mauro Chekin.

Acrvo/Vanda Rindade Do Col Torment



Seleção brasileira, em foto tirada durante disputa do Campeonato Mundial de Basquete Feminino, em 1983. Em pé, a partir da esquerda: Antônio Carlos Barbosa (técnico), Vanda, Marta Sobral, Solange, Cristina Punko, Anna Maria, Pedrinho e Márcio. Agachadas, a partir da esquerda: Vânia Teixeira, Suzete, Hortência, Branca, Elisa, Paula e Soraya

“Quando comecei na equipe (*do Fundação*), ela (*Hortência*) tinha acabado de entrar também e a gente jogou juntas por quase 15 anos da minha carreira.” Dos títulos conquistados durante sua estada na equipe de base do Fundação, encontra-se o de campeã da II Taça Brasil de Basquetebol Feminino Juvenil, façanha assinalada no dia 22 de outubro de 1977, na cidade de Niterói (Rio de Janeiro). Após ter enfrentado, na fase de classificação, o Clube Uraí, do Paraná, o Clube Libanês, do Espírito Santo, e o Canto do Rio, de Niterói, a equipe sul-são-caetanense credenciou-se, de forma invicta, para a decisão do torneio. As donas da casa foram as adversárias do Fundação, que venceu a partida final pelo apertado placar de 54 x 52. Hortência foi a maior pontuadora daquele campeonato, registrando 125 pontos. Além da cestinha Hortência, e de Vanda, o time do Fundação apresentava em seu elenco as seguintes jogadoras: Cristina, Edna Bertelli Lopez, Júlia, Eni Lima, Luíza, Maria Alice Fernandes, Milu, Mirna, Rosângela Ribeiro e Vilma.³

Após passagem vitoriosa pelo Fundação, Vanda

Com o desenvolvimento e massificação do basquete feminino, outras cidades despontaram como centros potenciais de títulos, redesenhando o cenário da modalidade no Estado de São Paulo, que, entre o final da década de 1960 e meados dos anos 1970, teve o protagonismo de São Caetano do Sul e Santo André, municípios que disputavam entre si a hegemonia do esporte da cesta, no segmento feminino. Das cidades que montaram equipes competitivas, a partir do final do decênio de 1970, estão Catanduva e Presidente Prudente. Ao deixar o Prosperidade, foi para esta última localidade que Vanda se dirigiu para defender as cores da Prudentina. Posteriormente, deu continuidade à sua carreira no município de Sorocaba, onde integrou a famosa equipe da Mineral, que marcou época no basquete feminino. “Joguei uns três ou quatro anos lá, desde a formação da equi-

pe até chegar ao time que ganhou vários títulos”, relembra.

E, assim, a trajetória de Vanda Dal Col no esporte foi se consolidando. Em 1979, chegou à seleção brasileira, permanecendo até 1986. Nesse período, disputou torneios importantes, como campeonatos sul-americanos, o Mundial de 1983, realizado no Brasil, e o Pan-Americano de Caracas (Venezuela), também ocorrido em 1983, em que o selecionado nacional obteve a medalha de bronze. Cinco anos após a conquista dessa medalha, Vanda retornou a São Caetano, depois de passar por Guarujá. Nesse segundo momento em território sul-são-caetanense, a ex-jogadora defendeu a Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural (Serc) Santa Maria, clube no qual encerrou sua carreira como cestobolista (em 2004, voltou a jogar, chegando a disputar, na categoria master, diversos campeonatos por dez anos, aproximadamente, quando deixou de atuar, em virtude de problemas no joelho). Contudo, sua história em São Caetano continua em curso e suas páginas vêm sendo escritas fora das quadras.

Fora das quadras – Com o encerramento de sua carreira como jogadora, Vanda Rinalda Dal Col Tormar assumiu o desafio de tornar-se professora das Escolinhas de Basquete da cidade e técnica das categorias de base, conforme expõe: “Fui

técnica das equipes de base, desde o mirim até o juvenil. Depois, com o problema do joelho, fui para a coordenação do vôlei masculino e, agora, estou como coordenadora do tênis de mesa e do taekwondo”. Ainda sobre o período em que atuou junto às Escolinhas, Vanda ressalta a importância desse tipo de trabalho para a manutenção das próprias equipes de base: “Na realidade, quem se destacava na escolinha era convidado a fazer parte da equipe. Essa era a forma que a gente tinha de montar as equipes”.

Integrantes do Programa Esportivo Comunitário (PEC), as Escolinhas não só de basquete, como também de outras modalidades, são fruto de uma filosofia voltada para a disseminação de uma cultura esportiva nos quatro cantos do município. Tanto é que estão espalhadas pelos clubes locais. Embora a importância delas e das equipes de base seja indiscutível no que tange à revelação e formação de novos atletas, Vanda aponta que as mudanças verificadas nas relações humanas, nos valores e costumes introduziram uma visão de mundo e um padrão de comportamento centrados nas tecnologias. “Hoje, as crianças e os adolescentes estão cada vez mais tecnológicos. O que eles querem menos é praticar esportes. Antigamente, a gente dizia que a aula de educação física, na escola, era o que mais eles queriam e, hoje, já não é tanto. Porque ele estão sedentários,

Em 1988, Vanda retornou a São Caetano, após passagem por equipes do interior de São Paulo e do litoral paulista (Guarujá). Na ocasião, passou a defender o time da Serc Santa Maria. Em pé, estão: Josie, Paulo Tondato, Simara, Neusa, Ângela, Vanda, Margarete Martins e Mauro Chekin. Entre as jogadoras agachadas, foram identificadas, a partir da esquerda: Mirian, Sônia Zucatto, Kity e Adriana (a última)





querem ficar jogando videogame.”

Mesmo diante de tal situação, o esporte continua sendo o referencial para uma vida comprometida com a saúde, disciplina e princípios relativos à ética e ao respeito. Ao falar da presença dele em sua vida, a ex-jogadora é enfática: “Eu casei através do esporte, meus filhos praticam esporte, o esporte faz parte da minha vida desde os meus 12, 13 anos. Eu tenho muito mais tempo de vida no esporte do que fora dele”.

Família – Foi por meio do esporte que Vanda constituiu família. Casada, há 30 anos, com Eduardo Tormar, ex-jogador de vôlei, ela recorda como se conheceram: “Foi em São Paulo, na campanha *Adote um Atleta*.⁴ A gente não namorou logo no começo, fomos namorar depois de dois anos, quando nos reencontramos”. O casal tem dois filhos, Lucas e Igor. O primeiro treinou vôlei, enquanto o caçula Igor joga basquete pela equipe sub-22 de Curitiba (Paraná). Ciente da importância da família em sua trajetória, Vanda falou sobre um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida, que pôde compartilhar com familiares e amigos: a passagem da tocha olímpica por São Caetano do Sul, no dia 23 de julho deste ano. Uma das condutoras desse símbolo dos jogos na cidade, a ex-jogadora de basquete descreve, emocionada, a experiência: “É uma emoção única, indescritível, porque passa na sua cabeça o porquê de você estar ali, o porquê de você ter sido escolhida para isso. Eu acho que

tem muito de Deus. Passou um filme (*na cabeça*) de toda a minha carreira esportiva. Vários amigos estavam lá me prestigiando. Então, você se sente importante para várias pessoas”.

A união é a característica que se sobressai na família Tormar. De acordo com Vanda, eles sempre realizam atividades ou passeios juntos. Acompanhando e completando a família, estão sua mãe (Adriana), sua sogra (Dirce) e a nora Bruna, esposa do primogênito Lucas. A ex-atleta possui ainda um irmão, Stefano Dal Col Júnior, que mora na Inglaterra, e que, por um período, também jogou basquete.

O legado deixado por seu pai - falecido há 25 anos, conhecido, pelos moradores mais antigos do município, como o senhor Nino da casa de massas - continua vivo em sua caminhada e presente em suas lembranças. Unindo valores herdados de seus pais aos ensinamentos recebidos durante sua carreira esportiva, Vanda Rinalda Dal Col Tormar sedimenta, com a mesma garra com a qual atuou dentro das quadras, os princípios que norteiam sua família, baseados no amor, companheirismo, respeito e união. “O esporte nos ensina a criar valores e a ter respeito um pelo outro”, finaliza ela, com simpatia. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

Referência bibliográfica:

BOURD
IEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Notas:

¹A edição de número 35 da revista *Raízes*, de julho de 2007, teve como tema de sua seção principal a fase áurea do basquete feminino em São Caetano do Sul, destacando, entre outros aspectos e informações, as principais conquistas obtidas no período que vai de 1968 a meados da década de 1970. Os nomes de atletas, técnicos, dirigentes e clubes que protagonizaram essa história estão registrados ao longo dos seis artigos que compõem a seção principal.

²Atilano dos Santos foi escolhido para chefiar a Seção de Educação Física e Esportes, criada para atender parte do Projeto de Desenvolvimento Esportivo (Planesporte), encabeçado durante a segunda gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1973 - 1977). A partir de tal projeto, o segmento do esporte, em São Caetano, ganhou nova configuração e uma estrutura que compreendeu não só um aparato técnico, constituído por diversos profissionais da área, mas também o surgimento de vários centros esportivos, dos quais fazem parte agremiações como o Fundação e o Prosperidade, núcleos, a partir de meados da década de 1970, do basquete feminino sul-são-caetanesense. Para mais informações sobre o Planesporte, consultar: PERDIGÃO, Nelson. Há quatro décadas, o Planesporte dava novo rosto ao esporte de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, p. 76-81, jul. 2014.

³CARVALHO, Cristina Toledo de. A rainha Hortência. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 35, p. 27-32, jul. 2007, p. 30.

⁴O programa *Adote um Atleta* foi idealizado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo. A ideia era oferecer o Centro Olímpico para treinamento de jovens atletas, que seriam patrocinados pela iniciativa privada. No final da década de 1970, adolescentes como Hortência, Amauri, Ricardo Prado, Montanaro e outros, que ficariam mundialmente famosos alguns anos depois, foram beneficiados com um salário mínimo como estímulo para a continuidade de seus treinamentos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Desportiva_Centro_Ol%C3%ADmpico. Acesso em: 31 ago. 2016.

Foto tirada por ocasião da passagem da tocha olímpica por São Caetano do Sul, no dia 23 de julho de 2016. Vanda aparece ao lado da nora Bruna, dos filhos, Lucas (o segundo, à esquerda) e Igor, e do marido, Eduardo Tormar

Zuleica Sein:

um exemplo vivo
de motivação e
amor à prática
esportiva



Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Zuleica Nabiah Dau de Freitas Sein em entrevista cedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Foi atleta das seleções paulista e brasileira de atletismo nos anos 1970 e 1980 e artilheira de vários campeonatos brasileiros e paulistas universitários de handebol como representante de São Caetano do Sul



Em um ano no qual o mundo todo voltou seu olhar para o esporte em destaque no Brasil, por conta das Olimpíadas Rio-2016, é tempestivo que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul volte às suas raízes e faça reverência à história daqueles que estruturaram e desenvolveram o esporte na cidade.

Zuleica Nabiah Dau de Freitas Sein está entre os nomes das brilhantes mulheres que honraram, entre as décadas de 1970 e 1980, por amor e por meio da dor, a cidade de São Caetano do Sul nos esportes. Ex-atleta das seleções paulista e brasileira de atletismo, também fez parte da seleção paulista universitária de handebol, com vários títulos individuais e por equipe.

Natural de Marília (São Paulo), nasceu em 18 de abril de 1953, mas há 34 anos reside na cidade, no Bairro da Fundação. Filha de Álvaro Martins de Freitas Júnior e Milady Dau de Freitas, Zuleica é casada com Beni Sein e têm três filhos, dos quais se orgulha muito: Leonardo, 33 anos, Felipe, 31, e Bruno, 23. Por 16 anos, trabalhou em várias escolas da rede estadual de São Caetano do Sul como professora de iniciação esportiva.

Começou a praticar atletismo na escola e, em 1969, já participava em âmbito competitivo dos Jogos Colegiais de São Paulo, representando a sua cidade natal na época. Guiada por seu espírito desportista, a partir do apoio e incentivo de seus pais, em 1970, mudou-se para a cidade de Santo André, onde iniciou seus estudos.

Formou-se em educação física em 1976 pela antiga FEC do ABC (Faculdade de Educação e Cultura do ABC) e em direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, em 1978. Sempre muito esforçada, Zuleica nos conta como foi esse início e sua rotina de estudos e treinos constantes: “Cursei as duas faculdades

Zuleica Sein no momento da finalização do lançamento de disco, em foto da década de 1970



Acervo/Zuleica Nubinah Dou de Freitas Sein

concomitantemente, uma no período da manhã e outra no período da noite, e ainda trabalhava das 13h às 18h na prefeitura de São Caetano. Entrei na prefeitura na década de

1970, aproximadamente, onde trabalhei por 16 anos e meio. Vim de Marília para morar, estudar e jogar em Santo André. Morava na casa das professoras, que ficava onde hoje é o Detran. Professores pou-savam frequentemente no local e, como era um pouco vazio, os atletas contratados também ficavam lá. Até que ganhei destaque e fui convidada para participar da equipe de atletismo de São Caetano do Sul”.

No atletismo, foi recordista brasileira, campeã

sul-americana de arremesso de disco, campeã brasileira de arremesso de peso e dardo, atleta do Esporte Clube Pinheiros de São Paulo e campeã dos Jogos Regionais e Abertos do Interior por São Caetano do Sul. Já no handebol, foi artilheira de vários campeonatos brasileiros e paulistas universitários, representando São Caetano. Na época, também foi atleta da Associação Desportiva Classista General Motors. “Comecei a jogar handebol mais como uma brincadeira. Na faculdade, fizemos um time para participar de um campeonato universitário e foi aí que comecei e fui convocada. Naquela época, só tinha a seleção paulista, não existia a brasileira, porque ainda não havia o torneio feminino nos Jogos Olímpicos.”

Exposta aos riscos que atletas de alta intensidade estão sujeitos no esporte de rendimento, Zuleica vivenciou, no auge da carreira, a sua mais dolorosa experiência. Em meados dos anos 1970, fraturou o dedo durante o Campeonato Paulista de Handebol, realizado no Estádio do Pacaembu, enquanto defendia a FEC

do ABC contra as Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa). “Estávamos ganhando. Pela força que eu tinha, podia arremessar de qualquer canto que a bola chegava, e eu arremessei uma bola que bateu na forquilha e voltou. Não havia percebido a fratura e quis continuar. Foi uma dor horrível, eu nunca vou esquecer! Mas eu quis continuar. Aí eu mandei o médico imobilizar o meu dedo... Então, eu driblava com a mão esquerda e, na hora de arremessar, eu passava a bola para a mão direita e, assim, ganhamos o campeonato! Mais tarde, acompanhada da minha amiga Norminha, fui levada para o hospital, onde descobri que, na lesão, houve o esmagamento da interfalangeana.”

Zuleica foi encaminhada à cirurgia para colocação de pino e, na tentativa de reparar o alinhamento do dedo, novas cirurgias se sucederam, sem êxito, até a colocação de sua primeira prótese, o que a devolveu os movimentos. Considerando essa experiência como parte integral do desafio que é o esporte e na tentativa de alcançar o seu desempenho



Acervo/Zuleica Nubinah Dou de Freitas Sein

máximo, Zuleica persistiu e voltou a jogar. “Meu dedo começou a encurtar e eu queria voltar a jogar nem que fosse para provar a mim mesma que eu podia! Eu estava na melhor fase da minha vida quando me machuquei. Aí, coloquei a prótese e voltei a jogar. Sofri muito com a fisioterapia, mas voltei e,

Chegada da seleção brasileira juvenil de atletismo na cidade de Cali, na Colômbia, para disputa do Campeonato Sul-Americano Juvenil, em outubro de 1970



Acervo/Zuleica Nabiah Dau de Freitas Seim

quando deu um ano justinho, resolvi parar porque para arremessar precisava de dois dedos e eu tinha medo da minha prótese sair do lugar. Então, eu colocava esparadrapo, fazia a empunhadura com os dois dedos e, assim, conseguia fazer o arremesso.”

Mas a ambivalência do trilhar esportivo fez com que ela encerrasse precocemente sua carreira como atleta no final da década de 1970. Em 1982, Zuleica casou-se e logo teve seus filhos. Hoje, aos 63 anos, apesar de estar em plena forma física, ainda sofre as consequências de sua lesão e planeja agora a quinta troca da prótese. Contudo, apesar das dores e sofrimento, Zuleica deixa claro que faria tudo novamente, pois, enquanto atleta, viveu a melhor fase de sua vida e reconhece que representar a seleção brasileira foi o que a motivou a continuar. “Tenho saudades, porque fui extremamente feliz. Se lembram de mim? Os mais velhos lembram e isso me basta! Só quem é atleta se lembra do atleta, que sabe quem foi, que valoriza a sua passagem... Fui

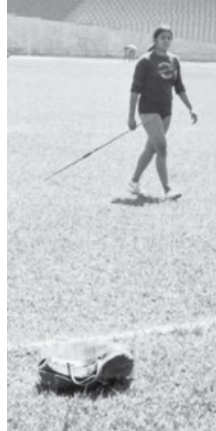
acometida por sérios problemas nas cordas vocais e um tumor de tireoide, por conta disso, hoje me encontro readaptada. Mas só tenho a agradecer! Gostaria que lembrassem de todos os atletas da minha época, não só de mim. Eu tenho o privilégio de ser lembrada pela professora Benta, grande atleta e amiga, pela Detur (*Diretoria de Esporte e Turismo*) e agora por vocês (*Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*).”

Envolvida por suas lembranças, Zuleica destaca a sua participação também em campeonatos como o Troféu Brasil de Atletismo e o Troféu Bandeirantes e, enquanto atuante, participou de todos os Jogos Abertos do Interior e Jogos Regionais por Marília e, posteriormente, por São Caetano. Após um breve levantamento desse curto e intenso período vivido como atleta, ela calcula ter conquistado mais de 200 medalhas. Depois de ficar afastada por 18 anos, Zuleica atualmente é professora de educação física na Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio, em São Caetano.

Todos os obstáculos transpostos e sua paixão pela prática esportiva hoje servem de exemplo e incentivo aos jovens atletas, especialmente a seus alunos. Numa época em que o sucesso, ascensão e vaidade sobrepõem o verdadeiro sentido do esporte, resgatar a história de Zuleica nos faz compreender que a aceitação do limite pessoal é a maior prova de superação que um indivíduo pode ter. (Talita Scotá Salvatori) **R**

Abertura do Campeonato Sul-Americano de Atletismo Juvenil em Cali, na Colômbia. Zuleica está na primeira fila, à direita. Foto de 1970

Acervo/Zuleica Nabiah Dau de Freitas Seim



Treinamento de arremesso de dardo no Estádio Bruno José Daniel, em Santo André. Foto da década de 1970

Acervo/Zuleica Nabiah Dau de Freitas Seim



Equipe de atletismo juvenil da seleção brasileira, em outubro de 1970

Realizada de 5 de julho a 25 de setembro de 2016, a exposição *São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte*, promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, agitou o Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes e fez parte das comemorações das Olimpíadas Rio-2016. Quem visitou o local, posou para fotos no pódio presente na mostra e postou as imagens nas redes sociais com a *hashtag* #saocaetanonasolimpiadas. Confira alguns cliques com atletas, profissionais do universo do esporte e visitantes!



O pódio, presente na mostra, agradou a todos e foi alvo de muitas fotos descontraídas durante a passagem da tocha olímpica por São Caetano do Sul. Sem pensar duas vezes, os alunos vencedores do concurso de redação sobre as Olimpíadas Rio-2016 posaram para fotos no local. Rafaela Oliveira e Giulia Sanoely, ambas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Leandro Klein, e Lucas Parente, da Escola Técnica Estadual Jorge Street, fizeram pose de campeões

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)



Apaixonada por natação, a atleta Cosma Maria Luz de Sousa nada diariamente no Conjunto Aquático Leonardo Sperate, localizado dentro do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Sempre disposta, ela subiu ao pódio e posou para a foto com medalhas e troféus conquistados em competições

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Após conduzir a tocha olímpica, Geraldo José dos Santos, mais conhecido como mestre Gêra, agitou o espaço na companhia de alunos, amigos, familiares e de Walter Figueira Júnior, ex-vice-prefeito e ex-diretor de Esporte e Turismo

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)





Vanda Rinalda Dal Col Tormar, ex-jogadora de basquete, também foi uma das escolhidas para conduzir o símbolo olímpico e marcou presença na mostra sobre os centros esportivos e poliesportivos de São Caetano. Toda orgulhosa, subiu ao pódio e exibiu a tão desejada tocha

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)

Primeira campeã mundial do atletismo brasileiro, a atleta Fabiana Murer coleciona inúmeras medalhas conquistadas em competições nacionais e internacionais na modalidade salto com vara. Bem-humorada, ao visitar a exposição e fazer fotos no pódio, lembrou que treinou por mais de 15 anos na sede do Clube de Atletismo BM&FBOVESPA, localizada no Bairro São José

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)





Apaixonadas por esportes, as guardas civis municipais Marina Alves, Patrícia Candido e Monica Faggi, todas campeãs da 8ª edição das Olimpíadas das Guardas Civis Municipais do Estado de São Paulo, marcaram presença na exposição e mostraram o quanto amam a adrenalina da prática esportiva

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Com uma coleção de medalhas conquistadas em competições mundiais, integrantes da equipe do tênis de mesa de São Caetano visitaram a mostra. Da esquerda para a direita, observam-se: Gustavo Tsuboi, Bruna Yumi Takahashi, Caroline Kumahara e Cazuo Matsumoto

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)



Personagens importantes da história, e para motivação esportiva, em São Caetano, também subiram ao pódio. Da esquerda para a direita, estão: a atual secretária municipal de Esporte, Maria Aparecida Benta Apone, o professor de educação física e ex-diretor de Esporte, Walter Figueira Júnior, e a presidente da Fundação Pró-Memória, Sonia Maria Franco Xavier

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Campeãs no Campeonato Sul-Americano de Ginástica Rítmica (2015) e no Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica (2015) e segundo lugar no Gymnasiáde, na Turquia (2016), as integrantes da equipe de ginástica rítmica da Serc São Caetano subiram no pódio da exposição. Da esquerda para a direita: Thainá Ramos, Melanie Casagrande, Milena dos Santos Hissnauer, Eduarda Aragão e Gabriela de Faria

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



O enxadrista Douglas Jen prestigiou a mostra. Sete vezes campeão municipal (de 1994 a 2011), representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos (1999), foi vice-campeão no Campeonato Municipal Blitz de Xadrez (2015) e campeão do Torneio de Outono de Partidas Rápidas do Clube de Xadrez de São Caetano do Sul (2016)

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Evandro Silvestre, jogador de xadrez há 30 anos, já conquistou o segundo lugar no Campeonato Interno do Clube de Xadrez e a terceira posição no Torneio da Consciência do Xadrez (2015). Ao comparecer à mostra, reforçou alguns pilares da modalidade: técnica e criatividade

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Muitas pessoas brincaram no pódio presente na exposição *São Caetano: uma cidade com vocação para o esporte*, a exemplo das crianças e dos alunos da Escola Municipal de Ensino Professor Vicente Bastos

Reprodução/Sacha AC
Reprodução/Wany Camillo
Reprodução/Heloisa BM



Aurea Bálamo Falzetta e Genny Flosi Pascon integraram a primeira equipe de basquete feminino de São Caetano do Sul, formada no início da década de 1950. Sob a orientação dos técnicos Antonio Marconi e José Crivelaro, o grupo treinava e jogava pelo São Caetano Esporte Clube. Aurea chegou a participar de duas edições dos Jogos Abertos do Interior, em 1952 e 1954. Ainda na década de 1950, encerraram suas carreiras esportivas em função do trabalho e da família. O que elas não esperavam é que muitos anos depois iriam se reencontrar na Universidade Aberta à Terceira Idade (Uati), da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Na foto abaixo, observa-se a formação completa da equipe de basquete. Aurea veste a camisa 10 e Genny, a 17. Na imagem acima, a dupla posa ao lado de Carmem Sanches, professora da Uati, que proporcionou o encontro surpresa entre as ex-jogadoras, que concederam entrevista à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no dia 28 de setembro de 2016

Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)
Acervo/Genny Pascon

Narciso Ferrari

O início da contabilidade em São Caetano do Sul

Não é possível definir uma data precisa para o início das atividades dos escritórios de contabilidade em São Caetano do Sul. Nos cartórios ou no Conselho Regional de Contabilidade, não há nenhuma inscrição, pois os contratos de sociedade que constituíam as empresas eram de “gaveta”, isto é, sem registro em cartório.

As grandes indústrias instaladas na cidade, como a Cerâmica Privilegiada, Giorgi, Picossi & Cia, Refinadora de Óleos Brasil, Pamplona, Sobrinho & Cia e outras, contratavam os chamados guarda-livros (profissionais que faziam o registro da contabilidade das empresas, atualmente substituído pelo técnico em contabilidade). As pequenas indústrias e estabelecimentos comerciais utilizavam escritórios de Santo André e Ribeirão Pires.

Os profissionais de contabilidade, como eram chamados, tinham autorização do Instituto Paulista de Contabilidade, que exigia que eles tivessem caligrafia legível e que falassem corretamente as línguas portuguesa e francesa.

O primeiro escritório contábil da região do ABC foi fundado em 1912, em Ribeirão Pires, pela italiana Maria Ferigato Menato, que fazia, de maneira autônoma, escrita de pequenos comerciantes e indústrias, especialmente de lenhadores e olarias, que enviavam essas mercadorias para a Baixada Santista, pela Estrada de Ferro São Paulo Railway. No seu escritório, funcionava



também uma espécie de cooperativa dessas atividades. Posteriormente, na década de 1940, seu filho Ernesto (conhecido como Remo) assumiu o escritório. Em 1951, o filho Euclides une-se ao irmão e, juntos, criam a Organização Contábil Menato. No ano seguinte, Ernesto, neto de Maria, passa a trabalhar com a família. Marcelo, bisneto da matriarca, entra no negócio em 1982. Atualmente, neto e bisneto comandam a Conteto Serviços Contábeis, no mesmo local.

Em Santo André, no início dos anos 1900, havia escritórios de Mario Rocco, José Ramalho, Lívio Xella, Francisco Maria Zanei e Costa & Costa. O despachante Candinho e seu irmão também exerciam atividades de escritório, despachante e contabilidade. Desde 1952, Zoilo de Sousa Assis e seus filhos comandam o escritório Atlanta Contabilidade Ltda..

Verino Segundo Ferrari, proprietário de escritório de contabilidade em São Caetano. Formou-se em contabilidade em 1934. Foi um dos fundadores do Banco Real do Progresso

Os documentos fiscais das indústrias e estabelecimentos comerciais de São Caetano eram levados para esses escritórios por José Mariano Garcia Junior, o Jucão, funcionário da Estrada de Ferro São Paulo Railway, que também entregava no cartório civil os registros de nascimentos, por isso, um cidadão que nascia em determinada data podia ser registrado em outra, 15 ou 20 dias depois. Também auxiliavam nesse serviço Sebastião Antonio da Silva e José Américo Garcia, funcionários da Prefeitura Municipal de Santo André, que fiscalizavam as olarias e outros contribuintes de impostos da localidade.

A fiscalização era tarefa fácil, pois as empresas não contavam com registros de empregados e, tampouco, havia órgãos como a Vigilância Sanitária e outros, assim, os fiscais não tinham muito o que exigir, considerando ainda que as ruas não possuíam calçamento, não havia água encanada e os habitantes serviam-se de água de poço, sem análise, ou das várzeas dos Parente ou Ferrari.

O primeiro escritório de contabilidade da cidade foi fundado por José Giardullo, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube, e por seu sócio, Paschoal Walter Byron Giuliano, ex-presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, no final da década de 1920. Localizado na Rua João Pessoa, tinha como uma das atividades receber e vender terrenos da sua família, chefiada por seu pai, o cavalheiro Ernesto Giuliano. Posteriormente, Verino Segundo Ferrari e Américo Previato abriram um escritório contábil na mesma rua, mas logo se separaram. Ferrari continuou no mesmo local, e Previato estabeleceu-se no andar de cima da Casa Carioca (onde comecei a trabalhar como *office-boy*).

Walter Thomé, sobrinho de Ferrari, e José Verticchio trabalharam com ele também como *office-boys*. No andar superior da Casa Carioca, existiu outro escritório, de Lauro Garcia, que foi deixado para seu irmão Lauriston Garcia. Outros escritórios vieram em seguida, como os de Henrique Siqueira, Giacomo Benedetti, Giacomo Gar-

belotto, Carlos Klay e Faustino Pompermayer, Pascoal Fortunato, Ataliba da Silva, João Rela Filho, Teodosio Matielo e Daniel Giardullo, sucessor de seu irmão José Giardullo, todos anteriores a 1950.

Em 1938, a recém-fundada Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul contava com Nicola Perrella, secretário, para fazer as escritas. Os escritórios dependiam dos postos da Receita Federal e da Delegacia do Imposto de Renda, que ficavam localizados em Santo André, e mantinham fiscais para consulta. Um deles, Afonso S. F. Castelano, foi fundador da revista *Fisco e Contribuinte* (as quais tenho todas as edições), na metade da década de 1950. Ele era profundo conhecedor de imposto de renda, e sua esposa, Altair, de imposto de consumo (hoje IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados) e de *ad valorem* (expressão latina que significa conforme o valor), selagem direta para cigarros, móveis e calçados.

Os livros contábeis e fiscais eram escriturados manualmente e exigiam caligrafia legível. Eram utilizadas canetas-tinteiro, canetas com pena mosquito e mata-borrão. Os profissionais, em sua grande maioria, eram formados na Escola Técnica de Comércio 30 de Outubro, na capital, com os professores Derville Allegretti, sua esposa, Aurora, e o professor Paulo Lauro, ex-prefeito da capital (1947 - 1948) e, para melhorar a caligrafia, havia o professor Franco. As máquinas, todas manuais, eram das marcas *Remington*, *Facit* e *Olympia*. Depois, já na metade da década de 1950, passou-se a utilizar o diário copiativo (sistema de reprodução por decalque), datilografado e usado com gelatina. Em seguida, apareceu a ficha tríplice e, posteriormente, veio a informática. O nosso escritório, Elos Narciso Ferrari, hoje com 50 funcionários, é o mais antigo da cidade ainda em atividade, tendo sido fundado em 10 de janeiro de 1954. **R**

NARCISO FERRARI

É EMPRESÁRIO E PROPRIETÁRIO DA ELOS NARCISO FERRARI. FOI PRESIDENTE DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE DE 1960 A 1965.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

José Giardullo: fundador de um dos primeiros escritórios de contabilidade na cidade

Priscila Gorzoni

De São Caetano do Sul a Tabatinga, no Amazonas

Foto/Priscila Gorzoni (FPMSCS)



Adalmir Silva, 72 anos, taxista há mais de 40 anos do ponto do Bairro Nova Gerty

Quando penso no taxista mais aventureiro que conheci durante a série de entrevistas com motoristas de São Caetano do Sul para a realização da exposição *História dos motoristas: narrativas em quatro rodas*, promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul entre os dias 9 de setembro e 11 de outubro de 2016 no Espaço Cultural – Casa de Vidro, lembro-me imediatamente de Adalmir Silva, 72 anos, taxista há mais de 40 do ponto de táxi do Bairro Nova Gerty.

Silva nasceu em Jaborandi, no interior de São Paulo, e veio para São Caetano em 1968. Assim que chegou com a família, instalou-se no Bairro Olímpico e de lá nunca mais saiu.

A profissão de taxista apareceu em sua vida por acaso. Era motorista do dono da Padaria Nova Iorque, localizada na Avenida Paraíso, e, em frente, havia um ponto de táxi, mas Silva não tinha condições de comprá-lo, por isso se oferecia como prestador de serviço. Com esse trabalho, surgiu a oportunidade para atuar como motorista na General Motors, e foi por meio dessa empresa que ele fez uma das maiores viagens de sua vida. “Fui de São Caetano do Sul até Tabatinga, no Amazonas, e ganhei muito dinheiro. Levei 75 dias nessa viagem, usei carro, avião e barco. O trabalho foi pago por uma empresa de Brasília e pelo Ministério dos Transportes. Você imagina onde é Tabatinga?! De Manaus até lá, são 17 dias de barco, é na divisa do Brasil com a Colômbia e o Peru. Eu fui viajando por rodovias e rios, foi uma

viagem gostosa, vi muitos jacarés e macacos, uma beleza. Passei na mansão da Miss Brasil (*de 1954*) Martha Rocha”, narra. Quem ouve Silva contar sobre sua trajetória aventureira acaba se encantando: “Sair para o mundo é muito bom, conheço o Brasil inteiro”, conta.

Mais do que qualquer uma de suas aventuras nesses 40 anos de táxi, o motorista considera a viagem a Tabatinga como a sua vivência mais relevante, e, sem dúvida alguma, ele tem toda a razão.

Uma aventura no meio da mata – Silva tinha 30 anos quando realizou a viagem a Tabatinga. Ele conta que foi de navio até Belém (Pará). “Passei primeiro pelo 1º Bis (*Batalhão da Infantaria da Selva, em Manaus*) e, depois, segui para o 1º Batalhão de Tabatinga, e fiquei na cidade de Letícia, na Colômbia. Fiz muita amizade e me diverti”, relata.

O que não faltam dessa viagem são boas lembranças, entre elas, destaca poder ver os animais, as plantas exóticas e os habitantes da região. “Peguei a planta vitória-régia na mão, nadei no Rio Madeira, no (*Rio*) Solimões, comi alimentos exóticos. Tenho muita vontade de voltar”, conta.

Outra situação que o marcou aconteceu em uma cidade chamada Tocantinópolis (Tocantins). “Sem querer, atropelamos uma ema. Era um grupo de quatro, todas grandes e, por sorte, não matamos nenhuma. Uma delas chegou a cair, então, passamos barro na perna dela e a soltamos. Ela saiu correndo e sumiu na mata. Depois, demos de cara com um enxame de abelhas. Acendemos o farol, fechamos todos os vidros e passamos de carro no meio delas. Se uma entrasse no carro, nos matava”, relata.

A compra do ponto de táxi - A viagem a Tabatinga rendeu o dinheiro necessário para a compra do ponto de táxi e de um carro, em 1974, e, depois disso, Silva nunca mais largou o serviço de taxista. “Faço de sete a 12 viagens por dia e, assim, consigo manter a minha família tranquilamente”, conta.

No táxi, Silva escuta muitas histórias, por isso, costuma dizer que o carro se torna um confessionário: “A gente ouve muita coisa, é gostoso escutar essas conversas. Tem gente que quer se soltar, se abrir, e é muito bom, pois a pessoa que trabalha com isso não envelhece. O ideal no táxi é manter o respeito, a educação e tratar bem o passageiro”, relata.

Sobre medos, o taxista diz não ter nenhum, até porque já foi assaltado várias vezes, sendo inclusive baleado durante um assalto. “Fui ajudar uma mulher grávida no Heliópolis, em São Paulo, e quando avisei que o preço era outro, o sujeito que estava com ela retirou o revólver e me deu um tiro na perna. Mas faz parte, trabalhar é isso. Já vivi muitas aventuras e adoro. Não pode ter medo das coisas”, finaliza. **R**



PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA, PESQUISADORA E HISTORIADORA. FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP DE SÃO PAULO E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. AUTORA DE *ABRE AS PORTAS PARA OS SANTOS REIS* (2007), *ANIMAIS NAS BATALHAS* (2010) E *OS BENZEDORES QUE BENZEM COM AS MÃOS* (2010).

Mariana Zenaro

Garoa, consertos de guarda-chuvas:

um ofício peculiar
ainda vivo em São
Caetano do Sul

O guarda-chuva: artefato tão singular e cheio de histórias - Deve haver um universo paralelo para onde vão objetos esquecidos por seus proprietários em lugares públicos, como trens, metrô e ônibus, ou ainda em restaurantes e cinemas. Essas peças, deixadas aqui ou acolá por displicência dos dias corridos, muito comumente são guarda-chuvas, um acessório incômodo, que sempre nos faz falta nos momentos indesejáveis, como quando daquelas chuvas torrenciais. Apesar disso, é companheiro inseparável dos britânicos e abrigo em dias ensolarados ou de aguaceiros que nos pegam de surpresa.

Os guarda-chuvas, ao contrário dos guarda-sóis, tendem a ser fabricados com materiais leves a fim de que possam ser facilmente transportados, mesmo quando abertos. O tecido protetor é atualmente feito de diversos materiais impermeáveis.

Hoje são efêmeros, os temos e perdemos, de maneira desapegada, pois sabemos que haverá logo ali um vendedor ambulante para nos empurrar uma sombrinha chinesa que nos so-

Foto/Mariana Zenaro



correrá momentaneamente. Mas um objeto tão prosaico como este tem longa história. Para além da função de proteger o indivíduo de intempéries, é um artefato de uso cultural, fazendo parte de tradições artísticas, tal como o emblemático Carnaval de Olinda (Pernambuco), sendo acessório de ritmadas e contagiantes danças.

Apesar de sua origem incerta, o guarda-chuva - ou sombrinha - é uma invenção muito antiga. Sabe-se que no século 12 a.C. já era usado pelos chineses. Os registros mais remotos que se conhecem são da Mesopotâmia, região do atual Iraque, sendo que, há 3,4 mil anos, os artefatos lá encontrados tinham a função de proteger a cabeça dos reis contra o sol, já que a chuva era raridade naquele lugar. Assim como os abanos, eram feitos de folhas de palmeiras, plumas e papiro. No Egito, adquiriram significado religioso. Os antigos egípcios acreditavam que a deusa Nut protegia a Terra com o seu corpo, como se fosse uma grande sombrinha. Durante muito tempo, o guarda-chuva foi visto como objeto de função

Paulo César Correia Leite ostenta sua marca 'Garoa: consertos de guarda-chuvas e guarda-sóis' em sua oficina, na Rua Amazonas, nº 353, em São Caetano do Sul, onde trabalha desde 1993. Seu lema é: 'Na minha oficina, guarda-chuva bonito é garantia de sorriso no rosto do cliente'

cerimonial, sendo utilizado para cobrir as divindades e a realeza em procissões e eventos de grande significado espiritual. Na Índia e na China, a sombrinha representava a abóboda celeste. Esse aspecto “divino” chegou a ser praticado no cristianismo, pois nas cerimônias litúrgicas existiam sempre dois indivíduos que seguiam à frente do Papa a segurarem guarda-chuvas: um aberto, representando o poder atemporal, e outro fechado, simbolizando o poder espiritual.

Foram os chineses e os japoneses que mais contribuíram para a adoção desse artefato como simples acessório de proteção das chuvas e do calor, sem lhe atribuir valores subjetivos. Destituída de valores simbólicos, a sombrinha foi amplamente utilizada na Grécia e na Roma da antiguidade como artigo exclusivamente feminino. Em Roma, era comum as senhoras saírem acompanhadas por um escravo (o chamado ombrelífero) que tinha a função de protegê-las com sombrinhas, normalmente adornadas com ouro e marfim. Durante o medievo, o guarda-chuva desapareceu, reaparecendo na Renascença, apesar de seu uso ser muito limitado, sendo feito em couro e com pesados cabos de madeira, podendo pesar em torno de dois quilos.

Mas a partir do momento em que os jesuítas introduziram a seda na feitura dos guarda-chuvas, tudo mudou. Nos fins do século 17, em Paris, começou-se a refinar o conceito desse acessório: melhorou-se o formato e criou-se a distinção entre guarda-chuva e guarda-sol. O guarda-sol passou a ser peça indispensável para mulheres da época. Essa nova utilização deu origem às sombrinhas adornadas com bordados em seda, de ar muito leve, para garantir um recato aos alvos rostos durante os passeios ao sol. Só no século 18, a obstinação do comerciante inglês Jonas Hanway, um apaixonado por guarda-chuvas (versão inglesa do guarda-sol tropical), conseguiria torná-los dignos também de cavalheiros.

Hanway foi o primeiro londrino – e talvez o primeiro cidadão inglês – a andar diariamente com um guarda-chuva, que utilizava para se proteger do sol e da chuva. Embora ridicularizado em vida, após sua morte, em 1786, os ingleses aceitaram sair à rua munidos do acessório.

A sombrinha espalhou-se por todo o mundo, tendo se transformado em objeto de grande simplicidade e utilidade. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a tecnologia desenvolveu modelos aprimorados, como os guarda-chuvas dobráveis e com coberturas impermeáveis de náilon, poliéster e plástico. Ainda hoje, existem lojas que produzem modelos caros, com acabamentos artesanais. Mas quem se sobressai é a produção serial, de baixo custo, de todas as cores, tamanhos e modelos, que vão desde os enormes guarda-sóis de praia até as pequenas sombrinhas dobráveis de 15 centímetros e que cabem facilmente numa bolsa. Encontramos no mercado muitos desses utensílios produzidos na China, muitas vezes sendo quase descartáveis, que mal suportam uma só tempestade.

Garoa, consertos de guarda-chuvas: um ofício incomum - Paulo César Correia Leite é um dos últimos moicanos na artefaria e conserto de guarda-chuvas. Conhecido pela alcunha de Garoa – em referência à chuva miúda que caracterizava o clima da cidade de São Paulo nos tempos de outrora –, há mais de duas décadas trabalha em sua oficina, situada na Rua Amazonas, nº 353. Paulo César nasceu em Estrela D’ Oeste, no extremo oeste do Estado de São Paulo, em 10 de maio de 1956. É filho de Rosalino Correia Leite, nascido na mesma cidade, em 1917, e da dona de casa Augusta Oliveira Leite, também nascida em 1917, ambos já falecidos. Têm cinco irmãos: Nadir Correia Leite, Leonice Correia Leite, João Carlos Correia Leite, Valdeci Correia Leite e Zilda.

Paulo César e o irmão Valdeci aprende-

ram o ofício com o pai. Trabalharam numa fábrica de guarda-chuvas em Fernandópolis (São Paulo) na década de 1960. Antigamente, os jovens começavam a trabalhar bem cedo para ajudar na renda familiar, e foi aos 14 anos que Paulo César conheceu a fabricação desse artefato tão singular. A numerosa família Leite mudou-se para a Vila Alpina, na capital paulista, quando Paulo César ainda era garoto, e, posteriormente, fixou residência em Santo André, porque o patriarca havia sido admitido na fábrica de pneus Pirelli, na década de 1960. Após aposentar-se, Rosalino se

Foto/Mariana Zenaro



dedicou a consertar guarda-chuvas. Casado com Euci de Almeida Leite, Paulo César tem quatro filhos: Rafael (consultor financeiro); Leandro (formado em logística, trabalha na área em uma

empresa, em São Paulo, e foi a quem o pai ensinou a consertar guarda-chuvas); Jéssica (técnica em radiologia e trabalha no Hospital Samaritano, na capital paulista) e Melissa (a “temporão”, como se refere o pai amoroso, que, desde criança, o acompanhava em sua oficina).

Paulo César parou de trabalhar com guarda-chuvas para se dedicar ao fabrico de bolsas e só voltou à antiga atividade em 1993, quando abriu sua oficina em São Caetano do Sul. Garoa explica a singularidade de sua profissão: “Fabricar e consertar guarda-chuvas não se aprende em cursos profissionalizantes, aprende-se de pai para filho. Dos anos 1990 até agora, a maioria das fábricas nacionais de guarda-chuvas foi fechada, por causa da abertura ao mercado chinês. Primeiramente, os produtos chineses, que são produzidos com mão de obra muito barata ou até escrava, entravam no mercado brasileiro

via Paraguai. Depois, o mercado se abriu para a China sem qualquer medida de proteção à indústria interna, que não consegue competir nas mesmas condições produtivas e tributárias. As sombrinhas chinesas são produzidas no próprio navio, durante a travessia do oceano e chegam prontas quando a embarcação aporta no Brasil. Uma boa sombrinha, para ser produzida na indústria nacional, sairia em torno de R\$ 30 a R\$ 40, já na fabricação chinesa, cada peça custa em média R\$ 10. Por

isso, muitas fábricas brasileiras faliram. Estamos falando de quantidade e baixo custo, e não de qualidade. As sombri-

nhas brasileiras tinham qualidade, só perdiam para as japonesas e italianas, porém as chinesas, em sua maioria, são praticamente descartáveis. Hoje é difícil concorrer com os ‘olhinhos puxados’”.

E completa: “Precisei me adequar a essa situação. Aqui sou um especialista, porque sou o último. Como esses guarda-chuvas são importados, as peças não são vendidas separadamente. Para recondicionar, preciso comprar um guarda-chuva similar e, assim, reconstituir outros. Aproveito o tecido de uma sombrinha de mesma medida, uso as varetas para outro conserto e, assim, vou reconstituindo peça por peça. É a única maneira de eu continuar em atividade. Há pessoas que trazem guarda-chuvas que foram do pai, do avô, que têm uma história de família, há

Garoa, como é conhecido, executando mais um dos milhares consertos de guarda-chuvas que já fez em sua oficina

quem deposite uma memória afetiva no objeto.



Foto/Mariana Zenaro

Paulo César Correia Leite e René Silveira Franco, cliente de Garoa há mais de dez anos, que sempre sai da oficina satisfeito com o serviço realizado

A partir do momento em que as pessoas trazem um guarda-chuva para mim, além de eu receber pelo meu trabalho, sinto-me útil. Ainda bem que tem muita gente que quer consertar os guarda-chuvas. Também presto serviço para empresas que trabalham com guarda-sol. Graças ao bom Deus, não posso reclamar de falta de trabalho. Quando chove, faz fila para eu consertar os guarda-chuvas. Conserto, em média, 30 peças por dia. Eu cobro cerca de R\$ 10 por peça, que pode levar uns 15 minu-

tos para o trabalho ser executado, mas pode ter casos que levem um pouco mais de tempo, por requerer maior empenho. Havia um fabricante de guarda-chuvas na Vila Prudente, que encerrou suas atividades em 2004, cujo proprietário era Vicente Vitor Bany, e de quem comprei todas as peças remanescentes. Ele se tornou distribuidor de sombrinhas chinesas e eu uso os antigos modelos para customizar e recondicionar as peças que me trazem. Dá para viver dos consertos de guarda-chuva. Então, continuar a fazer isso me traz muita satisfação, além de ser uma forma de obter meu sustento, de ganhar meu dinheiro honestamente”.

Paulo César também é grato a Mercedes M. O. Balaguern, que lhe ajudou a ter a oficina na Rua Amazonas, como recorda: “Considero a dona Mercedes minha fada madrinha. Ela foi proprietária de uma fábrica de guarda-chuvas, que funcionou por 35 anos aqui em São Caetano, na Rua Amazonas, nº 357, onde hoje sua filha, Rosely F. Fergantini, tem uma loja

de produtos para artesanato e também vende guarda-chuvas, para contentar a antiga clientela. A fábrica encerrou as atividades em 1995. O senhor Vicente Bany, quando encerrou as atividades da sua fábrica, vendia as sombrinhas para a loja da dona Mercedes. Ela também possuía um espaço para consertos, onde outra pessoa fazia os reparos, então ela passou o espaço para eu trabalhar”.

Garoa trabalha sozinho, tentou admitir ajudantes, mas seus clientes não ficaram satisfeitos: “Trabalho sozinho. Já tentei colocar funcionário aqui para me auxiliar, mas não funcionou. Quando eu recondiciono uma peça, faço uma manutenção completa, para sair bonito, e o cliente sair daqui satisfeito e eu também me sentir bem. Essas pessoas que eu contratei só faziam o reparo simples, o que deixava os clientes muito insatisfeitos”. René Silveira Franco é cliente de Garoa há mais de dez anos e sempre sai da oficina satisfeito com o serviço: “Paulo César é um excelente profissional. Não há erro em deixar nossas sombrinhas com ele. Ele trabalha com muito esmero”.

Talvez Garoa seja o último dos moicanos. Até mesmo a garoa, característica típica de São Paulo, é coisa de antigamente. Ninguém mais aprendeu o segredo de seu ofício, além do filho Leandro, que escolheu outra profissão. Seu sonho é um dia poder ter uma fábrica de guarda-chuvas, mas hoje é feliz por saber de sua distinção: “Em matéria de sombrinhas, sou um artista”. **R**

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA, HISTORIADORA, PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E PÓS-GRADUANDA EM ARTE: CRÍTICA E CURADORIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP).

As histórias inusitadas de seu Fuzeto

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



João Fuzeto Filho, 64 anos, guarda civil de São Caetano do Sul há 26 anos

Não são poucas as histórias que João Fuzeto Filho, 64 anos, coleciona em sua função de guarda civil municipal de São Caetano do Sul há 26 anos.

Desde a infância, a vida de seu Fuzeto, como se tornou conhecido em toda a cidade, é só aventura. “Quando era criança, meu pai vivia querendo me bater, porque eu era muito rebelde. Sempre aprontei”, conta.

Fuzeto teve uma vida simples em Martinópolis, no interior de São Paulo, onde viveu com os pais, João Fuzeto e Jandira Pereira, e os quatro irmãos. Sua vida se resumia a trabalhar na roça, tratar e brincar com os animais e amansar os cavalos. Os pais plantavam e criavam ani-

mais para a sobrevivência da família. Tudo o que precisavam era retirado do quintal.

Com o tempo e as dificuldades financeiras, seus pais optaram por tentar a vida em São Paulo, para onde se mudaram em 1975. Ao chegar, a família seguiu direto para a Vila Ema. “Moramos com um irmão, que já estava aqui”, explica. Na capital paulista, Fuzeto conheceu a mineira Malvina Santos Fuzeto, com quem se casou, teve um filho, Ricardo, e com quem vive até hoje.

O primeiro trabalho de Fuzeto foi em uma fábrica, na Vila Ema. Na empresa, passou por várias funções, entre elas a de operador de máquina, na qual não permaneceu por muito tempo porque suas pernas doíam. “Fui ao médico, que me disse que, se não mudasse de profissão, não iria (*nem chegar a*) me aposentar”, relata.

Nessa época, com o objetivo de conseguir uma nova ocupação, começou a fazer curso de tiro e a trabalhar como vigilante particular, cargo que ocupou por oito meses. Foi com essa experiência que conseguiu ingressar na Guarda Civil Municipal. Na época, tinha 34 anos, e, para sua sorte, a concorrência do emprego era bem menor do que hoje. “Era uma época boa para trabalhar na guarda, porque não tinha muita gente. Entraram comigo apenas mais sete candidatos. Atualmente, desse grupo, só restaram eu e mais um colega”, conta.

Fuzeto lembra que, antigamente, a postura do público em relação aos guardas era bem diferente da atual. As pessoas os respeitavam mais, não existiam tantas leis e reclamações da categoria.

Para conseguir uma vaga na Guarda Civil Municipal, Fuzeto possuía algumas vantagens sobre os demais candidatos, a exemplo do curso de vigilante particular. Nele, o guarda aprendeu a manusear armas. Como não tinha habilitação de motorista, precisou tirá-la, pois era necessário saber dirigir.

Em busca de seu objetivo, foi até um posto da guarda, que ficava no terminal rodoviário, e conversou com um policial. Depois de contar sobre sua vida e do desejo de trabalhar na instituição, o policial escreveu uma carta de recomendação a ele. “Indicou-me levá-la ao setor da Guarda Civil Municipal, que ficava na prefeitura. Lá, eu entreguei-a ao professor José Gato, responsável do setor na época. Ele conversou comigo e disse que, por ele, eu já estava aprovado, mas me pediu para voltar para uma entrevista. Voltei no dia marcado, fiz testes e, como já sabia atirar, me saí bem em tudo. Disse que gostava de trabalhar à noite, porque ninguém queria (*esse período*), então achei que teria mais chances. Como precisava de dinheiro, nenhuma dificuldade que ele me apresentasse iria me assustar”, afirma.

A fim de comprovar a vontade de Fuzeto para o trabalho, o mandaram fazer a vigilância do Centro Esportivo e Recreativo Victório Dal’Mas - Santa Maria. “Antes, passei por vários testes e, em um deles, me perguntaram o que eu faria se escutasse um barulho à 1h da manhã no clube. Todos os guardas responderam que acenderiam a luz, mas falei que não, porque se fizesse isso, o ladrão me veria e atiraria em mim. O coordenador gostou da minha resposta e, então, me colocou para guardar o local”, conta.

Dos vândalos do Clube Santa Maria ao nascimento em um carro - O clube era considerado um dos piores locais para os vigilantes cuidarem na época, porque diziam que havia um grupo que entrava de madrugada e jogava os guardas dentro da piscina.

Contudo, Fuzeto precisava muito trabalhar, por isso, não vacilou e aceitou o desafio. Como tinha experiência com armas, nada podia ameaçá-lo. “Em uma noite, vieram 15 homens e tentaram me jogar na piscina, só que não conseguiram, porque eu dei uns tiros e eles correram de medo. Nessa época, eu era bem jovem, tinha 36 anos. Fiquei durante alguns anos como guarda do clube. Mais tarde, me mandaram para a rua, me colocaram para fazer a guarda da rodoviária e do pronto-socorro, que ficava na Rua Vital Brasil Filho.”

Foi neste último local que Fuzeto viveu as histórias mais inusitadas de sua vida. Ele aprendeu muitas coisas, até mesmo a socorrer pessoas. “Eu chegava às 5h da manhã no trabalho, era uma escuridão que só Deus, e, naquela época, era só eu cuidando de todo o local. Então, aconteceram muitas coisas comigo lá. Algumas me marcaram”, conta.

A mais marcante envolve um rapaz que estava internado por problemas psiquiátricos. Deixaram-no aguardar do lado de fora do pronto-socorro. “De repente, eu escutei uma gritaria e me cha-

maram. Quando vi, ele havia se atirado lá de cima da rampa, e aberto a cabeça. Quando caiu, estava cheio de gente, todo mundo olhando e os ‘miolos’ dele espalhados pelo chão, *(havia)* muito sangue. Ninguém tinha coragem de pegar o rapaz. E o pior era que a maca não descia até onde estava o corpo e, então, eu tive de pegá-lo no colo e subir a rampa, para que o médico pudesse passar a faixa na cabeça dele. Mas, assim que terminaram de passar a faixa, ele deu um último suspiro e morreu”, relembra.

Outro caso que marcou Fuzeto foi o nascimento de um bebê dentro do carro. “Era de madrugada quando um homem chegou dirigindo um carro antigo e passou na frente do pronto-socorro. Saiu gritando que a cunhada estava tendo o bebê, e perguntava pelo médico. Eu expliquei que os médicos estavam lá dentro, mas que ele precisava descer a mulher do carro para a colocarmos na maca. Quando abri a porta do veículo, a mulher já es-

tava ‘ganhando’ a criança. O menino nasceu ali, dentro do carro e eu fiquei muito emocionado, foi chocante.”

O guarda conta que aprendeu muita coisa no pronto-socorro, vendo as enfermeiras desempenhando suas atividades e as defendendo dos ataques de pacientes com problemas mentais. Não era fácil, mas serviu como uma escola para ele.

Um estranho no terminal rodoviário e o caso da garça do Parque Botânico e Escola Municipal de Ecologia Presidente Jânio da Silva Quadros – Anos depois, Fuzeto foi trabalhar no terminal rodoviário da cidade e também passou alguns momentos delicados. “Eu ficava a madrugada inteira sozinho, fazendo a vigilância. Fazia ronda na parte de baixo e na de cima. A lanchonete ficava aberta até 1h da madrugada. Eu conhecia todos os motoristas. Um dia, um dos ônibus chegou ao ponto final e um senhor de capa desceu, mas tinha um rapaz lá dentro que

não queria descer. Eu o fiz sair à força, ele estava drogado e saiu correndo. Mas o senhor de capa estava armado, logo percebi e tive receio, pois não sabia que era um policial à paisana. Até descobrir, passei muito medo, pois pensei que pudesse ser um bandido que estava com o outro rapaz”, explica.

Naquela época, a Guarda Municipal não tinha rádio e nem viatura para dar apoio aos funcionários, por isso, os guardas tinham de resolver os problemas sozinhos. Depois do terminal, Fuzeto ainda trabalhou em outros locais, como na Cidade das Crianças e no Parque Botânico e Escola Municipal de Ecologia Presidente Jânio da Silva Quadros.

No primeiro, lembra que teve que fazer um salvamento e, graças a ele, o homem sobreviveu. Durante a ronda, viu uma viatura parar e os guardas correrem para uma das casinhas que ficava dentro da Cidade das Crianças. “Eles tentavam socorrer um funcionário que tinha pressão alta e havia comido demais, e isso lhe fez mal. Ele engasgou e caiu de bruços. Quando cheguei e o vi dessa forma, utilizei minha experiência de pronto-socorro, o levantei e fiz massagens na barriga dele, que soltou a carne que estava entalada na garganta e sobreviveu”, relata.

No Parque Botânico, a história mais engraçada de Fuzeto envolve o salvamento de uma garça. “Uma vez, uma garça fugiu do parque e foi parar no cemitério da Estrada das Lágrimas, que fica ao lado. Ela era grande e corria muito, era difícil pegá-la e só tinha eu para fazer isso. Corri no cemitério atrás dela, até que consegui pegá-la com cuidado e levá-la de volta”, diz.

Fuzeto afirma que sua vida daria um livro. Mas, antes de escrevê-lo, o guarda deseja se aposentar e voltar para a roça, para as suas raízes. (Priscila Gorzoni) **R**

Leonilda Verticchio

ALEXANDRE: UMA VIDA DE AMOR À MÚSICA

Orquestra Alegria Jazz durante apresentação no Clube Monte Alegre. Alexandre Verticchio é o terceiro, sentado, a partir da esquerda. Foram identificados ainda: Filocomo, Oswaldo Lourenço, Manzana, Ricieri Marani, Chiquinho, Chiquito, José Peinad e Fonseca

Acervo/Leonilda Verticchio



Madrugada... O forte farfalhar das folhas do imenso cafezal na noite escura parecia chamar o sol. Os primeiros clarões do dia fariam as folhas brilharem em ondas, agitando e formando ramadas. Aquelas paisagens lindas, tão verde-esperança, que cobriam as terras do interior do Estado de São Paulo, hoje estão imortalizadas, pintadas em telas, por grandes artistas.

É certo que nessas belas pinturas não apareçam crianças em meio ao cafezal. Porém, muitas passaram seus primeiros anos de vida debaixo dos pés de café. Entre galhos erguidos, que formavam um cercadinho, lá ficavam com algumas pedrinhas para se distrair... Outros trabalhadores, que passavam capinando, cuidavam para que estivessem bem, e continuavam a labuta. Quando passava um parente, prima ou irmã, tirava dali a criança e levava para que ela fosse amamentada.

Depois de um pequeno descanso, a mãe voltava ao trabalho e a criança ficava ali mesmo, no cercadinho. Ali passava os dias... Crescia até que pudesse ajudar os familiares, levando nas costas corotes de água. Com a passagem de mais alguns anos, a enxada seria o próximo instrumento de trabalho.

Alexandre Verticchio chegou ao mundo no dia 28 de março de 1916. Era o primeiro filho do casal Josepha e Bernardino Verticchio, casados em 1915. Ela, nascida em Campinas em 1894, filha de italianos,

e ele, nascido em 1888 e que havia chegado ao Brasil, vindo da região de Abruzzo (Itália), em 1901.

Era apenas um bebê quando passaram a levá-lo para a roça, na fazenda na qual a família trabalhava, em Campinas. O pai ia bem cedo, lá pelas 4h da madrugada, já a mãe, quando clareasse, e com o almoço pronto, que seria servido às 9h.

Aprender a ler era muito difícil naquela época, muitos pais não permitiam, pois trabalhar era mais importante. Alguns carroceiros, com seus grandes carros de boi carregados de sacas de café, levavam meninos até onde tivesse uma escola... apenas os meninos.

Alexandre Verticchio estudou em uma escola no Bairro Bonfim, em Campinas. Depois de um ano, já dominava aritmética



Acervo/Leonilda Verticchio



Acervo/Leonilda Verticchio



Acervo/Leonilda Verticchio

(matemática), leitura, história... e já sabia o quanto pesava uma enxada. Aos 14 anos, a pedido do capataz, que coordenava os trabalhos da fazenda, passou a ensinar a língua portuguesa aos italianos (homens), pois eles não conseguiam entender, nem falar bem o chamado “brasiliano”. Alexandre não tinha dificuldade, pois seus avós e seu pai eram italianos. Entre os imigrantes, o jovem ficou conhecido como Alessandrino.

Apesar do trabalho diário difícil na roça distante, os colonos tinham seus momentos alegres em festas, como casamentos, batizados e dias de santos padroeiros. Em todas as fazendas, havia sanfoneiros, violeiros e cantadores, prontos para um “bailinho” no terreiro ou na tulha, onde eram guardados

os sacos de grãos de café, antes de serem despachados em trens para Santos. Não precisava de muitos motivos para o arrasta-pé. E foi assim que Alexandre, com 14 anos, já fazia solos com cavaquinho e violão, utilizando os instrumentos dos amigos, quando disponíveis. Somente aos 16 anos, o jovem conseguiu dinheiro suficiente para comprar um violão em São Paulo, na região da Estação da Luz, uma emoção sempre lembrada por ele.

A partir de meados da década de 1930, as três cidades do ABC foram repovoadas com muitos colonos vindos das fazendas de café. Os imigrantes e os descendentes de escravos ficaram sem trabalho, sem moradia e começaram a se espalhar pelas cidades. No fim de 1936, a família de Bernardino deixou a cidade de Campinas e veio para São Caetano. Como já tinham parentes por aqui, não tiveram dificuldades para conseguir moradia e emprego.

As Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo empregavam todos que chegassem aos seus portões. A família não era pequena, formada pelo casal Bernardino (48 anos) e Josefa (42), e pelos filhos, Alexandre (então com 20 anos), Ângelo (18), Antonio (16), Aparecida (12), Maria de Lourdes (9) e Leonilda (3). Ivo, o caçula, chegaria logo depois (19 de maio de 1937) e nasceria aqui. Todos só conheciam o trabalho na terra, e Alexandre foi trabalhar nas Louças Claudia, que pertencia ao grupo Matarazzo.

Alexandre era muito calado. Não era fácil fazer amizade com ele, ainda mais por ter vindo do interior. Por certo, a música o ajudou a encontrar novos amigos, que se tornaram seus companheiros até o fim da vida. Em poucos meses, já fazia parte do conjunto musical do Clube Lazio, onde eram promovidos bailes

Alexandre (o primeiro a partir da esquerda) entre primos e irmãos. Na sequência estão: Ângelo, Luiz (Gijo), Artêmio e Luiz

Orquestra Copacabana regida pelo maestro Afonso Torossian. Alexandre Verticchio está ao fundo, à esquerda, no contra-baixo

Verticchio recebendo homenagem pelos 12 anos que participou da Orquestra Copacabana, no Clube Comercial

Uma das últimas apresentações de Alexandre (com violão) em reuniões da família Verticchio. À esquerda, de blusa branca, aparece sua esposa, Lídia. À direita, de blazer vermelho, vemos Leonilda Verticchio. O irmão Ângelo é o de camisa preta. Foto de 1996



Acervo/Leonilda Verticchio

com grande orquestra. Isso já na década de 1940. Com o saxofonista Oscar Ferraz, que também era professor, Alexandre completou seus estudos de teoria musical. Nesse tempo, passou a tocar outro instrumento, o banjo, que havia visto em novos filmes americanos, especialmente nos *bang-bangs*.

São Caetano era como uma família. Nas igrejas, no caminho para o trabalho, na estação de trem, nos campos de futebol, nos bailes e nos cinemas, todos sempre se encontravam. Os bailes promovidos pelo São Caetano Esporte Clube - as matinês de domingo - recebiam jovens vindos do Ipiranga, do Brás e de outras regiões de São Paulo. Bailes também eram promovidos no clube da Cerâmica São Caetano e no Monte Alegre. As décadas de 1950 e 1960 foram anos muito felizes para a juventude. Muitas famílias foram formadas nessa época.

Quando o Edifício Vitória entrou em atividade (1953), o Clube Comercial ocupou todo o último andar, em um salão lindo e bem grande. Além dos bailes semanais, eram realizados eventos sociais, da alta sociedade de São Caetano, como o famoso Baile Branco, o baile das debutantes, e incontáveis formaturas. Tudo isso era abrihantado pela sensacional Orquestra Copacabana, que contava com os melhores músicos, escolhidos e dirigidos pelo maestro Afonso Torossian. Alexandre Verticchio foi integrante desse grupo musical durante toda sua trajetória. Do banjo passou para o contrabaixo.

Na década de 1940, esse espaço - onde seria construído o Edifício Vitória -, que era ocupado por parquinhos e circos, recebeu um pequeno circo-teatro. Durante meses, apresentou esquetes, cantos e dramas. Alexandre, então, recebeu um pedido do dono do circo para formar uma pequena banda, para tocar todas as noites, até às 22h. Anos mais tarde, os músicos descobririam que o proprietário era Mazzaropi, tardiamente reconhecido.

São Caetano muitas vezes recebeu jovens cantores da Rádio Record, que se apresentavam nas cidades, acompanhados de conjuntos musicais. Certa vez, o Cine Vitória recebeu um juvenzinho magrinho chamado Cauby Peixoto. O Cine Tangará também recebia o *Alegria dos Bairros*, programa matinal da Record. Alexandre fazia parte do conjunto musical dessa atração, que era condu-

zido e dirigido pelo músico Mariosi.

Como sempre, a música americana influenciava o som do mundo. Os grandes ídolos passaram a cantar acompanhados de apenas quatro músicos. Foi um tempo difícil para a área musical, com orquestras sendo desfeitas e bailes e clubes fechando.

Por conta disso, Alexandre Verticchio iria se aposentar e parar. Mas o músico Osvaldo Lourenço o convidou a participar da Orquestra Real Baile da Saudade. Heleninha Moretin era a cantora do grupo e encantava todos com sua linda voz.

Um conjunto de casais acompanhava os músicos e dançava músicas coreografadas. As senhoras em trajes de dama antiga, e uma jovem, Valdete, dançava o *charleston*. Essa ideia maravilhosa foi do cantor seresteiro, o romântico Francisco Petrônio, que cativava o público.

Desde as primeiras apresentações no canal 2, a Orquestra Real Baile da Saudade foi um sucesso. Convites chegaram do Brasil todo e o grupo viajou por muitos Estados e cidades do interior.

Foram quase 70 anos dividido entre a família, o trabalho como operário e o forte compromisso com sua vocação, a música. Em 1942, Alexandre e Lídia Bertucci, a namorada que deixara em Campinas, se casaram. Um matrimônio que durou 54 anos. Tiveram os filhos Hélio Roberto e Sonia Maria. Hoje, a família crescida tem quatro netas, um neto e oito bisnetos. Alexandre faleceu aos 90 anos, em 2006.

Aos 16 anos, deixando a enxada por um dia, Alexandre e seu pai vieram comprar o violão tão desejado na Estação da Luz, sobre a qual tanto tinha ouvido falar... Quem o conheceu sabia que ele contava encantado sobre a estação, que era grande e linda, e como a cidade tinha altos edifícios... A luz da estação o fez prometer que voltaria, e voltou, depois de quatro anos, e aqui ficou para sempre. **R**

LEONILDA VERTICCHIO
É MEMORIALISTA.

Neusa Schilaro Scaléa

Arte contemporânea sem fórmulas

Foto/Neusa Schilaro Scaléa (FPMSCS)

A Pinacoteca Municipal, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, tem realizado, ao longo de seus jovens 14 anos, algumas mostras de arte contemporânea. Claro que o termo “contemporâneo” refere-se ao que acontece ou é realizado agora, neste tempo. Mas, falando de arte, podemos chamar de contemporâneas obras criadas na metade do século 20 até este momento.

Quando Vincent van Gogh (1853 – 1890) pintava, ele estava fazendo arte *contemporânea ao seu tempo*, ou seja, estava produzindo obras que, embora fossem totalmente diferenciadas da produção dos artistas contemporâneos a ele, empregando soluções inusitadas e características pessoais, estava produzindo dentro do que era possível realizar em matéria de arte no século 19. Inegavelmente sofria as influências do meio, da sociedade e da religiosidade da época, enfim, era um pintor daquele século. Figurativo ao seu modo, saía das normas, mas não podia fugir de seu tempo.

“Os movimentos artísticos contemporâneos são demarcados pelo fim das vanguardas, multi-

plicação das mídias, acesso a novos materiais, disseminação de ideias recentes e outros fatores. Além do que, não há a preocupação de determinar seu período e influências”, afirma Tatiane Santa Rosa Souza Ramos, doutoranda em história da arte e cultura visual pela Universidade da Califórnia Santa Cruz.

As classificações são sempre estranhas e desagradáveis, ainda mais quando falamos de algo imponderável, fluido, que está acima dos fazeres comuns dos seres humanos, como a obra de arte. A utilidade de nomear, ou classificar os períodos, não vai além da necessidade de seguir um percurso histórico, que nós, ocidentais, tanto prezamos e pelo qual nos orientamos.

Voltando ao nosso trabalho na Pinacoteca de São Caetano, sua coleção de arte possui obras realizadas no século 20 e, assim, podem ser chamadas de modernas, algumas de vanguardas, e outras poucas de contemporâneas – não pela época que foram realizadas, mas sim pelos conceitos utilizados.

“*Vita brevis, ars longa.*”

(A vida é curta, a arte é longa, em livre tradução da citação latina de Hipócrates)



Foto/Neusa Schilaro Scaléa (FPMSCS)

Obras de Jeff Koons, na exposição *Jeff Koons: a retrospective*, que ficou em cartaz no Whitney Museum of American Art, em Nova York, entre junho e outubro de 2014

Sempre devemos considerar que, na arte, assim como na ciência, o que se produz hoje tem raízes nas pesquisas e nos fazeres precedentes. Para fruir as propostas contemporâneas, devem-se considerar as mudanças ocorridas na atuação das pessoas em um novo mundo, que se tornou menor, não pelo encurtamento das distâncias geográficas, mas pelas comunicações, meios de locomoção e disseminação de ideias e imagens. “A arte contemporânea não pode ser determinada por isto ou aquilo, ela é isto ou aquilo, não existe fórmula para compreendê-la”, explica Tatiane.

O profissional que trabalha com arte – críticos de arte, curadores, museólogos e muitos outros - é questionado sobre como e por que certas obras recebem tantas atenções e elogios, em especial as apresentadas nas Bienais de Arte. É certo que se faz necessário um repertório para ver e usufruir os trabalhos apresentados por artistas contemporâneos. Mas muitos deles trazem propostas, ideias. Levantam questões, fustigam a realidade continuamente, provocam e penetram na zona de conforto do visitante. Muitas vezes, ele se reconhece, mas sente-se incomodado, pois passa a fazer parte de outra realidade. E outros, ainda, são tão herméticos, econômicos em expor suas ideias, não deixando nenhuma fresta para a natureza inquiridora do ser humano.

O melhor conselho que um curador ou crítico de arte pode oferecer ao observador casual é que ele leia livros de arte e frequente museus e galerias, além de encontros com artistas, oficinas e palestras. Sem se preocupar ou se sentir no dever de colocar a obra em uma gaveta mental com uma etiqueta classificatória.

Assim como a música, as artes visuais são plenamente alcançadas pelo espectador, que evolui em suas exigências de saber. Se ao ouvir uma sinfonia de Beethoven pela primeira vez, a pessoa pode ficar aborrecida de início, tensa em outros momentos e até distraída, se ela tiver abertura mental suficiente, começará a desfrutar da beleza da obra depois de ouvir com atenção o primeiro movimento por uma, duas, três vezes. Depois, terá de passar para o segundo e para o terceiro movimentos, informando-se não do anedotário ou da biografia do compositor ou maestro, mas da escrita

musical (aliás, matéria que deveria ser obrigatória nas escolas). Não no primeiro momento, mas, depois, mesmo sem estar atento, apenas se deixando levar pela melodia, sentirá o que é um *allegro con brio* (andamento musical leve ou ligeiro) ou *pianíssimo* (música com fraquíssima intensidade sonora). Com o tempo, vai se tornar exigente e seletivo e não se contentará em ouvir qualquer melodia repetitiva e sem elaboração, como as que somos quase obrigados a digerir na música industrializada consumível e de baixa qualidade.

Assim também acontece com as artes plásticas ou visuais. Se para nós é oferecido apenas o banal, a mesmice, desconhecemos o que se faz de bom. Dessa forma, não nos deixemos levar pela preguiça mental que impede a busca de mais conteúdos e construções elaboradas, que são a essência das obras de arte, pois ficaremos distantes do nosso tempo, ou seja, da contemporaneidade. E isso ocorre mesmo utilizando e dominando os equipamentos eletrônicos mais atuais.

A falsa ideia de tempo presente, elaborada e divulgada pelas campanhas publicitárias, tem apenas por finalidade bater na mesma tecla continuamente, para escravizar o consumidor, que nem questiona ou percebe o que ouve ou vê. A ciência e as artes já não têm mais separação, estão unidas e, para alcançá-las, há de se fazer certos esforços, mas a recompensa é muito superior ao passageiro prazer supérfluo e fugaz do modismo. **R**

Referências bibliográficas:

CHIARELLI, Tadeu, *Arte Brasileira século XX*. Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
SANTA ROSA Nereide, SANTA ROSA, Tatiane, *A Arte Contemporânea no Brasil*, Rio de Janeiro: Edições Pinakhoteke, 2016.

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

Vamos ao museu?

Foto/Neusa Schilaro Scalda (FPMSCS)

Os museus - mais ou menos como os conhecemos hoje - surgiram a partir dos gabinetes de curiosidades do século 18. Nesses locais, as pessoas colecionavam objetos trazidos de viagens e os expunham em suas casas, onde reuniam amigos para narrar suas extraordinárias aventuras. Eram exploradores, aventureiros e pesquisadores. Mas, mesmo antes, no século 16, já havia colecionadores, como o famoso boticário napolitano Ferrante Imperato.

Com o desenvolvimento dos transportes marítimos, essas coleções tornavam-se cada vez maiores, assim, passou-se a dividi-las em Naturalia (coleções de objetos de origens animal, vegetal ou mineral); Mirabilia (coleções de objetos exóticos) e Artificialia (coleções de objetos produzidos por pessoas, geralmente de países distantes da Europa, onde residia a maioria dos colecionadores).

Foi daí que surgiram os museus, para que mais pessoas tivessem acesso a essas coleções tanto como passatempo quanto para pesquisas. As coleções contribuíram grandemente para o desenvolvimento das ciências, da história, da



Foto/Neusa Schilaro Scalda (FPMSCS)

antropologia, da biologia e de outros setores do conhecimento humano. Por isso, na maioria das vezes, os museus estão ligados a entidades de pesquisa e ensino. As coleções de obras de arte também passaram por esse processo. Dessa forma, museus e pinacotecas têm suas coleções específicas nos variados setores do conhecimento humano, tendo sempre como sua maior meta servir de fonte de conhecimento científico e artístico.

Por que visitamos museus? - Há sempre dois lados em uma visita a um espaço expositivo: de um, a instituição e tudo o que ela oferece, e de outro, o visitante com suas expectativas.

Para entretenimento e enriquecimento cultural, os museus expõem suas coleções e as coleções de outras pessoas, sejam elas artistas, artesãos ou colecionadores específicos.

É sempre bom lembrar que um museu ou

Detalhes da exposição *Quatro décadas, uma coleção*, que reuniu o acervo da Pinacoteca Municipal e ficou em cartaz, no local, de 22 de abril a 20 de junho de 2015

uma pinacoteca não são edifícios, mas coleções. Não existe museu se não houver acervo. Mas há edifícios que, por eles mesmos, são de interesse museal, como os museus-casa. Ou ainda edificações construídas especificamente para abrigar coleções.

Os museus têm inúmeras maneiras de expor obras de arte, objetos históricos, iconográficos ou de memória. Há também uma gama variada de abordagens para a escolha do curador ou coordenador do espaço expositivo. Isso depende do acervo principal do museu e da orientação específica de seus estatutos.

Toda instituição deve contar com o trabalho de um especialista para realizar a museografia e propiciar ao visitante uma lógica – nem sempre explícita – que possibilite a fruição desse contato, seja com objeto histórico seja com obras de arte. O percurso dentro da exposição pode ou não ser ordenado, mas é, de alguma forma, organizado. Se as obras estão ali, é porque a entidade deseja que os visitantes as encontrem e possam desfrutar desse contato. Para esse encontro, preparado anteriormente pela curadoria da mostra, haverá indícios e esclarecimentos que podem não estar ao lado da obra (em se tratando de objeto de arte), mas serão oferecidos em mídias impressas, audiovisuais ou virtuais. Costumo afirmar que a obra deve ficar absolutamente só no espaço e falar por si própria, ou ainda instigar por si mesma.

Quanto aos objetos históricos, científicos ou iconográficos – a exemplo de cartas, livros e registros fotográficos –, são sempre acompanhados por legendas impressas ou virtuais, pois, em se tratando de documentação, objetos ligados à memória ou à história de um povo ou região, há de se localizá-lo no período, enunciar suas origens e finalidades. A expografia, nesses casos, deve ser a mais explícita possível. Esta é mais uma das preocupações da curadoria. Atualmente, mídias digitais são utilizadas para propiciar esse contexto ao público. O QRCode, por exemplo, permite que o visitante, com seu telefone celular, tenha acesso a um texto correspondente ao que está em exibição, seja objeto ou obra de arte. Basta direcionar o telefone e fotografar o código para ter acesso às informações disponibili-

zadas pelos organizadores da mostra. Há ainda recursos como vídeos, telas de toque manual, livros digitais, entre outros.

Os espaços museais são totalmente diferenciados se comparados a outros locais: sua arquitetura e seu mobiliário são específicos, mas, em alguns casos, como no dos museus-casa, a arquitetura é ela mesma objeto de observação, ou seja, a história está indelevelmente ligada ao edifício e mobiliário. Há coleções pessoais que merecem um setor específico, denominado fundo, e há curadores especialistas, que trabalham apenas com determinados artistas ou coleções.

A visita - Ao chegar a um museu, além do edifício, também preste atenção em todo o seu redor. No seu interior, repare na luminosidade das salas, na disposição das obras, nos móveis e nos sistemas de segurança. Nunca ultrapasse a linha de demarcação para observação. Importante também é ler a etiqueta de cada trabalho.

Esse período de ambientação na chegada ao espaço expositivo predispõe física e intelectualmente o visitante para apreciar melhor cada obra. Talvez seja necessário destacar que NUNCA se deve tocar nas obras. Se todos os visitantes de uma exposição tocarem com suas mãos uma obra, por certo, ela não resistirá por muito tempo, o que impossibilitará outras pessoas de conhecê-la. Quando, na arte contemporânea, podemos encontrar obras realizadas com o intuito explícito de serem manuseadas, essa ação é devidamente sinalizada.

Visite o museu com tempo e disposição. Caminhe e não tema parar em frente à obra que mais lhe chamar atenção, aquela que mais lhe causar alguma emoção ou deleite, ou lhe propor ideias. Visite museus e os aprecie sem moderação! (Neusa Schilaro Scaléa) **R**

Referências bibliográficas:
SANTA ROSA, Nereide Schilaro; SCALÉA, Neusa Schilaro. *Arte-educação para professores – Teorias e práticas na visitação escolar*. São Paulo: Pinakotheke, 2013.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro; SCALÉA, Neusa Schilaro. *Vamos ao museu?*. São Paulo: Moderna, 2014.

Foto/Priscila Gorzoni (FPMSCS)



O túmulo da menina Neves

Em todos os cantos do mundo existem lugares inusitados, que destoam do tempo, guardam segredos, mistérios e parecem esquecidos de uma época. As metrópoles os escondem e, muitas vezes, passamos despercebidos por eles em nossa vida acelerada. Esses locais podem ser chamados de lugares de memória¹, que são, antes de tudo, restos. Eles nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, por isso, é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, entre outros acontecimentos. Também podemos chamar esses locais de ilhas de passado conservadas².

Conhecer um pouco desses locais é entrar nos lugares de memória ou nas ilhas de passado conservadas. É uma experiência fundamental para compreender a história e a memória de uma cidade e dos moradores que ali viveram.

Em São Paulo, encontramos vários desses pontos, a exemplo do Cemitério da Consolação. Como escreveu o sociólogo José de Souza Martins, no texto *História e arte no Cemitério da Consolação*: “O cemitério da Consolação é um espelho em que os vivos se refletem e se encontram na memória dos mortos. Ali, no silêncio definitivo, podem os mortos ser interrogados e compreendidos no seu legado a este País e a São Paulo, estado e cidade”³.

Essa análise será estendida a demais cemitérios, entre eles, o Cemitério da Saudade, no Bairro Cerâmica, em São Caetano do Sul, criado em 3 de outubro de 1932. Esse foi o segundo cemitério da

Túmulo da família Ribeiro e, em seu interior, o da menina Neves Nascimento Ribeiro, que é visitado por pessoas de toda a região

cidade e é também o maior. Não é um cemitério apenas de túmulos, mas de gavetas, gavetões e jazigos. Em dia de movimento, pode receber até 30 mil visitantes!

Na década de 1930, era comum no Bairro São José serem avistadas procissões de caixões. Os familiares e parentes dos mortos andavam quilômetros a pé carregando o esquife. Em alguns momentos, deixavam o caixão no chão e tomavam água no bar. Depois, retomavam o cortejo.

Alguns detalhes do Cemitério da Saudade são dignos de nota. Um deles é o túmulo da menina Neves, um dos mais visitados. Chegam pessoas de várias partes de São Paulo em busca de graças e milagres para suas aflições.

O Cemitério da Saudade surgiu da desapropriação do ato 17, de 9 de julho de 1931, assinado pelo prefeito-interventor na época, Armando Setti. Era uma área de 20 mil metros quadrados, dentro do imóvel Meninos ou Meninos Novo, que, hoje, faz parte do Bairro São José. Chamou-se inicialmente Necrópole da Saudade, nome dado em 3 de outubro de 1932, por meio do ato 38, assinado por Setti.

Em se tratando do Bairro São José, vale dizer que este é cercado de religiosidade e histórias. Uma delas é a da menina Neves Nascimento Ribeiro, que morreu aos 11 anos de idade, de tétano. Cerca de um mês depois, sua mãe, Rosalina do Nascimento Ribeiro, reencontrou a filha em uma sessão espírita. Neves dizia que estava feliz ao lado de Nossa Senhora. Corria o ano de 1948. Nesse encontro, Rosalina contou que a filha lhe pediu para construir uma capela em sua homenagem, e relatou que estava fazendo milagres com Nossa Senhora. O templo foi construído e sua fama ultrapassou fronteiras, sendo muito visitado até os dias de hoje. Segundo relataram moradores vizinhos, milagres passaram a acontecer logo após o fim da construção.

Em 1948, os pais da garota Neves doaram um terreno para a construção da igreja do bairro.

O pai, Adelino Ribeiro, morreu em 1951, ano em que as paredes da igreja prometida à filha estavam sendo erguidas. Sem a presença de Adelino, Rosalina deu continuidade ao empreendimento e recebeu ajuda de toda a comunidade, que, em sistema de mutirão, ajudou a levantar a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, localizada na Rua Padre Mororó.

Os cemitérios - Desde o final do século 18, era costume enterrar corpos no interior das igrejas, pois esse era considerado um solo sagrado. Contudo, tal hábito já era criticado pelos higienistas da época, que o consideravam perigoso à saúde. A presença constante de epidemias na cidade era resultado da contínua manipulação dos restos mortais no interior das igrejas. Essa ação produzia mau cheiro e doenças microbacterianas.

Nem sempre os cemitérios eram espaços distantes ou destinados aos subúrbios das cidades. Na Europa, do ano 1000 ao século 18, a proximidade do espaço dos vivos e mortos era um traço importante da história das mentalidades e das sociedades tradicionais. Segundo Jean-Claude Schmitt em *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, no fim do Antigo Regime, os cemitérios das cidades foram esvaziados de suas ossadas e exilados para os subúrbios. Antes disso, era costume ter os vivos em torno dos mortos. No centro das aldeias europeias, ficava a igreja paroquial, e, apertadas ao redor dela, as sepulturas do cemitério. Schmitt explica que entre a igreja e a aldeia, o cemitério era, portanto, um lugar intermediário e desempenhava papel mediador. (Priscila Gorzoni) **R**

Notas:

¹Termo definido por Pierre Nora no texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares*.

²Termo citado por Maurice Halbwachs no livro *A Memória Coletiva*.

³Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cemiterio_baixa_1219246534.pdf.

Referências bibliográficas:

- MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.
- NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.
- RUSSO, Alexandre Toler. *Caminhos da fé: itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Laura Simões de Souza

Nem todo herói usa capa

Quando você encontra com senhores de uma idade já avançada, pode imaginar que eles não possuem nenhuma característica parecida com as dos

heróis de filmes. Entretanto, andando pelas ruas de São Caetano do Sul, você pode se deparar com alguns verdadeiros heróis desse tipo. São os autonomistas. Homens e mulheres que marcaram suas vidas como parte importante da história de nossa cidade. Divulgando suas ideias por meio do *Jornal de São Caetano* e organizando um plebiscito que contou com a participação de mais de 5 mil pessoas, eles conseguiram obter a emancipação político-administrativa de São Caetano do Sul.

Além disso, os 95 líderes do movimento não só implantaram um ideal de independência entre os sul-são-caetanenses, como também criaram uma relação de amizade e cumplicidade com eles. Para ouvir as sugestões de todos e unir forças a favor da emancipação, foi construída a Sociedade Amigos de São Caetano.

O legado de nossos heróis não para por aí. Eles deixaram suas marcas na fundação de escolas e até na estrutura de transporte da cidade, tendo como maior exemplo o Viaduto dos Autonomistas. Também construíram, atendendo às necessidades dos municípios, o primeiro hospital da região, que levou o nome da cidade.

Os autonomistas lutaram contra a oposição do governo andreense, que se recusava a emancipá-los, a fim de continuar obtendo lucro com as produções e impostos do antigo subdistrito. Talvez estejamos com uma imagem de super-heróis tão fixa e estereotipada em nossas mentes, que chegamos a não conseguir enxergar aqueles que realmente protegem a liberdade e qualidade de vida da população.



Foto/Milka Soeltl

Com seu exemplo de coragem, união e esforço, a história construída por esses senhores e senhoras deve nos inspirar para também agir como heróis nos nossos dias. Apesar de termos conquistado a autonomia, e de não sermos mais uma vila de ruas de terra e condições de vida precárias, passando a ser reconhecida como a cidade com o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil, ainda é necessária muita luta para avançar na direção da melhoria de vida em todos os sentidos. Basta que nós não esperemos por heróis fictícios que venham com superpoderes e uniformes coloridos para fazer nossa parte. Assim como os autonomistas, podemos e devemos ser heróis para nós mesmos e às futuras gerações. **R**

LAURA SIMÕES DE SOUZA

É ALUNA DO 9º ANO A DA EMEF (ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL) 28 DE JULHO. ESTE ARTIGO FOI PREMIADO COM O PRIMEIRO LUGAR NO CONCURSO DE REDAÇÃO *HISTÓRIA DA AUTONOMIA*, PROMOVIDO PELO GRUPO DE AMIGOS DA AUTONOMIA (GAMA), PARA CELEBRAR OS 68 ANOS DA EMANCIPAÇÃO DE SÃO CAETANO, COM APOIO DA PREFEITURA MUNICIPAL, SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA. CADA UMA DAS 20 ESCOLAS PARTICIPANTES DO CONCURSO TEVE UMA REDAÇÃO PREMIADA. OS MELHORES TRABALHOS TAMBÉM RECEBERAM MENÇÃO: O 1º LUGAR FICOU COM LAURA SIMÕES DE SOUZA; 2º - JANAY GOMES DE SOUZA, EMEFM ARQUITETO OSCAR NIEMEYER; 3º - LARISSA MOTA DO NASCIMENTO, EMEF ANACLETO CAMPANELLA; 4º - GIOVANA LANCI RODRIGUES, EMEF LEANDRO KLEIN; 5º - DÉBORA NASCIMENTO DE LACERDA, EMEF PROFª ROSALVITO COBRA; E 6º - LETICIA JANCAUSKAS, EME PROFª ALCINA DANTAS FEIJÃO.

Momento da premiação. A partir da esquerda, vemos: a professora Larissa Fernandes da Fonseca, Valdirene Rodrigues Costa, diretora da EMEF 28 de Julho, Sonia Xavier, presidente da Fundação Pró-Memória, Laura Simões de Souza, a aluna premiada, e Walkiria Simões Pereira, mãe de Laura. A cerimônia foi realizada no dia 26 de outubro de 2016, no Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns, e contou com a presença de líderes autonomistas, além de educadores e familiares dos estudantes homenageados

Renato Donisete Pinto

Saad E.C.:

campanha de 1974 na elite do futebol paulista

Logo
comemorativo
dos 55 anos do
Saad E.C.



Acervo/Luiz Domingos Romano

A cidade de São Caetano do Sul sempre teve grandes representantes no futebol profissional. Na década de 1970, na elite do futebol paulista, era o Saad Esporte Clube. Durante os anos de 1974 e 1975, a equipe disputou o Campeonato Paulista da divisão especial.

Fundado em 28 de abril de 1961, o Saad E.C. sempre foi administrado pelo empresário Felício José Saad, proprietário da Companhia Saad do Brasil. Essa grande metalúrgica ficava situada na Rua Aquidaban, nº 331, no Bairro da Fundação. Inicialmente, o clube foi idealizado apenas para incentivar seus funcionários a praticar esportes. Começou a atuar no futebol profissional a partir de 1966, após Felício,

recuperando-se de uma cirurgia de visão, receber a visita no hospital e conversar com o então prefeito, Hermógenes Walter Braido. Nessa conversa, prometeu implantar uma equipe de futebol profissional em São Caetano do Sul, inspirado na rivalidade entre a A.A. Ponte Preta e o Guarani F.C., equipes

A estreia no Campeonato Paulista da divisão especial ocorreu em 3 de agosto de 1974, no Estádio Palestra Itália (atual Allianz Parque), contra a poderosa equipe da S.E. Palmeiras. Na imagem, a equipe do Saad que entrou em campo



Foto: Ricardo Fernandes (Diário do Grande ABC)

Foto/Ricardo Hernandez (Diário do Grande ABC)



de Campinas, onde Felício estava internado.

O Saad E.C. teve uma rápida ascensão. Seu auge foi na primeira metade da década de 1970. Em 1971, quase subiu para a divisão especial. Após bela campanha, só não foi campeão do Campeonato Paulista da primeira divisão, pois perdeu para o Marília A.C. na última rodada, no dia 24 de agosto. Até hoje, tem torcedor que não esquece essa dolorosa derrota. A equipe de São Caetano do Sul garantiu vaga no campeonato de 1974 ao se classificar em segundo lugar no Torneio Paulistinha daquele ano, ficando atrás apenas da equipe da A.A. Ponte Preta.

O Saad E.C. representou São Caetano do Sul no Campeonato Paulista até 1988. Em 1989, se licenciou e deu sequência a um projeto vitorioso no futebol feminino de outros municípios.

Paulistão de 1974 - A estreia no Campeonato Paulista da divisão especial ocorreu em 3 de agosto de 1974, no Estádio Palestra Itália (atual Allianz Parque), contra a poderosa equipe da S.E. Palmeiras, que viria a ser campeã daquele ano. Surpreendeu a todos com uma bela atuação e um empate de dois tentos, registrados por Luis Américo e Fernandes para o Saad, e Leivinha e Dudu para a equipe alverde. Comandado pelo treinador Baltazar, o Saad E.C. entrou em campo com Fininho; Campina, Celso, Flávio e Eli; Zaneti, Via e Fernandes;

Luis Américo (Toninho), Arlindo e Vagner.

O primeiro jogo em São Caetano do Sul, como integrante da divisão especial, aconteceu no Estádio Lauro Gomes de Almeida na semana seguinte, no dia 11 de agosto. Com um público de 6.188 pagantes, o Saad E.C. se apresentou para nossa torcida com a mesma equipe que estreou no campeonato, com exceção de Eli, que foi substituído por Arnaldo.

Empate em um gol, marcado novamente por Fernandes, contra o E.C. São Bento, da cidade de Sorocaba. Nesse mesmo dia, o clube anunciou a contratação do goleiro Leonetti junto ao S.C. Corinthians Paulista.

A campanha de 1974 foi marcada pelas vitórias contra grandes times. O Saad E.C. deu muito trabalho e conquistou pontos preciosos dessas equipes. Depois de um bom empate sem gols no Estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte, o Canindé, contra a A. Portuguesa de Desportos no dia 17 de

HINO DO SAAD E.C.

Composição: Adilson e Maestro Portinho

*São Caetano voltou a sorrir,
Pois agora podemos torcer
Surge um novo Campeão
Saad do meu Coração*

*A Campanha tão linda que fez
Com a ajuda da nossa cidade
O azul mostra a sua coragem
E o branco toda a amizade*

*Saad, Saad, Saad (BIS)
Vamos pra frente vencer
Bandeira Branca e Azul,
De São Caetano do Sul*

O jogador do Saad, Arlindo, em ação contra o Palmeiras, em partida realizada em 1974

agosto, o Saad E.C. desceu para o litoral no dia 24 de agosto e goleou o poderoso Santos F.C. em pleno Estádio Urbano Caldeira, a famosa Vila Belmiro, com um público de mais de 17 mil pagantes! A equipe santista contou com os campeões mundiais Pelé e Carlos Alberto Torres. A equipe do ABC paulista venceu por 3 a 1, com gols de Arlindo e dois de Vágner.

A equipe sul-são-caetanense deu o que falar nesse campeonato. Ainda no primeiro turno, no

dia 21 de setembro, para um público de 7.110 pagantes, o Saad aplicou 3 a 0 no São Paulo F.C., com gols de Vágner, Arlindo e Luis Américo. O tricolor paulista ainda teve o astro Pedro Rocha expulso por reclamação. No retorno, no dia 31 de outubro, o São Paulo F.C. também não conseguiu vencer o Saad: empate sem gols. O único time grande que venceu o Saad duas vezes foi o Corinthians, como informado na manchete do *Diário do Grande ABC*, do dia 10 de novembro de 1974: “Corinthians, único

CAMPANHA SAAD E.C.

1º TURNO

- 3/8/1974 - Estádio Palestra Itália - S.E. Palmeiras 2 x 2 Saad E.C. (Luís Américo e Fernandes)
 11/8/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 1 x 1 E.C. São Bento (Fernandes)
 17/8/1974 - Estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte - A. Portuguesa de Desportos 0 x 0 Saad E.C.
 24/8/1974 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 1 x 3 Saad E.C. (Arlindo e Vágner [2])
 28/8/1974 - Estádio Doutor Francisco de Palma Travassos - Comercial F.C. 2 x 1 Saad E.C. (Fernandes)
 1/9/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 0 x 2 A.A. Ponte Preta
 4/9/1974 - Estádio Brinco de Ouro da Princesa - Guarani F.C. 3 x 0 Saad E.C.
 8/9/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 0 x 0 C.A. Juventus
 14/9/1974 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 2 x 0 Saad E.C.
 21/9/1974 - Estádio Palestra Itália - Saad E.C. 3 x 0 São Paulo F.C. (Vágner, Arlindo e Luis Américo)
 25/9/1974 - Estádio Mário Alves de Mendonça - América F.C. 1 x 0 Saad E.C.
 29/9/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 0 x 2 E.C. Noroeste
 6/10/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 0 x 2 Botafogo F.C.

2º TURNO

- 20/10/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 0 x 2 Guarani F.C.
 23/10/1974 - Estádio Alfredo Schürig - Saad E.C. 1 x 1 A. Portuguesa de Desportos (Arnaldo)
 27/10/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 2 x 2 Comercial F.C. (Flávio e Arlindo)
 31/10/1974 - Estádio Palestra Itália - São Paulo F.C. 0 x 0 Saad E.C.
 3/11/1974 - Estádio Moisés Lucarelli - A.A. Ponte Preta 2 x 1 Saad E.C. (Flávio)
 9/11/1974 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 1 x 0 Saad E.C.
 13/11/1974 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - Saad E.C. 0 x 1 S.E. Palmeiras
 16/11/1974 - Estádio Humberto Reale - E.C. São Bento 2 x 1 Saad E.C. (Helinho)
 23/11/1974 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 2 x 1 Saad E.C. (Fernandes)
 28/11/1974 - Estádio Palestra Itália - Saad E.C. 1 x 3 Santos F.C. (Arlindo)
 1/12/1974 - Estádio Santa Cruz - Botafogo F.C. 4 x 3 Saad E.C. (Fernandes, Djalma Duarte e Arlindo)
 8/12/1974 - Estádio Lauro Gomes de Almeida - Saad E.C. 3 x 1 América F.C. (Benê [2] e Arlindo)

Acervo/Luiz Domingos Romano



grande que ganha duas do Saad”.

Depois dessas vitórias, o Saad E.C. apresentou uma campanha irregular e chegou a ficar 14 jogos sem vitórias, o que ocasionou as demissões dos treinadores Baltazar e Ilzo Neri. Após 22 meses comandando a equipe, Baltazar foi dispensado no dia 2 de outubro. Já Ilzo Neri, ficou 37 dias no cargo, comandando a equipe em apenas seis jogos. As últimas partidas de 1974 foram conduzidas pelo treinador Vicente Arenari.

Frente à torcida de São Caetano do Sul, num domingo à tarde, o Saad realizou seu último compromisso no Estádio Lauro Gomes de Almeida, no dia 8 de dezembro, aplicando uma goleada de 3 a 1 contra o América F.C., de São José do Rio Preto. Os atacantes Arlindo e Benê (com dois gols) garantiram a vitória do Saad para um público de 1.930 pagantes.

Nosso último jogo no campeonato foi na cidade de Bauru, interior de São Paulo, num empate de um gol contra o E.C. Noroeste, no dia 15 de dezembro. O Saad E.C. atuou com Leonetti; Eli, Celso, Nenê e Arnaldo; Zanetti e Via; Fernandes,

Djalma Duarte (Edinho), Benê e Mário (Vágner).

Curiosidade - O consagrado jogador Sócrates (S.C. Corinthians Paulista, Fiorentina, da Itália, e seleção brasileira) marcou seu primeiro gol como jogador profissional num jogo oficial atuando pelo Botafogo F.C., de Ribeirão Preto. O fato ocorreu justamente contra o Saad E.C., no Estádio Lauro Gomes de Almeida, no dia 10 de março, pelo Torneio Paulistinha, classificatório para a divisão especial de 1974. Depois, também marcou um gol no Saad E.C., no dia 1º de dezembro, na vitória do Botafogo F.C. por 4 a 3, pelo Paulista da divisão especial, no Estádio Santa Cruz. **R**

Agradecimentos a Luiz Domingos Romano (pela amizade) e a Cecília Del Gesso (ao acervo do banco de dados do *Diário do Grande ABC*).

Referências bibliográficas:

CARDOSO, Tom. *Sócrates: a história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
 CORINTHIANS, único grande que ganha duas do Saad. *Diário do Grande ABC*, Santo André, p. 20, 10 nov. 1974.
 FONTENELLE, André e STORTI, Valmir. *A História do Campeonato Paulista*. São Paulo: Publifolha, 1997.
 NA V. Belmiro, a excelente vitória do Saad: 3X1. *Diário do Grande ABC*, Santo André, p. 17, 25 ago. 1974.
 NETO, José Jorge Farah & KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista 2000*. São Paulo: Panini, 2000, p. 393-394.
 RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: história da FPF, vol. II (1953-1982)*. São Paulo, Federação Paulista de Futebol.
 SAAD 3, São Paulo 0, uma boa lição de humildade. *Diário do Grande ABC*, Santo André, p. 19, 22 set. 1974.
 SAAD começa surpreendendo no Campeonato Paulista. *Diário do Grande ABC*, Santo André, p. 18, 4 ago. 1974.

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL. É AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).



Foto/Ricardo Hernandes (*Diário do Grande ABC*)

Flâmula do Saad E.C., de 1961

Goleiro Leonetti em partida contra o São Paulo F.C., realizada em 21 de setembro de 1974

Marcos Massolini

Bailes, emissoras de rádio e discos de vinil:

os embalos da trilha sonora dos anos 1980

Na virada dos anos 1970 para os 1980, minha turminha de rua, que vivia se sujando nas peladas, nas partidas de fubeca e nas expedições aventureiras pela mata ciliar da divisa de São Caetano com Santo André, direcionou suas antenas para outro *hobby*, que se mostrou muito fértil e dinâmico: a música.

Essa passagem entre as décadas foi como um correr do *dial* para nós, uma ponte sutil, que só fomos perceber depois, quando largamos um pouco (só um pouco) a bola de plástico na rua e sentamos pra ouvir rádio e colocar um disco de vinil no prato da vitrola. O som, portanto, foi o verdadeiro divisor de águas entre a pré-história e a história da chamada Turma do Ponto da Vila Barcelona, ainda em gestação.

Enquanto eu comprava meu primeiro LP com os sucessos da Antena 1 – FM 94,7 (não por coincidência um disco ligado à emissora de rádio), o amigo Rogério Engelmann nos apresentava vários programas que vinha escutando, e foi aí que a moçada começou a se unir para audições ininterruptas de



Folhetos de divulgação das domingueiras do São Caetano Esporte Clube, de 1985: domingos inesquecíveis

música. De certa maneira, a casa do Rogério virou estúdio, emissora e nosso laboratório de sons.

O Zequinha, um pouco mais velho, depois de muito observar a molecada, sem se manifestar, surgiu na turma por culpa do som; o Douglas, veterano de bailes e dono de um inabalável Corcel branco, se aproximou pelo mesmo motivo. Essa pré-turma, com Rogério, eu, meu primo Rica, Lupa, Carlão, Zequinha e Douglas, “pintou e bordou” entre 1979 e 1982 e abriu caminho para voos mais audaciosos nos anos seguintes. Zé Ricardo, Ivan e Egon também logo fincaram bandeira. Foi o início de um ciclo de festas de debutantes e bailes de garagem.

O pioneiro foi em minha casa, com *tape-deck* e amplificador do meu tio Sergio, lona na garagem e presença de primos, irmãos e vizinhos. Já no meu aniversário de 1982, que aconteceu na casa do Rica, mais espaçosa, já tínhamos mesa de som, alguns poucos LPs e duas *pick-ups*. Se hoje se caçam Pokémons, naqueles tempos de final do ginásio, o “programão” de fim de semana era “caçar” festas de garagem, e, quando não éramos convidados, geralmente entrávamos de “bicão” mesmo. Como na Vila Barcelona todo mundo se conhecia, pelo menos de vista, tinha sempre um conhecido nessas festas.

Meu mais assíduo comparsa nessas investidas era o Zé Ricardo. Os itens que não podiam faltar num bom baile desses, além do “som propício para passos previamente ensaiados”, eram: lona de caminhão ou encerado, luz negra, estroboscópio, globo de luz, cadeiras (à direita para os homens e à esquerda para mulheres, ou vice-versa), ponche, prato de biriba (salsicha, pickles e queijo no palito) feito pela mãe e, ah, uma acessível garagem, claro!

Um bailinho exatamente desse jeito aconteceu na casa do Ivan, na descida da Rua Oriente, perto da Rua Taipas. Eu e o Zé, lá pelas tantas, fazíamos nossos passinhos sincronizados de sempre, quando veio um fulano me falar no ouvido

Acervo/Rogério Engelmann



que o Coca estava vindo com sua turma para o baile, doido para bater “nesse tal de Malu” (meu apelido de mocidade). Achei muito esquisito esse papo, mas, como diz o ditado: “peru morre na véspera”, arquitetei uma saída pela esquerda, *à la Leão da Montanha* (numa referência ao personagem criado e produzido pela Hanna-Barbera Productions). Quando ia saindo sorrateiramente, eis que a turma do Coca chega no mesmo instante. Como eles estavam vindo pela entrada da frente, dei a volta na casa, pulei o muro dos fundos, caí no quintal de trás, corri “pra caramba” (porque ouvi uns latidos muito perto) e pulei uma cerca lateral, caindo na calçada da Alameda Cassaquera - naquele tempo, não tinha tanta lança nos portões ou cacos de vidro nos muros, ainda bem! Dali, “chispei” pra casa.

No outro dia, no colégio 28 de Julho, onde estudávamos, o Ivan veio me contar que o Coca queria mesmo me pegar, pois achava que eu tinha batido em um primo dele, mas ele explicou, então, que eu não batia nem em João-bobo. No fim, acabei até conhecendo melhor o “famigerado” Coca e sua turma, que morava na baixada da Praça das Andorinhas, no Bairro Santa Maria.

Entre 1982 e 1984, aconteceram muitos bailes na nossa vida, principalmente porque 80 por cento das nossas amigas estavam fazendo 15

Marcos Massolini, o Malu, e seus LPs: todo mês um ‘bolachão’ novo

anos nessa época. O aniversário da Celiane, na Rua Anita Garibaldi, uniu pela primeira vez muita gente. Depois vieram o da Vânia, no dia 27 de novembro de 1982, na Alameda Cassaquera; a festa de debutante da Cris, no São Caetano Esporte Clube, em setembro, a Rose debutou no dia 3, no Buffet Tia Marta, na Rua Tapajós; no dia 4 de agosto de 1984, festa de 15 anos da Desirée, na Rua Nazareth. Pra quem está admirado com minha memória detalhista, sinto desapontá-los, mas todas essas datas foram copiadas de alguns convites que guardei. Ah, e teve a festa na casa da Maria Paula, na Rua Flórida - essa foi histórica e acho que metade do bairro compareceu. Além das debutantes, havia também os grandes anfitriões.

Um grande “festeiro” dessa época foi o Sebá, vizinho do Ivan na Rua Oriente. Eu e o Zé batíamos cartão, como assíduos “garagistas” que éramos. Mas o ápice eram as domingueiras e os bailes “oficiais”. Aqueles velhos domingos sem as domingueiras não seriam domingos dignos. Buso, Tudo Bem, Hipnoses, São Caetano Esporte Clube, Aramaçan, Sunshine – tinha espaço para todos os gostos e gastos.

No velho Buso Palace, na Avenida Goiás, a gente frequentou mais a porta de entrada e a calçada do que o baile propriamente dito (a exceção era o baile de Carnaval, programa tradicional, com muita gente do bairro, assim como



Arquivo/Família Wolf

o baile da General Motors). Além de ouvir o som da rua, sem pagar ingresso, ficávamos papeando com os “figuras” que apareciam por ali. O Nelsinho trabalhava na casa e nos apresentava grandes notívagos – e, às vezes, liberava a

portaria no finalzinho. Os que frequentavam pra valer eram os mais velhos: Quequé, Fran, Wirtão, Douglas. Lembro também de muita gente do bairro que batia cartão: Salomão, Ulisses, Leonel, Serginho, Turco, Cição, Valdir e seus irmãos, Marcão, entre tantos.

Na Hipnoses, que já existia desde os anos 1970, no Bairro Centro, a nossa presença era esporádica. O Tudo Bem, na divisa com Santo André (e que, durante uma época, virou Buso II), foi a primeira casa que frequentamos. O Aramaçan, clube de Santo André, fundado em 1930, interessava mais pelos shows e pelo tradicional baile à fantasia, cuja realização era da comissão de formatura do Colégio Singular. Mas as nossas domingueiras preferidas foram, sem dúvida alguma, as da Sunshine e do São Caetano Esporte Clube. Íamos em bando para o tradicional São Caetano, que, por um bom tempo, teve a equipe da Toco comandando o som. Diferentemente da Sunshine, que era muito mais direcionada para a *black music*, a seleção do clube era mais eclética e abria clareira para a nascente *new wave* e para o rock de arena. O auge da noite era *I Love Rock and Roll*, de Joan Jett, cantada em coro. O São Caetano reuniu com muita força a nossa galera - lembro-me de muita gente naquela pista de dança “chacoalhante”, entre amigos de bairro e de escola, e turmas parceiras, como a do ginásio Idalina.

Já a Sunshine, ficava em Santo André, no Parque das Nações, e pegávamos o ônibus São Camilo - linha 2 pra chegar lá. Nessa verdadeira “muvuca” que se formava no interior do coletivo,

Flagrante do baile de debutante de Desirée Wolf, realizado em 1984

além da nossa turma, dava o ar da graça muita gente da Barcelona, como o Élcio “Bareta”, o Flávio, o Celso Ragassi, o Vevé, entre muitos outros. Dos nossos, os mais frequentes, além da turma pioneira, eram Quequé, João Alfredo, Celiane, Chiquinho, Fabinho e Maguila. O nosso reduto era a matinê – eu ainda tinha 15 pra 16 anos – e quem pilotava a mesa de som era o Augusto Kano, que depois fez eventos para a Xuxa com a Sunshine Produções.

Ensaivávamos muitos passos em casa e, para tanto, arrastávamos os móveis da sala – minha mãe ficava doida! Uma visão panorâmica da pista de dança da Sunshine realmente era um show à parte: os movimentos sincronizados aliados à batida forte do funk (o funk original, que fique claro) deixavam o lugar com jeito de outra dimensão. Para retomar o fôlego, nada como a sessão romântica, para dançar colado (pois é, nesse tempo, se dançava junto na pista). Nos intervalos entre os bailes, a música também dominava.

Um dos maiores símbolos daqueles tempos era, sem dúvida, o disco de vinil, em formato Long Play (LP), também chamado de “bolachão”, ou em compacto. Eventualmente, ocorria uma “vaquinha” na turma pra comprar disco, mas,

quem efetivamente comprava todo mês, éramos eu, o Zé e o Rogério. Lembro que o Rogério gostava muito de ouvir o programa *Big Apple Show*, da Jovem Pan, com Julinho Mazzei (direto de Nova York), recheado de música *black* americana. E os discos comprados seguiam essa linha. Mas o que sempre permeou as aquisições foi a sede pela descoberta de tesouros escondidos e o ecletismo, independente da vertente seguida pelo artista. Uma bela salada, mas muito bem temperada.

Na verdade, ouvíamos de tudo, pois a turma gostava de dar baile e tinha que existir disco para todas as freguesias. Mas na hora de botar o fone no ouvido, sentar com a capa do disco no colo e entrar em transe, aí a gente escolhia a dedo – e biscoito fino não faltava.

Então, em pleno início de 1982, tomamos um susto: sintonizando a FM, nos deparamos com um cara pedindo batata frita! Era a Blitz, banda carioca que invadia as rádios paulistas com um vigor nunca antes visto em se tratando de banda pop nacional. Enquanto isso, uma certa “galeria do rock”, no cen-

tro de São Paulo, bombava de garotos com roupas rasgadas, tachinhas e correntes: eram os punks! O primeiro punk que conheci pra valer foi o Wilsão, que tinha um moicano gigante no topo da cabeça e me foi apresentado pelo Átila, amigo



Acervo/Rogério Engemann

de composições, quando o visitamos em sua casa, no Ipiranga, por volta de 1983.

Quem também tinha muito apreço pelo disco de vinil era o Egon, que tinha uma discoteca razoável de MPB e rock, graças a sua irmã mais velha que vivenciou tempos de *flower power* tupiniquim. Em sua casa, na Rua Alegre, eu, Zé, Valmir, Romano e outros colegas do ginásio e da rua curtimos muitos ícones dos anos 1960 e 1970, como Secos & Molhados, Os Mutantes, Rolling Stones e Pink Floyd. Um quarteirão pra cima do Egon, dois irmãos descendentes de lituanos gastavam

Sempre pronta para os bailes, a equipe de som do bairro. Da esquerda para a direita, vemos: Rogério, Márcio, Rica, Malu, Carlão, Zequinha e João (B.Good)

DOMINGO
DIA
17
ABRIL

SUNSHINE
MUSIC

DOMINGO
ÀS
19:00
HORAS

MARATONA - 83

**Venha c/ qualquer
Traje relacionado
a um Esporte**

\$ 30 MIL EM DINHEIRO P/ O MELHOR

Dia 15 de Maio Sorteio de mais
uma Moto HONDA CG 125cc. "0Km"

na SUNSHINE

**Rua Inglaterra, 7 - Fone: 446-2045
Parque das Nações - Santo André**

Folheto da Sunshine, de 1983, convidando público para maratona de dança, com premiação em dinheiro para o primeiro lugar

à Rua Santa Ifigênia, no centro de São Paulo, e em lojas como Sebo de Elite, Ufo's Som, Eric Discos, Merci, Museu do Disco e Hi-Fi para contentar os dois extremos dentro da turma: os "técnicos", que piravam nos equipamentos e suas novidades, e os "discomaniacos", que fuçavam raridades e lançamentos de discos. Os técnicos eram: Rogério, Zequinha, Douglas, Márcio, Marqueta, Rica, B.Good e Leo (irmão do Rogério e o mais novinho). Os discomaniacos, eu, Zé, Egon e Rogério - o grande Fabinho, um pouco depois, completou o quadro. Uma vez, saímos eu, o Rogério e o Zé pra comprar disco e literalmente "raspamos os cofrinhos". Era o auge do Plano Cruzado e os LPs estavam muito baratos. Chegamos ao centro de São Caetano e entramos na loja do Alemão (como chamávamos a Belrus), um dos pioneiros em venda de discos na cidade, que acabou tendo seu estabelecimento destruído, posteriormente, por um incêndio - o mesmo que atingiu o Bazar Glória e toda a esquina próxima às Casas Bahia. O Zé, que estava com uma sacola da Cooperhodia na

no prato da vitrola os LPs de uma certa banda genial de Liverpool, e tentavam acompanhá-la: o mais velho com o violão e o caçula batendo na madeira (enquanto guardava dinheiro pra uma bateria de verdade). Eram Marcelo e Ricardo, os irmãos Mazuras, que me fizeram aprofundar no som dos geniais The Beatles.

Paralelamente, o Rogério se desdobrava nas expedições

mão (pois é, a COOP ainda era Rhodia e a sacola, de papel), despejou todo o conteúdo no balcão e começamos a contar as patacas - era moeda que não acabava mais! Cada um levou um LP e ainda sobrou dinheiro!

Os discos eram comprados para nosso lazer, mas também para abastecer a discoteca da equipe de som que se formava dentro da turma - Márcio, B.Good e Marqueta aderiram às fileiras. Alguns, já trabalhando, começaram a frequentar shows alternativos em casas como Jazz and Blues, em Santo André, Duboiê Bar, no centro de São Caetano, e St. Germain, em São Paulo. O emergente B.Rock, com bandas como Legião Urbana, Titãs e Paralamas do Sucesso, já atraía shows concorridos para a região, principalmente no São Caetano Esporte Clube e no Aramaçan. Época de discotecagem na turma, do *Rock in Rio* e da entrada oficial do Brasil no circuito internacional de shows.

As domingueiras originais se deram no período entre 1981 e 1984, estourando em 1985. Na sequência, a gente começou a desbravar pra valer a capital São Paulo e, conseqüentemente, a frequentar novas danceterias, como Up and Down, Madame Satã e Latitude. Nesse ínterim, pairou a sombra *dark* sobre os frequentadores: olheiras, roupas pretas e maquiagem pesada adentraram as casas noturnas e até as matinês; na trilha sonora "gótica", Bauhaus, Joy Division, Sisters of Mercy. As fases se sucediam e a Turma do Ponto ia assimilando tudo; eu (e meu inseparável paleto xadrez) continuava em todas e mais algumas. Afinal, éramos jovens, e todo jovem acredita com todas as suas forças que o presente momento vivido é infinito. **R**

MARCOS MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009 E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.

Oscar Garbelotto e João Tarcísio Mariani

São Caetano: alviverde ou alvinegro?



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Equipe do São Caetano Esporte Clube, em foto de 1929

Aproveitando que o assunto do *Em Foco* é esporte, nada melhor do que lembrar uma história da nossa querida São Caetano do Sul lá do fim da década de 1920, quando tínhamos o São Caetano Esporte Clube (SCEC), fundado em 1914, e cujo time de futebol, em 1928, merecia ser considerado excepcional.

O saudoso Luiz Martorelli, um dos fundadores do clube e o seu segundo presidente, foi quem, há muitos anos, lembrou esta história e a contou a Oscar Garbelotto, que, recentemente, compartilhou-a conosco, e ela não poderia, de maneira alguma, ficar guardada.

O SCEC filiara-se à Associação Paulista de Sports Athleticos (Apea) e começava a disputar a

segunda divisão, chegando a sagrar-se vencedor do Campeonato do Interior em 1928, em final disputada com o Botafogo F.C., de Ribeirão Preto, no campo do Clube Atlético Sílex, no Bairro do Ipiranga, vencendo por 2 a 0.

Enquanto São Caetano se tornara campeão do interior, o Palestra Itália, de São Paulo – que, na Segunda Guerra Mundial, seria rebatizado como Sociedade Esportiva Palmeiras –, por sua vez, havia conquistado, no mesmo ano de 1928, o tricampeonato da Taça Interestadual de Campeões São Paulo-Rio de Janeiro, também conhecida como Taça Competência.

Recordemos que, na época, a população de São Caetano era maciçamente constituída por italianos, naturalmente simpatizantes do Palestra Itália. Isso explica bem por que, ao co-

memorar a conquista de 1928, o São Caetano decidiu convidar para um jogo amistoso nada mais nada menos que o Palestra Itália. Essa partida foi realizada no ano seguinte, em 1929, quando eram presidentes do SCEC, João Jacob Lorenzini, e do Palestra, o conde Eduardo Matarazzo.

E lá veio o time completo do Palestra Itália: Perth; Bianco e Miguel; Xingo, Goliardo e Serafini; Tedesco, Heitor, Armandinho, Lara e Perillo, para, como se diz hoje em dia, entregar as faixas ao São Caetano de Luccas, Fiorotti e Moura; Estanislau, Braido e Eduardo; Lorenzini, Zanella, Batista, Guerreiro e Chiquitin.

Curiosamente, poder-se-ia dizer que a torcida do São Caetano era também, em sua esmagadora maioria, a torcida do Palestra. Para dar mais importância ao amistoso, veio também um juiz, da já citada Apea, da capital, para apitar o memorável jogo. E, por falar nisso, vale a pena lembrar que, naquele tempo, o linguajar esportivo também chamava a partida de futebol de prélio, contenda, peleja, porfia (estava mais para batalha do que para esporte).

Iniciada a partida, o jogo transcorria em clima amistoso, mas apenas do ponto de vista do Palestra. Os jogadores do

São Caetano, além de serem bons - jogando em um campo não tão bom, mas que conheciam bem -, estavam motivados a mostrar os seus talentos para, quem sabe, em breve, chegar ao Palestra.

Jogando melhor, o São Caetano fez 1 a 0, depois 2 a 0 e poderia ter feito o terceiro gol, caso o juiz desse um pênalti escandaloso a favor do time da casa, que ele não marcou. Os jogadores e a torcida de São Caetano, embora tendo reclamado, pareciam dispostos a considerar aquilo perdoável num jogo amistoso.

O primeiro tempo estava terminando em 2 a 0, quando o ilustre árbitro “inventou” uma penalidade máxima a favor do Palestra. Apesar das reclamações de jogadores e torcida, agora mais veementes do que no pênalti não marcado para o São Caetano, ainda assim, se deixaram convencer pelo pedido dos jogadores do Palestra, no sentido de que era só um amistoso.

Batido o pênalti, marcado o gol: 2 a 1, terminou o primeiro tempo. Hora de acalmar os ânimos, muito mais da torcida do que dos jogadores do São Caetano. Bola rolando, começa o segundo tempo do espetáculo. Parecia que tudo estava, devidamente, tranquilizado. Mas havia ainda muito mais emoção

pela frente do que poderiam suportar os torcedores do SCEC.

Somente à custa das várias faltas cometidas é que o ataque do São Caetano estava sendo contido. Faltas fora da área e, pelo menos duas delas, dentro da área, e nada do juizinho marcar. Tudo ficou pior quando ele mostrou que tinha vindo até aqui mais para ser protagonista do que qualquer um dos personagens do jogo. Eis que ele anula um gol absolutamente legítimo do São Caetano, gerando chiadeira geral e um tempo enorme para acalmar a torcida. Pensa que o juiz se intimidou ou voltou atrás? Não, o que era para ser, com justiça, 3 a 1, permaneceu no 2 a 1. Para completar a festa, o desprezível árbitro, lá pelo meio do segundo tempo, perpetra o seu plano maligno ao marcar um pênalti inexistente a favor do Palestra, algo como “provocar a onça com vara curta”. Os torcedores do São Caetano começam a cogitar a possibilidade de parar de xingar a progenitora do árbitro e partir para “arbitrariedades” menos dignas.

Dava a nítida impressão de que até os jogadores do Palestra estavam incomodados com a situação, mas já que o juiz marcara e os ânimos haviam sido temporariamente contidos, lá foi a penalidade batida e convertida: 2 a 2! Resulta-

do que, provavelmente, era o esperado pelo juiz, pensam os queridos leitores. Ledo engano!

Perto do final da partida, para fechar com chave de ouro, o São Caetano faz o terceiro gol e, enquanto os jogadores e a torcida comemoravam, o juiz anulava o gol legítimo. De repente, como que orquestrados, os torcedores que já estavam em pé, comemorando o gol, correram enfurecidos para acabar com a carreira do juiz e prestar-lhe homenagem póstuma, no campo ou, eventualmente, na “campa”.

O linchamento era iminente. O árbitro, que estava posicionado do lado favorável à saída em direção à estação de trem, partiu em desabalada carreira. A torcida iniciou a perseguição, saindo da única arquibancada existente, que ficava do lado oposto de onde o árbitro iniciou a fuga. O excelente preparo físico do juiz lhe permitiu chegar esbaforido até a estação e lá, graças à diligência do chefe da estação de trem (não de diligência no sentido legal), que o viu perseguido e escutou o clamor da multidão ensandecida, rapidamente o fez subir no trem que estava parado na plataforma.

Quando os torcedores chegaram à estação, por ordem do chefe ao maquinista do trem, este partiu imediatamente e não permitiu que a turba alcançasse o juiz branco e molhado. Branco de medo e molhado de incontinência sudorífera e urinária.

Caso tivesse ocorrido o linchamento, hoje seria tema a ser encaminhado para análise do amigo sociólogo prof^o José de Souza Martins e, provavelmente, saberíamos o nome do ignóbil juiz. Como não aconteceu, apesar de que méritos para isso o árbitro reuniu de sobra, talvez porque ele saiu dessa vivo, ninguém fez questão de gravar ou lembrar o nome do “figurinha carimbada”.

Um amigo que conhecemos em Recife (Pernambuco), chamado Luiz Paixão, tinha uma frase lapidar para explicar episódios como esse do

juiz, do que ele aprontou e do fato de ter saído são e salvo: “Deus protege os ignorantes”. Bem, e daí? O que tem a ver essa história com o título da crônica *São Caetano: alviverde ou alvinegro*?

Revoltados, muitos italianos torcedores do São Caetano e, antes também do Palestra Itália (Palmeiras), em sinal de protesto contra as atrocidades praticadas pelo juiz, decidiram que o “alvo” seria o alviverde e resolveram passar a torcer pelo Corinthians, o arquirrival, portanto, o alvinegro.

Curiosamente, algumas famílias do Bairro da Fundação, antes simpatizantes do Palestra, após esse episódio de 1929, deram ao alvinegro um contingente de torcedores: Garbelottos, Lorenzinis, Martorellis e tantos outros que, possivelmente, jamais assumiriam uma paixão italiana corintiana. **R**

Apêndice:

- Se alguém tivesse cronometrado o tempo que o juiz fez, correndo do campo do São Caetano até a estação de trem, provavelmente, hoje o Usain Bolt não teria essa fama toda. E, se o Bolt é considerado o “raio”, aquele juiz, provavelmente, seria o “raio que o parta”.

- Se alguém lembrar ou tiver registro de mais detalhes desse amistoso inacabado, por gentileza, nos encaminhe por meio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

OSCAR GARBELOTTO

É ADVOGADO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA USCS (UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL). PESQUISADOR DA HISTÓRIA LOCAL. FOI ATLETA MILITANTE DO SCEC DE 1948 A 1955, COMO PUPILO DO COMPETENTE JOSÉ CRIVELARO, E PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO DO CLUBE POR DIVERSAS GESTÕES.

JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É CONSULTOR DE EMPRESAS E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marcílio de Castro Duarte

Uma família, um moinho e uma cidade

A aventura dos Maciotta no Brasil



Crédito/Colégio Real Maciotta

Casa dos Maciotta quando ainda moravam nas dependências do moinho. Ao centro, em pé, vemos Federico Maciotta. Sua mulher, Antonieta Cremma, está sentada a seu lado. Em pé, de branco, Eugênia, viúva de Ottavio Maciotta, falecido em 1912. O garoto sentado com seu cachorro é Giulio Maciotta, filho de Ottavio. A mulher de vestido branco, sentada na varanda, não foi identificada. Foto de cerca de 1912-1914

A história da família Maciotta tem início na Idade Média, quando um homem, conhecido apenas como Maciotta, filho de Manfred Alagona, senhor feudal siciliano, se rebelou no final do ano 1330 contra o Rei Martino (1372 -1409), na região da Sicília, mais precisamente ao norte, onde é banhada pelo Rio Crimiso, chamado pelos italianos de Fiumefreddo (o Rio Frio). Foi a partir desse ato de desobe-

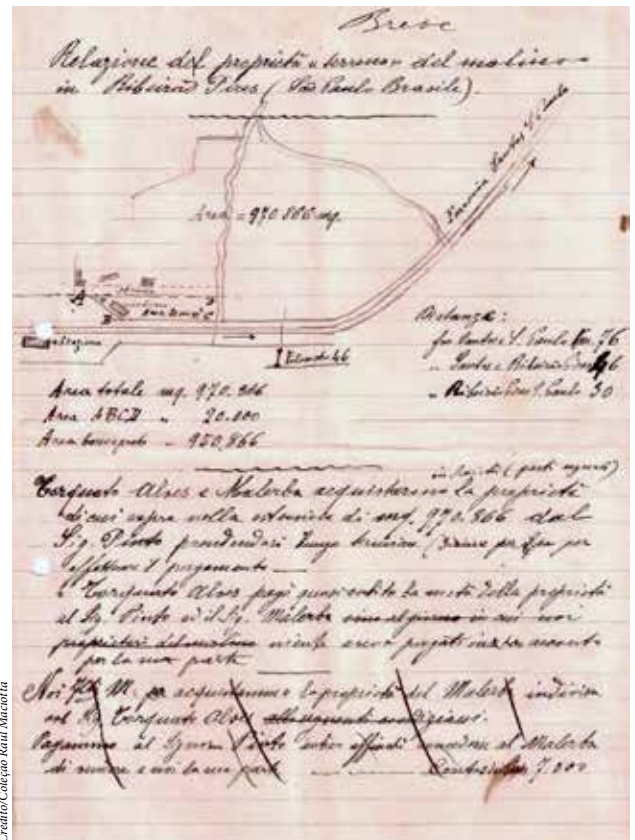
diência ao rei que Maciotta, ligado à terra, adquiriu e ampliou seus direitos feudais privados, tornando-se influente. No mesmo período, Maciotto Montaperto, também senhor feudal, surge na comuna de Troina, província de Enna, região da Sicília, só que mais ao centro. Assim, a origem dos Maciotta fica entre Maciotta e Maciotto, não se sabendo precisar quem deu o disparo da ampulheta. Acredita-se que Maciotta seja uma variação de Maccius, mas isso é apenas conjectura. Não se sabe por qual razão saíram do extremo

sul da Itália para o norte, na província de Piacenza, região de Emilia-Romagna. Foi lá que se assentaram definitivamente e se multiplicaram, dando origem a inúmeros descendentes.

O ramo dos Maciotta que veio ao Brasil era da comuna de Quittengo, um pequeno município da província de Biella, que fica na região do Piemonte, ao lado da de Emilia-Romagna. Não por acaso, Biella tem esse nome – é lugar de extrema beleza e está situada na encosta dos Alpes, conhecidos como *Alpi Billiesi*. No século 19, experimentou períodos de ebulição industrial, tornando-se conhecida por suas indústrias têxteis. Até hoje, veem-se preservadas suas construções fabris oitocentistas e suas chaminés de tijolo, coexistindo harmonicamente com a natureza e edificações contemporâneas. Nesse lugar, nasceram e cresceram Federico, Anacleto e Ottavio, filhos de Cipriano Maciotta. Sua inclinação industrial logo seria despertada, quando, por volta dos 30 anos, os irmãos decidiram abrir uma empresa.

A Fratelli Maciotta - Em janeiro de 1891, Federico, Anacleto e Ottavio lavram, em Gênova, a firma comercial Fratelli Maciotta e C. Basicamente, a firma estipulava a finalidade da Fratelli Maciotta e a função de Federico como diretor-geral, cujo capital fora estabelecido em 10 por cento. Em 1895, desembarcam em São Paulo, fixando residência na Rua Conselheiro Furtado, nº 12 (atualmente demolida). Federico emprega-se como servidor público do Estado. Após esse curto período como desenhista de 2ª classe da comissão de saneamento do Estado de São Paulo, desliga-se do cargo, passando a atuar como profissional liberal. De início, oferecendo serviços como perito agrimensor. Fluente em inglês, francês e italiano, prestava-se a fazer, além de medição de terra, estudos orçamentários, construções e liquidações de obras, atuando também como vendedor de casas, máquinas e materiais para construção. Apesar da distância, atendia a chamados no interior de São Paulo.

Entre um atendimento e outro, Federico ganhava tempo para colocar em prática o empreendimento do moinho. Foi assim que, em 1897, decidiu alterar o contra-



Crédito/Coleção Raul Maciotta

to social, transferindo a sede da firma de Gênova para a capital de São Paulo. Com recursos próprios, negocia o terreno. Em seguida, projeta o moinho e o edifica. Depois, importa o maquinário e o coloca em funcionamento, contratando, por fim, funcionários e administrando o negócio. Federico e seus irmãos eram capitalistas autênticos: abraçavam os preceitos do mercado, cumprindo a máxima do *laissez-faire* – dependiam deles mesmos, pagavam seus impostos, acreditavam no potencial de sua indústria e, mesmo na falência, arcaram com tudo sozinhos – o que os coloca na galeria dos desbravadores da indústria paulista.

No Brasil, Federico mantinha-se à frente da direção-geral, com 10 por cento do capital. Era o responsável pela administração, correspondências, con-

No documento acima, lê-se: 'Breve relação da propriedade da propriedade <<terreno>> do moinho em Ribeirão Pires (São Paulo, Brasil)'. Vemos que se trata de um documento para o acerto de compra da área onde se instalou o moinho, e a preocupação dos Maciotta com a distância entre a capital, Ribeirão Pires e o porto de Santos, fundamental para a logística e escoamento da produção: 'Distância para Santos e São Paulo - 76Km / Santos e Ribeirão Pires - 46Km / Ribeirão Pires a São Paulo - 30 Km'. Em outra parte, Federico anota como pretende dividir sua propriedade: 'Área total 970.866 metros quadrados / Área ABCD (do moinho), 20.000 metros quadrados e área de bosque e prado 950.866 metros quadrados'.



Reproduções da planta do Molino di Semole Fratelli Maciotta, de 1898

tabilidade e caixa do moinho. Enrico Rimorino assumia a função de encarregado da guarda técnica e os demais sócios ocupavam-se com outras tarefas relacionadas ao negócio. Em 9 de outubro de 1900, a firma é oficialmente transferida e registrada com sede na praça de Ribeirão Pires, na Rua 15 de Novembro (atual Avenida Santo André), instalando de modo definitivo o Molino di Semole Fratelli Maciotta e C., comercialmente chamado de Moinho de Ribeirão Pires.

No meio da paisagem, um moinho - A Ribeirão Pires daquele final de século 19 era um recente distrito de paz pertencente a São Bernardo e um espantoso sítio de terras devolutas. Posseiros faziam pequenos beneficiamentos para justificar o latifúndio e ludibriar o Governo Imperial, já preocupado com o desrespeito à Lei de Terras (1850), mas muito inábil na aplicação da norma e na fiscalização desses invasores. O caso mais obscuro é o das terras do major Claudino Pinto de Oliveira, que oficialmente vivia do ordenado de seu cargo de capitão, mas figurava como proprietário de nada menos que 900 hectares de terra. E, no meio daquela paisagem exuberante, por onde passava o límpido e caudaloso Ribeirão Grande¹, decidiram os Maciotta comprar uma

parcela de 970 mil metros quadrados, pela qual pagaram 20 contos de réis (contos equivaliam a milhões). A área abrangia toda a região onde hoje se encontra a Vila Mortari, o Morro Santo Antônio e terminava na atual Vila Sueli, a caminho de Mauá.

A edificação do moinho naquele meio do nada foi basilar para a urbanização da cidade e remonta ao período em que surgiram os primeiros pavilhões industriais do Estado de São Paulo. Suas características arquitetônicas, incredivelmente preservadas após 117 anos de transformações urbanas, são peculiares desse período “romântico” da industrialização paulista. Testemunho edificado da história, resume em si o arrojo de três imigrantes, que construíram no meio de uma cidade embrionária o seu primeiro prédio industrial.

Em termos arquitetônicos, o que se pode extrair da técnica construtiva é o seu sistema de travamento de tijolos e a argamassa de saibro, bastante arenosa, feita de cal e areia grossa. A fundação, com cerca de dois metros de profundidade, é constituída de largos blocos de granito. Os pavimentos, as portas, esquadrias, caixilhos e assoalhos eram de madeira e a cobertura feita de telhas nacionais. Havia uma fornalha abaixo do nível térreo sobre a qual ficava um reservatório de água, que fazia parte do sistema de caldeira flamo-tubular e que, provavelmente, encontrava-se aterrada. O fumo dessa caldeira era expelido pela chaminé, que adota o padrão das fábricas europeias. A moenda do trigo era feita por meio de seis cilindros completos – caldeira, cilindro, pistão e condensador. Além disso, faziam parte do complexo industrial um balcão para armazenar o frumento e farinha, uma pequena serra-ria, uma vila operária e a residência original dos Maciotta, que depois se mudaram para a Rua Olímpia Catta Preta (residência já demolida). Ao todo, foram investidas 500 mil libras italianas

para o projeto, que formava uma área construída de 450 metros quadrados.

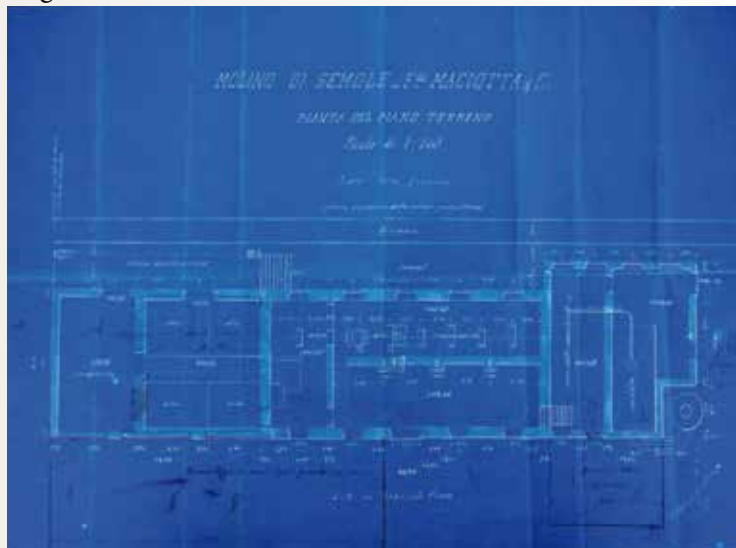
O pão era um bom negócio - No Brasil oitocentista, comia-se feijão, farinha de mandioca, milho, canjica, carnes salgadas e peixe. No lugar do pão, um alimento inacessível, eram comuns a broa de milho, a polenta e o fubá. O pão passa a fazer parte da mesa brasileira com a vinda da corte portuguesa, fortalecendo-se gradualmente no período Joanino e, depois, com a chegada de imigrantes portugueses e italianos. Até a metade da década de 1880, o pão era importado da Europa, dos Estados Unidos e, eventualmente, do Chile, no período de entressafra, sendo, posteriormente, importado do Uruguai (Montevideu) e Argentina (Santa Fé). Essa situação só vai mudar em 1887, quando se inauguram no Rio de Janeiro as duas primeiras fábricas moageiras do país: o Moinho Inglês e o Fluminense, então autorizadas pela Princesa Isabel. A província de São Paulo era ainda dependente da importação e revenda das farinhas fabricadas no Rio de Janeiro, o que tornava o custo do pão muito alto. Culturalmente, havia certa resistência à farinha nacional; a importada era sinônimo de qualidade. A grande vilã era a farinha falsificada, constantemente alardeada nos anúncios que vendiam a farinha original e frisavam sua qualidade. Os revendedores de farinha nacional, por sua vez, respondiam afirmando que o produto fabricado aqui era fresco e puro, com grande vantagem em relação à estrangeira.

De qualquer modo, o fabrico de farinha em solo nacional fez explodir a abertura de padarias na corte, sendo a maioria de propriedade de imigrantes portugueses. Naquele final de século, o consumo de pão já estava bastante disseminado e os Maciotta perceberam a importância desse negócio. Ao erguerem o moinho em Ribeirão Pires, levaram em consideração a localização, situada a 40 minutos de Santos e São Paulo e na beira da estrada de ferro, ideal para o

escoamento da produção. Fabricavam a farinha Flórida, a partir do grano duro, uma espécie de trigo nobre, típico de Portugal e Itália, rico em cálcio, ferro e magnésio. Foi fundamental para o barateamento do pão e para o surgimento de panificadoras na região do Grande ABC, capital paulista e Baixada Santista.

A inovação tecnológica - Analisando os documentos da época, é plausível afirmar que o Moinho Fratelli Maciotta inaugura em São Paulo a tecnologia da moagem por cilindro. Todo esse maquinário teria vindo de navio, da Inglaterra para Santos, e desta para Ribeirão Pires, a trem de lastro. Não era pouca coisa. Um artigo de jornal de época da Austrália mostra que esse tipo de processo estava começando a se difundir pelo mundo industrializado e já era bastante utilizado na Europa desde 1873, quando de seu patenteamento pelo engenheiro húngaro Andrew Mechwart. O sistema consistia na substituição da pedra pelo cilindro metálico rotativo, com regulador de pressão. Comercializados pela austríaca Ganz & Co., havia dois modelos no

Reprodução de outro aspecto da planta do Molino di Semole Fratelli Maciotta, de 1898



Cedência/Calcado Raul Maciotta



Crédito: Scudryni, M.V., Coleção Centro de Documentação Histórica de Ribeirão Pires/ Museu Histórico Municipal

Vista externa do antigo moinho no início da restauração, em 2003. A foto revela o núcleo original da fábrica, com o pavilhão (baraccone) para depósito de farinha, farelos e o trigo do tipo grano duro. Ao centro, o prédio principal, onde era feita a moagem do trigo e operavam as máquinas. No terceiro pavilhão, da esquerda para a direita, ao lado da linha férrea, ficava o mezanino onde os sacos de farinha eram carregados nos vagões. A chaminé, ao fundo, estava claramente fora do prumo e corria o risco de ruir.

mercado: o simples e o conjugado, ambos de ferro fundido, dotados de três polias com capacidade de 150 rotações por minuto, um tubo de alimentação e um purificador, que separava o farelo da farinha, tornando-a mais limpa e fina. Essa era a qualidade da farinha Flórida, dos Maciotta.

Os negócios desandam - O negócio dos Maciotta, por algum motivo desconhecido, não ia bem. Em 1904, João Ugliengo² se retira das obrigações do Moinho de Ribeirão Pires para fundar, em Santos, o Moinho Santista S.A. Em 1906, começam a surgir protestos na praça. Entre os credores, o Brasi-

lianische Bank für Deutschland. Quatro anos depois, o moinho é alugado para Egydio Pinotti Gamba, proprietário da Gamba & Companhia (Mooca), pelo valor de 4\$000 (quatro mil réis) mensais. Em 1914, Federico volta a trabalhar como profissional liberal. Apesar das inúmeras tentativas, o moinho não gera lucros suficientes para pagar a hipoteca da propriedade aos credores, razão pela qual, em agosto de 1915, Federico, João Ugliengo e as viúvas de Anacleto e Ottavio concordam pela dissolução da firma. Em 7 de outubro de 1916, realiza-se em São Paulo uma hasta pública no valor de 120 contos de réis pela Caixa Mútua de

Pensões Vitalícias – é o fim da sociedade Fratelli Maciotta & C.

Federico sofrerá ainda, em 1914, outro intenso golpe com a morte de seu filho Guido Maciotta, de apenas 9 anos. Sabe-se que, após esses acontecimentos, desistiu da vida de industrial e passou a viajar pelo mundo, finalmente retornando ao Brasil para morar em Campinas, até sua morte em 1930. Seus restos mortais foram enviados para o Cemitério São José, em Ribeirão Pires, no jazigo onde repousam também sua esposa, filho e outros familiares. Federico deixou a esposa, Antonieta Cremma, e os filhos, Marco, Pia, Orlando, Távola, Túlio e Yolanda. Ottavio deixou a esposa, Marietta, e o filho, Júlio (Giulio, de nascimento). Anacleto deixou a esposa, Fanny Cremma, e o filho, Vittorio.

A importância histórica - Existem registros de um moinho de trigo inaugurado em 1883 na cidade de Campinas, por uma sociedade de italianos, divulgado pelo jornal *A Gazeta de Campinas*. Contudo, é importante frisar que se trata de um moinho movido a vapor com potência de seis cavalos. No ano de 1887, noticia-se a inauguração, em julho e agosto, do Moinho Inglês e do Moinho Fluminense, respectivamente, no Rio de Janeiro. Em 1895, é inaugurado, no município de Rio Grande (Rio Grande do Sul), o moinho Riograndense, que se tornará, posteriormente, a Samrig S.A.. Em janeiro de 1898, o Moinho de Ribeirão Pires é projetado por Federico Maciotta e, operando em 1899, começa a funcionar sob a firma Fratelli Maciotta & C. No mesmo ano, Francesco Matarazzo projeta o Moinho Central, que será inaugurado a 15 de março de 1900. A inauguração do Moinho Santista S.A. (atual Bunge do Brasil) ocorre em 1905, operando a partir de 1908, com a participação de João Ugliengo, ex-sócio da Fratelli Maciotta, entre 1899 a 1904. Em 1910, a empresa Grandes Moinhos Gamba e Grandes Indústrias Minetti inaugura sua unidade na região da Mooca, na capital de São Paulo.

Hoje, o antigo Moinho de Ribeirão Pires figura como o quinto mais antigo do Brasil e o segundo de São Paulo, certamente o primeiro se considerarmos sua tecnologia de moagem por cilindros. Seu prédio, com mais de um século de existência, preserva a história da industrialização de Ribeirão Pires, do Grande ABC e de São Paulo, bem como da formação das vilas no seu entorno a partir do século 19, junto à ferrovia.

Por essa razão, em agosto de 2015, o CATP (Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio) elaborou diretriz técnica para admissibilidade de seu reconhecimento como parte do patrimônio cultural do Estado. Com isso, esperamos que a cidade seja agraciada com a oficialização de seu terceiro bem tombado pelo Condephaat (Conse-

lho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico). Permanecendo a salvo como parte de um notável acervo arquitetônico, o antigo moinho contribuirá, ao lado do Conjunto Ferroviário e da Capela do Pilar, para o desenvolvimento turístico e cultural de Ribeirão Pires. É o que esperamos, é o que a região do Grande ABC merece. **R**

Notas:

¹Chamam-no hoje, equivocadamente, de Ribeirão Pires, ou, pior ainda, de "Rio Ribeirão Pires" (uma contradição em si, porque rio nunca será ribeirão e vice-versa). O Ribeirão Grande é o que corta toda a cidade, desde o Pilar Velho, onde nasce, até a Represa Billings, onde faz barra com o Ribeirão Pires. O Ribeirão Pires, que consta em mapas do século 19, corre em outro local, nas imediações da Vila Sueli e Vila Belmiro. Trata-se de um erro histórico que começou a ser cometido provavelmente nos idos da década de 1970.

²De nascimento, Silvestro Giovanni Ugliengo (01/06/1870-11/03/1961), também Comendador João Ugliengo, fundador do Asilo Nerina Adelfa Ugliengo, em Ribeirão Pires, e sócio fundador do Moinho Santista (Grupo Bunge Brasil). Seu corpo está enterrado no Cemitério da Consolação (São Paulo). Foi casado com Giuditta Masserano (13/08/1892).

Referências bibliográficas:

ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 291-335.
 FREITAS, Pedro M. G. *A história da cidade como instrumento de projeto e intervenção: o Núcleo Colonial de Ribeirão Pires*, um estudo de caso. Revista CPC, São Paulo, n. 6, p. 69-101, mai. 2008/out. 2008.
 IANNI, Octavio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: *Imigração Italiana: estudo*. Caxias do Sul: UCS-EST, 1979. p.11-2.
 MACIOTTA, Raul. *Acervo particular*. Ribeirão Pires (SP): Museu Histórico Municipal Família Pires/Centro de Documentação Histórica – CDH.
 MEDICI, Ademir. *Vamos fazer tijolos? Informações e dicas sobre a formação étnica, social e urbana de Ribeirão Pires*. Ribeirão Pires (SP): s.n., 1996. 339 p.
 REGNO D'ITALIA. *Privata scrittura*. Gênova (ITA): Acervo particular de Raul Maciotta, 1891.
 SANTOS, Wanderley. *História de Ribeirão Pires*. Ribeirão Pires (SP): Museu Histórico Municipal Família Pires/Centro de Documentação Histórica – CDH, 1974. 68 p.

Sites:

ACERVO ESTADÃO. *Primeira praça (Anúncios)*. São Paulo (SP): O Estado de São Paulo, 1916. p. 10. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2016.
 _____. *Engenheiros (Anúncios)*. São Paulo (SP): O Estado de São Paulo, 1914. p. 7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2016.
 ARQUIVO POA. *O início do modernismo em Porto Alegre*. Disponível em: <http://arquivo-poa.blogspot.com.br/2014/03/o-inicio-do-modernismo-em-poa-moinho.html>. Acesso em 01 mar. 2016.
 MOAGEM DE TRIGO. História da Moagem de Trigo. Disponível em amoagemdetrigo.blogspot.com.br. Acesso em: 01 mar. 2016.
 NATIONAL LIBRARY OF AUSTRALIA. *Burra Record 1878-1954: Burra Boiler Mills*. Burra (AUS): Burra Record, 1885. Disponível em: <http://trove.nla.gov.au/newspaper/article/36018727>. Acesso em: 01 mar. 2016.
 PRÓ-MEMÓRIA DE CAMPINAS. *Personagem: Rocco de Marco*. Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/search?q=rocco>. Acesso em 01 mar. 2016.
 THE GLOBAL MILLER. *Openfield loads 25,000 tonnes of oilseed rape for Turkey*. Disponível em: gmt.blogspot.com.br/2015_02_01_archive.html. Acesso em: 01 mar. 2016.
 WIKIPÉDIA. *Mechwart András*. Hungria: Wikimedia Foundation. Disponível em: https://hu.wikipedia.org/wiki/Mechwart_Andr%C3%A1s. Acesso em: 01 mar. 2016.

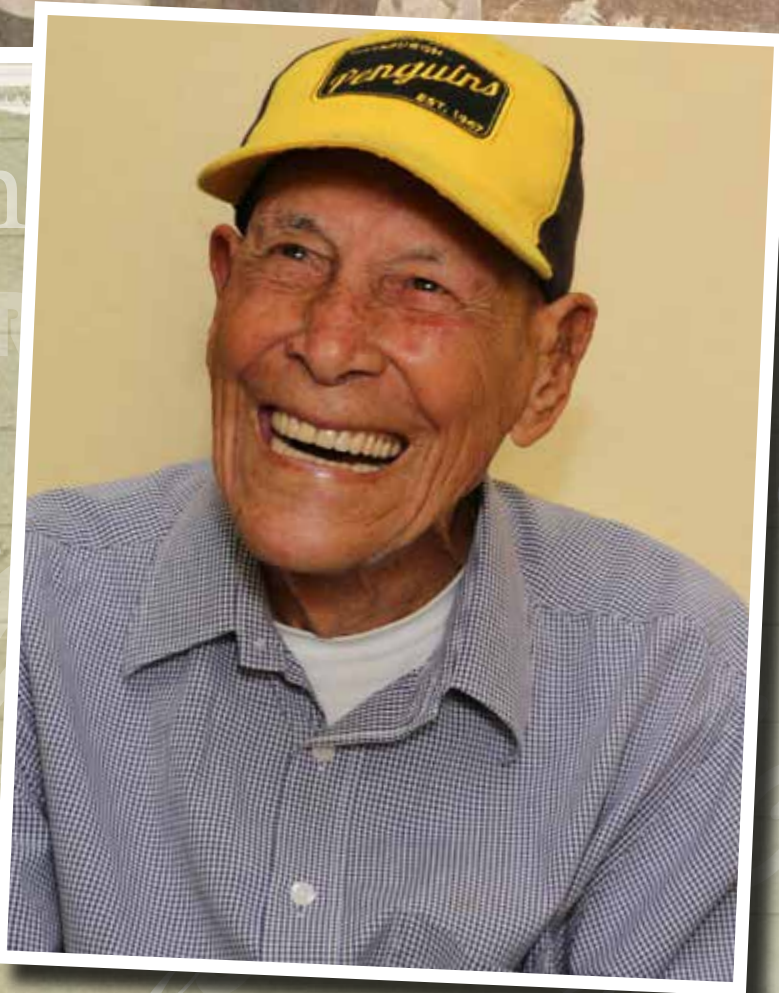
MARCÍLIO DE CASTRO DUARTE

FOI SECRETÁRIO-ADJUNTO DE CULTURA DE RIBEIRÃO PIRES E COORDENADOR DO CATP (CENTRO DE APOIO TÉCNICO AO PATRIMÔNIO). ESPECIALIZADO EM GESTÃO CULTURAL PELA ECA/USP, CERTIFICADO EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL (PCI) PELA UNESCO E IPHAN E PÓS-GRADUANDO EM GESTÃO E POLÍTICAS CULTURAIS PELA CÂTEDRA UNESCO DE POLÍTICAS CULTURAIS E COOPERAÇÃO – UNIVERSITAT DE GIRONA (ESPANHA). É MEMBRO TITULAR DO CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE RIBEIRÃO PIRES.

Memória Fotográfica

Foto: Antonio Reginaldo Cauthoni (FPMSCS)

Antonio Jobas completou 100 anos em 25 de fevereiro de 2016. Nascido em Poços de Caldas (Minas Gerais), mudou-se para São Caetano no final da década de 1940, acompanhado pela esposa, Injovina Montevecchio (falecida em dezembro de 2015, aos 94 anos de idade), e por três filhos: Altair, Valmira e Celita. Outros três nasceram em São Caetano: Vera Lúcia (falecida aos 7 meses de idade, vítima de meningite), Maria Helena e Marli. Todos moram em São Caetano e se revezam no auxílio ao pai, que mora sozinho na casa que construiu há 60 anos, na Rua Piraju, no Bairro Olímpico. Aos 96 anos, ganhou homenagem da A.D. São Caetano, como um dos torcedores mais antigos da torcida Bengala Azul. 'Gosto muito do time e do estádio (Municipal Anacleto Campanella)', afirma sorridente. Nove netos e dez bisnetos compõem a família de Antonio, que aparece na foto abaixo, à esquerda, ao lado da esposa, que carrega Valmira no colo, no início dos anos 1950. Abaixo, à direita, ele exhibe, orgulhoso, a placa que ganhou. E, acima, foto atual de Antonio, tirada em 22 de setembro deste ano, em sua residência.



Arquivo/Antonio Jobas



Foto: Antonio Reginaldo Cauthoni (FPMSCS)

baú de memórias

memória

foto-
gráfica

A partir da esquerda, Alfredo, Henrique Kother, Henrique Kother Filho e sua filha, Miriam Kother. Foto tirada em 1948, entre as ruas Minas Gerais (atual José Benedetti) e São Paulo. Ao fundo, a casa da família Benedetti

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL

Inauguração do primeiro semáforo de São Caetano, na esquina das ruas Baraldi e Manoel Coelho, em 1949, durante a gestão de Angelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito do município

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL



Rua Baraldi, em foto de meados de década de 1950. Em destaque, o Edifício Vitória, inaugurado em 1953 pela família Dal'Mas. Naquele mesmo ano, passou a abrigar o poder Executivo municipal, que se instalou no 2º andar do prédio. Serviu também de sede para os outros dois poderes da municipalidade: o Legislativo (Câmara) e o Judiciário (Fórum)

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL



Foto tirada por ocasião da comemoração do Natal de 1955, realizada no teatro paroquial da Igreja Matriz Sagrada Família. O Papai Noel é Antonio Glayr Santarnecki

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL

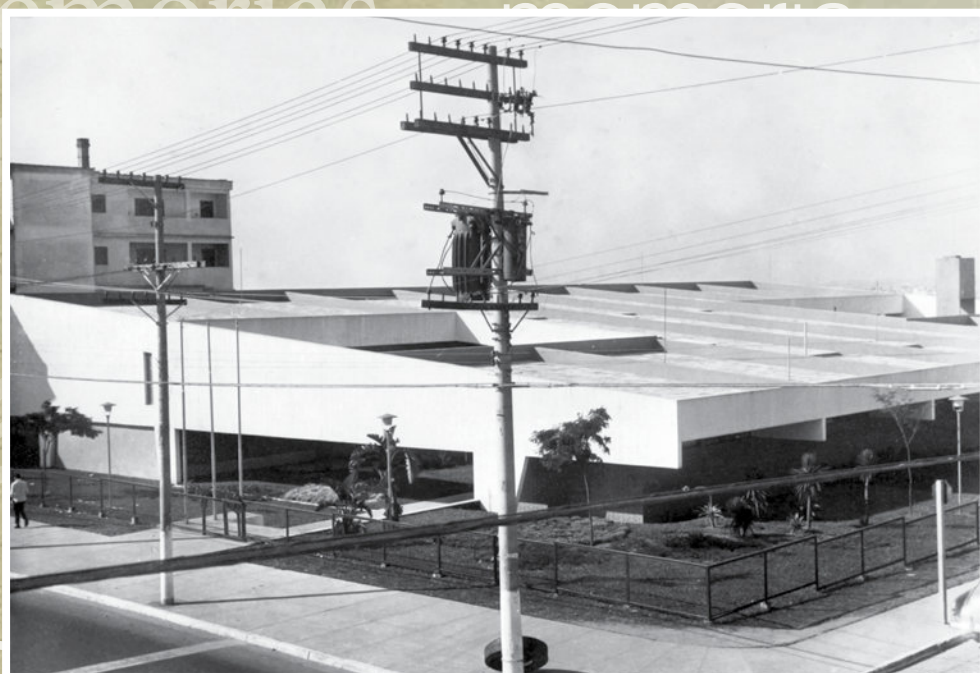


Inauguração do laboratório de análises de qualidade do ar, da Comissão Intermunicipal de Controle de Poluição das Águas e do Ar (CICPAA), na Rua Heloísa Pamplona, no Bairro da Fundação, no dia 2 de abril de 1965. O laboratório funcionou nesse endereço (mais precisamente, na parte inferior do Palácio dos Esportes) até 1971. Ao centro, o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL

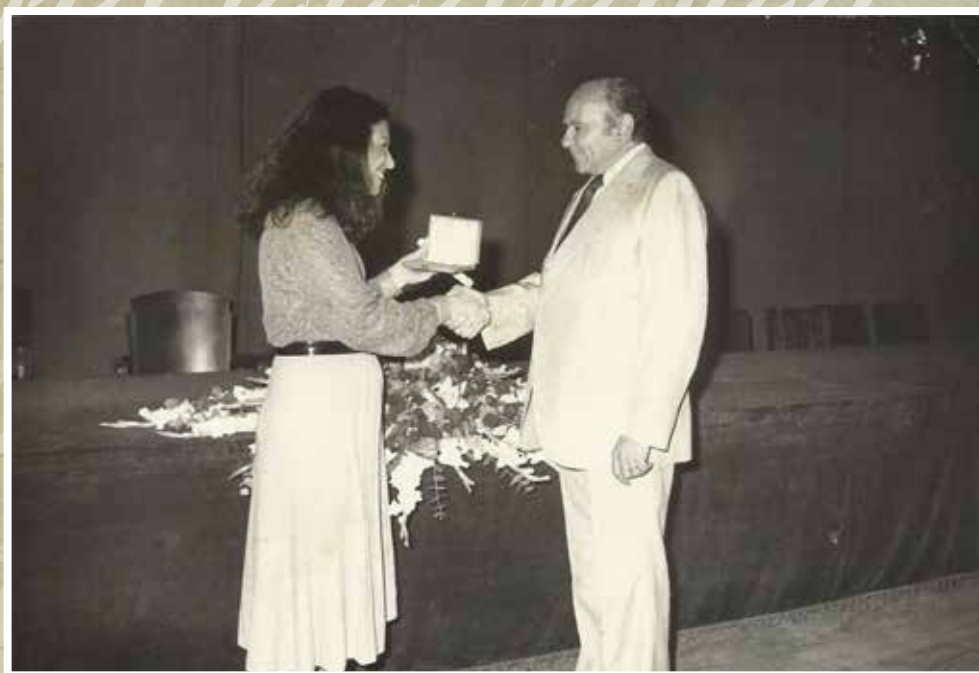
Prédio do então Grupo Escolar de Vila Santo Alberto (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella), na esquina das ruas Visconde de Inhaúma e Cavaleiro Ernesto Giuliano. Foto de 1968

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL



O então prefeito de São Caetano do Sul, Raimundo da Cunha Leite, em foto tirada por ocasião da solenidade de entrega de certificados de conclusão de curso aos formandos do Copi (Curso de Orientação Prático Industrial), realizada no Teatro Paulo Machado de Carvalho, em agosto de 1980

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL





Jovens na pista de patinação Roller Dancing, que se localizava na Avenida Senador Roberto Simonsen, nº140. Foto de 1980

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL

foto- gráfica

Coral dos alunos do antigo Instituto de Ensino de São Caetano do Sul apresentando-se no pátio da escola, que se localizava na Rua Amazonas

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL



Lançamento da pedra fundamental do templo da Igreja Batista, no Bairro Barcelona. Foram identificados: Maurilio Teixeira Martins, Floriano Leandrini e Gentil Monte

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL

memória

foto-
gráfica

baix de memorias



Reunião de políticos de São Caetano realizada na casa de Antonio Barile, na antiga Rua Rui Barbosa, nº 29. Esta rua deixou de existir na década de 1930, quando passou a fazer parte das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM). A via tinha características de reunir moradias de famílias italianas. Lá, no Bar do Cândido Piccolo, nasceu o clube Tropica, que em 1º de maio de 1930 adotou o nome Lázio. A família Barile mudou-se em 1928 para a Rua Heloísa Pamplona, onde mantém propriedade até os dias de hoje. A imagem foi identificada por Brasilina Barile

DOAÇÃO/OSCAR GARBELOTTO

Baú de Memórias

Diploma de auxiliar de escritório de Drausio Fiorotti, emitido pela Escola Técnica de Comércio de São Caetano, em 1955. Nascido em 3 de novembro de 1937, filho de Angelo Luiz Fiorotti e Maria Daré Fiorotti, formou-se ainda técnico em contabilidade, na mesma instituição. Em 1975, graduou-se em ciências contábeis pelo Instituto de Ensino Superior de Santo André

DOAÇÃO/MARIA ANTONIA
FERREIRA FIOROTTI



Casa construída na década de 1940, que pertenceu a Stefano De Nardi, localizada na Rua Ceará, nº 85. A foto é de 2016 e mostra que a construção permanece no local

DOAÇÃO/MARIA DE
LOURDES SANTARNECCHI
DE NARDI



Reinaldo Salmazo, em campo de treino, nas margens do Ribeirão dos Meninos, em 1967

DOAÇÃO/REINALDO SALMAZO



Benedito Molinari, João Molinari e Euclides Molinari (criança) em frente à Colchoaria São Caetano, que ficava na Rua Alagoas, em foto do início da década de 1950

DOAÇÃO/EUCLIDES MOLINARI

RAÍZES E RETRATOS

raízes e
RETRATOS

raízes

RA

Equipe do Clube Atlético Monte Alegre, time campeão Amador do Interior, pela Federação Paulista de Futebol, em 1960. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Daxin, Rugilo, Valentim, Tim, Bertinho, Serginho e Mario Romano (massagista). Agachados, estão: Bororó, Tinho Careca, Sérgio, Marreco e Tião

ACERVO/LUIZ ROMANO

CLUBE ATLETI



CAMPEÃO AMADOR

CO MONTE ALEGRE



DO INTERIOR 1960 F.P.F.

S
TOS
S

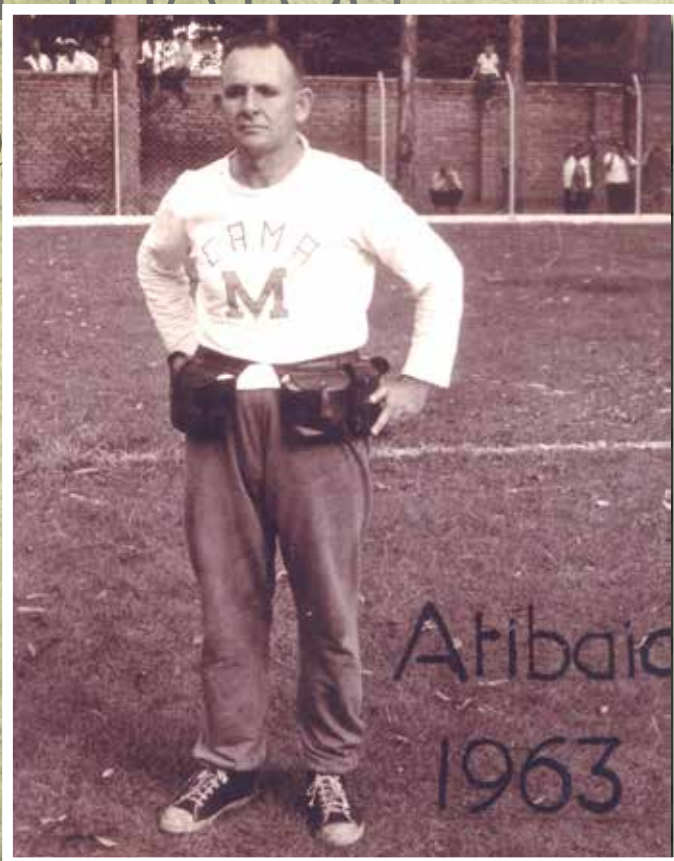
RAÍZES E RETRATOS

João Massolini em frente de sua loja de produtos naturais, que ficava localizada na Rua Alagoas, em foto de 1983. Ele tinha como sócio Ivo Nicodemo

ACERVO/JOÃO MASSOLINI



raízes e
RETRATOS



Mario Romano, massagista do Clube Atlético Monte Alegre, em foto de 1963, em Atibaia

ACERVO/LUIZ ROMANO

retratos

ES e
retratos

raízes e retratos

Alunos do 4º ano do ensino fundamental (antigo primário) posam para foto da Escola Paroquial de São Caetano do Sul, em frente à Igreja Matriz Sagrada Família. Do lado esquerdo, está a professora Irani Saraiva, e do lado direito, o padre Artur. Moacir Ricci é o oitavo da esquerda para direita, na primeira fileira, de frente para trás. Foto de 1952

ACERVO/MOACIR RICCI

raízes e
RETRATOS

Nelson Perdigão representando a cidade de São Caetano do Sul no programa *Cidade contra Cidade*, transmitido pelo SBT, ao lado do apresentador Silvio Santos. Na ocasião, o município enfrentou São José do Rio Preto, e ganhou a disputa de conhecimentos gerais por 3 a 1

ACERVO/NELSON PERDIGÃO



Jardim de infância do colégio Externato Santo Antonio, em 1948. Moacir Ricci é o quarto, da esquerda para direita, na fileira do meio

ACERVO/MOACIR RICCI

retratos



raízes

Equipe do Cruzada Esporte, em foto tirada no campo do E.C. Vila Bela, na abertura do Torneio Início do Campeonato da Liga de São Caetano do Sul, em 1962. Em pé, a partir da esquerda, Negão, Alemão, Ilson, Praça, Claudio Aparecido Marcolino e Caipira. Entre os que aparecem agachados, foram identificados: Paulão (o segundo, a partir da esquerda) e, na sequência, Americano. Na ocasião, o Cruzada Esporte enfrentou o São Cristóvão, equipe que se sagrou campeã de tal torneio

ACERVO/CLAUDIO APARECIDO MARCOLINO

raízes e RETRATOS

Retrato de Marina Nogueira, de 1940. Nascida em São Caetano do Sul, em 1920, foi casada com Agripino Perdigão, e teve três filhos: Nelson Perdigão, Joaquim Perdigão (conhecido como Juca) e Adelino Nogueira Perdigão. Marina era conhecida em São Caetano por conta de seus salgados

ACERVO/NELSON PERDIGÃO



José Alves, então encarregado da Guarda Civil Municipal, posa para foto entre os GCMs José Carlos Souza (à esquerda) e Valmir, em frente à sede da Prefeitura Municipal da época, localizada na Avenida Goiás, nº 600, Bairro Santo Antonio (desde 1992, o Paço Municipal encontra-se na Avenida Fernando Simonsen, nº 566, Bairro São José. Atualmente, o edifício abriga a Câmara Municipal e algumas secretarias). Souza está na guarda de São Caetano há mais de 45 anos. Foto de 1986

ACERVO/JOSÉ CARLOS SOUZA



Equipe juvenil de futebol do São Caetano Esporte Clube. O último, à direita, em pé, é o técnico do time, Nelson Alberto Flosi. Foto de 1923

ACERVO/GENNY FLOSI PASCON



Na movimentada Rua Perrella, no Bairro da Fundação, vemos de atletas do São Caetano Esporte Clube durante a preparação para uma corrida de rua, evento comum na época. Odilon Flosi é o esportista que veste a camisa 12. Foto da década de 1940

ACERVO/GENNY FLOSI PASCON



Movimento na Estação Ferroviária de São Caetano na década de 1960

ACERVO/PEDRO BONESSO



Funcionários do 2º Cartório de Notas e Ofício de Justiça, então localizado na Rua Manoel Coelho, em frente à Praça Primeiro de Maio. Foto de 1975

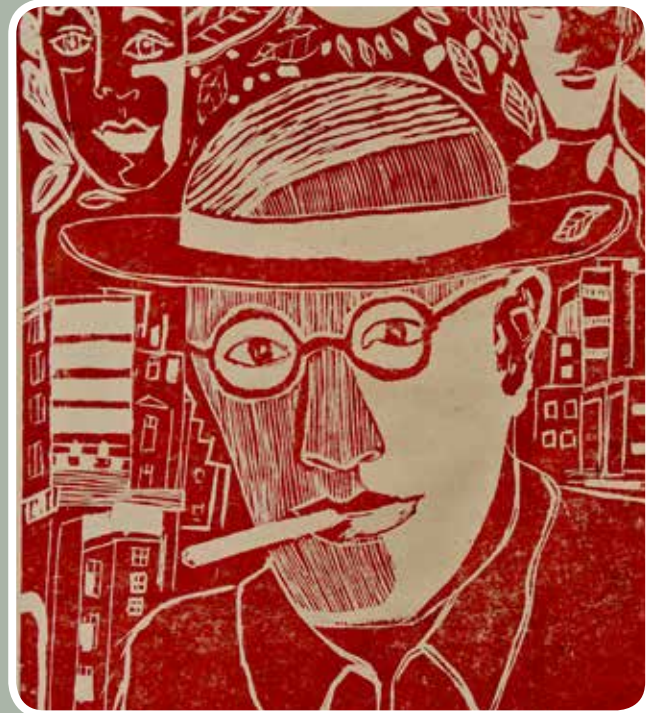
ACERVO/DARCI MARIA MANGIANELLI BEZZI

EXPOSIÇÕES

Xilogravura

Vivências no Ateliê Pedagógico ano II

A exposição, que esteve em sua segunda edição (a primeira foi realizada em 2014), reuniu desenhos, monotípias e, principalmente, xilogravuras, produzidos pelas diversas pessoas que, desde 2013 até este ano de 2016, buscaram no Ateliê Pedagógico da Pinacoteca Municipal um refúgio, um local de trabalho, uma companhia, uma ocupação, um hobby... Há desde pessoas que tiveram seu primeiro contato com a xilogravura por meio do projeto *Sextas com Arte* até artistas já familiarizados com a técnica. A visitação pôde ser realizada de 11 de junho a 26 de agosto, no Espaço Cultural - Casa de Vidro.



Um móvel, uma história

O Museu Histórico Municipal promoveu esta exposição de móveis usados de meados do século passado, mostrando ambientes típicos de residências de famílias de São Caetano, entre os dias 12 de julho e 30 de setembro. Foram expostos móveis de cozinha, dormitório e escritório, doados ao Museu ao longo dos anos.



Alegria

Depois de expor seus trabalhos na Pinacoteca Municipal em 2013, o artista plástico italiano Inos Corradin retornou a São Caetano do Sul com esta mostra, na qual exibiu esculturas em terracota, fiberglass, bronze e resina marmorizada. A visitação foi de 16 de julho a 23 de setembro, no Espaço do Forno.



Histórias dos motoristas: narrativas em quatro rodas

Esta exposição teve o objetivo de contar histórias de vida dos motoristas da cidade por meio de narrativas orais e fotografias. Foram entrevistados mais de 20 personagens envolvidos na função de motoristas dos vários bairros da cidade. O intuito também era valorizar essa categoria profissional tão importante para os moradores. A mostra foi visitada de 9 de setembro a 11 de outubro, no Espaço Cultural - Casa de Vidro.

Brinquedos da Infância de nossos Pais



Como parte das comemorações da 10ª Primavera dos Museus, promovida pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), que, neste ano, abordou o tema *Museus, Memória e Economia da Cultura*, o Museu Histórico Municipal promoveu, de 15 a 30 de setembro, esta mostra que reuniu brinquedos que fizeram parte do cotidiano infantil em meados do século passado.

Expedição Villare: as árvores do Espaço Verde Chico Mendes

Esta exposição, promovida no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, apresentou os resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Villare. A partir de uma situação-problema, organizadas em equipes de trabalho, as crianças desenvolveram uma série de investigações com o objetivo de mapear o Espaço Verde Chico Mendes e identificar algumas espécies de árvores que o compõe. Essa atividade permitiu a aprendizagem de muitos procedimentos de pesquisa e conhecimentos acadêmicos, bem como o estabelecimento de uma relação mais afetiva com a natureza. De 1º a 30 de outubro.



In the box



Mostra anual de trabalhos dos alunos de artes visuais das turmas de crianças e adolescentes do Ateliê de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, produzidos a partir de caixas de papelão. A exposição pôde ser visitada de 8 a 29 de outubro, no Espaço Cultural - Casa de Vidro.



Imagens, rosários e crucifixos

O Museu Municipal promove exposição de peças religiosas do culto católico, que pertenceram a moradores de São Caetano do Sul. Estão expostos quadros, imagens, estatuetas, terços, rosários e crucifixos. A mostra ficará em cartaz de 11 de outubro de 2016 a 6 de janeiro de 2017.

Um lugar, uma história A Cerâmica São Caetano

A mostra, constituída por oito painéis fotográficos, contempla variados temas, que vão desde os de natureza estrutural e econômica até os de ordem sociocultural, com ênfase, por exemplo, nos eventos que congregavam seus funcionários, momentos típicos de difusão das relações de sociabilidade e de descontração. A exposição apresenta, ainda, objetos e dados cronológicos referentes aos principais episódios da trajetória da Cerâmica. De 11 de outubro de 2016 a 31 de janeiro de 2017, no Espaço do Forno.





V Vitrine de Arte

Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul

A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul promove a quinta edição da *Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*, com obras de artistas residentes, nascidos ou que trabalhem em São Caetano do Sul. São trabalhos inéditos, produzidos a partir de 2013, em diversas temáticas, linguagens, técnicas e materiais. A mostra vai de 20 de outubro de 2016 até 30 de janeiro de 2017.

30 anos de SINPRO ABC

Por meio de informações históricas e fotografias, esta exposição pretende retratar os 30 anos do Sindicato dos Professores do ABC. O docente exerce um papel de destaque na formação do caráter, no desenvolvimento de habilidades, nas reivindicações sociais, nas atividades culturais e, principalmente, na transferência do conhecimento, transmitindo ao aluno a capacidade de pensar e transformar o mundo em que vive. A mostra pôde ser visitada de 7 de novembro a 9 de dezembro, no Espaço Cultural - Casa de Vidro.

São Caetano Retrô: memórias em preto e branco

Grandes transformações no patrimônio cultural ocorreram em São Caetano do Sul. Alguns conjuntos paisagísticos, saberes e modos de fazer, como eventos e costumes, se não fossem as fotografias para lembrá-los, estariam praticamente perdidos no tempo e no espaço. Trazer à tona e confrontar essas transformações culturais à luz das mudanças em curso é um dos objetivos desta mostra em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, ressaltando a importância do trabalho do Centro de Documentação Histórica da instituição. Com início em 3 de novembro, a mostra vai até 29 de janeiro de 2017.



O ponto de vida das mulheres e opressões cotidianas

A exposição reúne bordados livres no bastidor. Criados durante a oficina *História oral e o bordado: o ponto de vida das mulheres e opressões cotidianas*, ministrada por Maria Alencar, entre os meses de agosto e outubro. Cada bordado representa as narrativas individuais e coletivas das participantes. De 4 de novembro de 2016 a 14 de janeiro de 2017, no Museu Histórico Municipal.

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. O projeto tem como objetivo funcionar como complemento para a divulgação do acervo da Fundação Pró-Memória. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e cerca de 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em agosto, a Pró-Memória celebrou o Dia dos Pais, por meio de fotos de pais acompanhados por seus filhos em diferentes décadas. Em setembro, foi a vez de comemorar os 55 anos da Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti, criada em 1º de setembro de 1961. Em outubro, como não poderia deixar de ser, a mostra *Vitória nas urnas, alegria nas ruas: 68 anos da autonomia de São Caetano* relembrou este importante movimento cívico e político da cidade. Em novembro, por conta do Dia Mundial do Urbanismo (8 de novembro), a Pró-Memória apresentou diferentes construções da cidade, em épocas diversas, que marcaram a paisagem urbana do município. Para fechar o ano, foram festejados os 55 anos do Instituto Mauá de Tecnologia, seu desenvolvimento, inovação e excelência de ensino.



PROJETOS E PARCERIAS

Era uma vez uma escola...

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMIs e EMEIs) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficam permanentemente nas escolas, além de apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Pró-Memória. No segundo semestre de 2015, foram contempladas as EMIs (Escolas Municipais Integradas): Josefina Cipre Russo, Josefa da Cunha Leite, Claudio Musumeci e Fernando Pessoa.



Encontro com a História

A presença da matéria de história da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar. No total, cerca de 98 crianças foram atendidas entre julho e dezembro.



Parceria com o artista plástico Rafael Murió

Cores fortes e alegres da cultura nordestina, características da *street art* e grafismos africanos são algumas das influências presentes nos trabalhos do artista plástico Rafael Murió e que foram expostos de 28 de abril a 11 de junho na Pinacoteca

Municipal. Após participarem do projeto *Encontro com o Artista*, estudantes dos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio da Escola Municipal de Ensino Professor Vicente Bastos receberam a tarefa de produzir releituras das obras, como parte da 2ª Gincana Cultural Interdisciplinar e Esportiva. No dia 18 de agosto, ao lado da professora de educação artística Claudia Colonese e da coordenadora de eventos, Thenila Gimenez Scotá, Murió esteve na Pró-Memória para avaliar os resultados e eleger o seu preferido.

Reinauguração de painéis fotográficos da

Estação Ferroviária

Resgatar a história de São Caetano do Sul e levar esses registros para a população é a base do trabalho desenvolvido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. O resultado de toda essa pesquisa pode ser conferido nas exposições realizadas na cidade e projetos culturais locais. Seguindo essa linha, os 22 painéis fotográficos presentes no muro da Estação Ferroviária de São Caetano do Sul foram reinaugurados, no dia 21 de outubro, e receberam novas imagens históricas. A seleção das fotos foi baseada no tripé: transporte, indústria e pontos da cidade. Todos os painéis são permanentes e podem ser conferidos por quem transita entre a Estação Ferroviária e o Terminal Rodoviário Nicolau Delic.



ENCONTROS/PALESTRAS/OFFICINAS

História Oral e o Bordado: o ponto de vida das mulheres e opressões cotidianas

A oficina foi realizada entre os dias 9 de agosto e 25 de outubro, às terças-feiras, das 14h às 15h50, com o objetivo de resgatar a prática manual do bordado dentro de rodas de conversas, fomentadas com narrativas temáticas sobre opressões cotidianas sofridas pelas mulheres, proporcionando momentos de reflexão sobre o tema. Ministrada por Maria Alencar, orientadora do Viva Arte Teatro, da Secretaria Municipal de Cultura, a oficina ocorreu no Espaço Cultural - Casa de Vidro. Os bordados produzidos no decorrer dos encontros foram expostos no Museu Histórico Municipal a partir de novembro.



VISITAS

Direto de Franca, interior paulista, Atalie Rodrigues Alves, diretora do museu particular Laboratório das Artes, localizado na mesma cidade, visitou a Fundação Pró-Memória no dia 8 de julho. Além de conferir os trabalhos da exposição *Xilogravura - Vivências no Ateliê Pedagógico ano II*, então em cartaz no Espaço Cultural - Casa de Vidro, a artista plástica, ao lado da gravadora Marisi Mancini, e do professor e artista plástico Célio Rosa, aproveitou o passeio para interagir no projeto *Sextas com Arte*. A relação de Atalie com São Caetano é de longa data. Na década de 1970, quando ainda era estudante do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e aluna de Rosa, veio ao município para conhecer a Fundação das Artes de São Caetano e o ateliê de gravura do professor Paulo Menten (*in memo-*



riam). Anos depois e sempre atenta à programação cultural, retornou à cidade e ficou surpresa com todas as atividades promovidas.



No dia 26 de julho, cerca de 60 novos munícipes de São Caetano do Sul, entre crianças, jovens, adultos e idosos, participaram do projeto *Circuito Cultural*, que tem como objetivo realizar visita pelos espaços da Fundação Pró-Memória. O encontro teve início na Pinacoteca Municipal, e passou pelo Espaço Cultural - Casa de Vidro, pelo Museu Histórico Municipal, pelo Espaço do Forno e terminou no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. Muitos dos presentes afirmaram que era a primeira vez que circulavam por espaços culturais e aprovaram a iniciativa.

No dia 11 de agosto foi a vez de recebermos a visita do desenhista Numa-Junior e dos grafiteiros Carlos Alexandre Mick Junior (Monroe AB) e Thales Leme à exposição *Xilogravura – Vivências no Ateliê Pedagógico ano II*, em cartaz no Espaço Cultural – Casa de Vidro à época. Além de conferirem os trabalhos, os artistas aproveitaram a experiência e fizeram xilogravuras.



Em 18 de agosto, a Fundação Pró-Memória teve a honra de receber a visita do italiano Leo Pizzol, presidente da Fondazione Mostra Internazionale d'Illustrazione per l'Infanzia, localizada na região de Vittorio Veneto, província de Treviso, na Itália. Acompanhado por Márcia Gallo, Pizzol foi recebido pela jornalista Paula Fiorotti e conheceu parte das instalações da Fundação Pró-Memória e teve contato com diversas publicações da instituição. Antes da visita, Pizzol já havia se encontrado com a presidente da instituição, Sonia Xavier, e com o prefeito de São Caetano, Paulo Piniheiro, para discutir o “gemellaggio” (acordo firmado entre cidades), firmado entre São Caetano do Sul e Vittorio Veneto na década de 1990.



No dia 15 de setembro, o palhaço Cavadinha trouxe toda sua disposição e alegria para a Fundação Pró-Memória, onde conversou com a presidente da instituição, Sonia Maria Franco Xavier, e com o responsável pelo projeto *Sextas com Arte*, João Aberto Tessarini. Há 50 anos exercendo a profissão com maestria, Cavadinha relembrou passagens de sua carreira. Com agenda sempre lotada, o palhaço chegou a fazer 20 shows por semana e, até hoje, trabalha e leva alegria para muitas famílias.



Desmistificar a arte e mostrar como ela é usada nas mais variadas áreas. Essa foi a proposta do encontro realizado em 29 de setembro com cerca de 20 professores de todas as linguagens artísticas presentes nas escolas da rede municipal de ensino. Sob a orientação da coordenadora de projetos pedagógicos da instituição, Nair Duarte, e da arte-educadora Fabiana Cavalcante, os profissionais visitaram a Pinacoteca Municipal, onde tiveram oportunidade de analisar obras dos artistas Claudio Tozzi e Caciporé Torres, e o Espaço Cultural – Casa de Vidro, onde conferiram a exposição *História dos motoristas: narrativas em quatro rodas*, e onde também foram convidados, por João Alberto Tessarini, a produzir uma gravura coletiva.

Direto de Bauru, interior paulista, o colecionador de xilogravura, litogravura, serigrafia e acrílica sobre tela, Sergio Levy visitou no dia 29 de setembro a Pró-Memória. Após passar pela Pinacoteca Municipal, o colecionador conheceu o projeto *Sextas com Arte*, realizado no Espaço Cultural – Casa de Vidro, onde experimentou o prazer de fazer uma isogravura.



Livro

A História de São Caetano do Sul

Em 2015, a Fundação Pró-Memória lançou o livro *A História de São Caetano do Sul*, em parceria com a escritora Nereide S. Santa Rosa e a ilustradora Roberta Giotto, voltado aos alunos do 3º ano de ensino fundamental das escolas municipais, que estudam a temática em sala de aula. Em 2016, uma segunda edição foi impressa e distribuída ao longo do segundo semestre, ampliando o número de estudantes atendidos, que não se restringiu aos da rede pública. Entre as escolas contempladas com a entrega do livro neste ano estão: Sesi (Serviço Social da Indústria), Colégio Singular, Externato Santo Antonio, Grupo Fênix de Educação, Colégio Eduardo Gomes, Colégio Ateneu e Instituto de Ensino Sagrada Família.



Com base no livro *A História de São Caetano do Sul*, alunos dos terceiros anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Ângelo Raphael Pellegrino montaram a exposição *Revivendo a História de São Caetano do Sul nas Olarias*. Para prestigiar todo esse trabalho, no dia 19 de outubro, a equipe da Pró-Memória visitou a escola e ficou surpresa com o trabalho desenvolvido. Registros fotográficos, esculturas e até gravação em DVD com relatos históricos sobre o município fizeram parte da mostra e do projeto de estudo local.



68 ANOS DA AUTONOMIA DE SÃO CAETANO

A Fundação Pró-Memória participou de diversos eventos promovidos como parte da programação dos 68 anos da autonomia de São Caetano do Sul, idealizada pelo Gama (Grupo de Amigos do Movimento Autonomista). Em 16 de setembro, ocorreu encontro dos autonomistas com professores de história. De 19 de setembro a 14 de outubro, foi realizado o concurso de redação com o tema *História da Autonomia*. Em 15 de outubro, uma homenagem aos seis autonomistas vivos foi organizada, contando também com a presença de familiares dos 89 autonomistas já falecidos. Em 18 de outubro, foi realizado ato solene na Câmara Municipal. Em 23 de outubro, foi celebrada a Missa da Autonomia, na Igreja Matriz Sagrada Família. De 24 a 30 de outubro, houve a publicação do banner virtual da autonomia na TV Digital do ParkShopping São Caeta-



no. E, para encerrar, no dia 25 de outubro, foi feito um encontro de alunos, pais e professores para palestra sobre a autonomia e reconhecimento do concurso de redação.

CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (PPMCS)



Conselheiros e corpo técnico da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em visita à exposição *Pinacoteca 10 Anos*, em 20 de fevereiro de 2013. Posam para foto, a partir da esquerda: Luiz Romano, Breno Diorrener Pereira, João Alberto Tessarini, Fabiana Cavalcante, João Tarcísio Mariani, Francisco José Gripp Bastos, Sonia Maria Franco Xavier (presidente), Monica Iafrate, Cristina Toledo de Carvalho, Kátia Valéria Gomes de Souza, Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, André Bezerra Chaves e Wagner Antonio Natale

Foto/Antônio Reginaldo Cariboni (PPMCS)



Reunião do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, realizada em 7 de novembro de 2016. Da esquerda para direita, observam-se: Luiz Romano, Breno Diorrener Pereira, João Tarcísio Mariani, Francisco José Gripp Bastos, Monica Iafrate, Sonia Maria Franco Xavier (presidente), Eva Bueno Marques, Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, André Bezerra Chaves e Everton Calício

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Sede Administrativa

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula

09541-520 - São Caetano do Sul - SP

Telefone/Fax: (11) 4223-4780

Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula

09541-520 - São Caetano do Sul - SP

Telefone: 4223-4780

Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



Centro de Documentação Histórica

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula

09541-520 - São Caetano do Sul - SP

Telefone: 4223-4780

Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122 | Bairro da Fundação

09520-510 - São Caetano do Sul - SP

Telefone: 4229-1988

Funcionamento: de segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h, e sábado, das 9h às 13h



Salão Expositivo – Espaço Verde Chico Mendes

Avenida Fernando Simonsen, nº 566 | Bairro São José

09540-230 - São Caetano do Sul - SP

Funcionamento: de terça a sábado, das 8h às 17h,
e domingo, das 9h às 16h



Espaço Cultural – Casa de Vidro

Praça do Professor (altura da Av. Goiás, nº 1.111)

Bairro Santa Paula

Funcionamento: de segunda a sexta, das 9h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



Espaço do Forno

Praça do Forno do Espaço Cerâmica | Bairro Cerâmica

(acesso pela Rua Casemiro de Abreu)

Funcionamento: de terça a sábado, das 14h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



FPM@FPM.ORG.BR

WWW.FPM.ORG.BR

WWW.FACEBOOK.COM/PROMEMORIA.CAETANO

WWW.INSTAGRAM.COM/FPMSCS_OFICIAL/

PROMEMORIASAOCAETANO.BLOGSPOT.COM.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE